

**A ORAÇÃO QUE CURA: OLHARES E
VIVÊNCIAS DE BENZEDORES(AS)
NO MUNICÍPIO DE TEFÉ/AM**

ADRIANA NONATO BRAGA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS - PPGICH

ADRIANA NONATO BRAGA

A ORAÇÃO QUE CURA: OLHARES E VIVÊNCIAS DE BENZEDORES(AS) NO
MUNICÍPIO DE TEFÉ/AM

TEFÉ – AM
2024

ADRIANA NONATO BRAGA

**A ORAÇÃO QUE CURA: OLHARES E VIVÊNCIAS DE BENZEDORES(AS) NO
MUNICÍPIO DE TEFÉ/AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, como requisito para obtenção de título de Mestra em Ciências Humanas, com ênfase na linha de pesquisa: Espaços, memórias e configurações sociais / Crítica, interpretação e história das formas da arte.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Cristiane da Silveira

**TEFÉ - AM
2024**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pela autora.
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

Bibliotecária responsável: Sáshala Maciel CRB11/673-AM

B813ao Braga, Adriana Nonato

A Oração que Cura: Olhares e Vivências de Benzedores(as) no Município de Tefé/AM/ Adriana Nonato Braga. Manaus: [s.n], 2024.
168 f.: color.; 29 cm.

Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
Inclui bibliografia.
Orientadora: Silveira, Cristiane da

1. Benzeção. 2. Ressignificação. 3. Benzedores(as). 4. Tefé/AM. I Silveira, Cristiane da (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas III. A Oração que Cura: Olhares e Vivências de Benzedores(as) no Município de Tefé/AM.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – www.uea.edu.br

Biblioteca Setorial de Artes e Turismo
Av. Leonardo Malcher, 1728 – Ed. Professor Samuel Benchimol
Centro – CEP 69010-170 – Manaus-AM.

ADRIANA NONATO BRAGA

**A ORAÇÃO QUE CURA: OLHARES E VIVÊNCIAS DE BENZEDORES(AS) NO
MUNICÍPIO DE TEFÉ/AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas em Teoria, História e Crítica da Cultura.

Dissertação defendida e aprovada no dia 10 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane da Silveira
Orientadora
Presidente (PPGICH/UEA)

Profa. Dra. Veronica Prudente Costa
(Membro Interno/ PPGICH/UEA)

Prof. Dr. Gilvani Alves de Araújo
(Membro Externo/IFAM)

DEDICATÓRIA

Dedico este momento especial a toda minha família, meu porto seguro. Em particular, gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu pai, Orivaldo Nonato, que é um exemplo de pessoa para mim. Mesmo diante das dificuldades, você nunca deixou de me amparar em todos os dias. Aos meus amados filhos, Estrellinha e Arthuzinho, e ao meu companheiro querido e amado, Ebson Braga, meu sincero agradecimento por estarem sempre ao meu lado. Não posso deixar de mencionar meu irmão, Marcos Daniel, pelo apoio constante e ajuda inestimável. Juntos, vocês tornam minha jornada mais significativa e especial. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram, tanto de forma direta quanto indireta, para a realização deste trabalho:

Em primeiro lugar, expresso minha gratidão a Deus pela dádiva da vida. Senhor, a Ti que és o Criador de tudo o que sou e possuo, dedico meu caminho, pedindo que eu sempre siga e faça a Tua vontade, e que minhas ações glorifiquem o Teu Nome. Agradeço, Pai, por me fortalecer em todos os momentos, por me sustentar quando pensei que não conseguiria, quando as incertezas me assombravam. O Senhor tem sido constante ao meu lado.

À minha amada família, cujo apoio incondicional foi minha âncora durante todo o percurso. Em especial aos meus filhos, Ágatha e Arthur que me motivam a nunca desistir, ao meu esposo Ecton que tem sido meu companheiro durante minha trajetória acadêmica e na vida, nos bons e maus momentos. Sem vocês eu não conseguiria chegar até aqui.

Aos dedicados(as) professores(as) do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), cuja expertise e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Suas contribuições foram inestimáveis para o meu crescimento quanto mestranda.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, na pessoa da professora Dra. Lúcia Marina Puga, agradeço por me acolher tão bem.

À minha orientadora, professora Dra. Cristiane, agradeço pelo acompanhamento e pelas contribuições. Sou grata pelos ensinamentos para a conclusão desta pesquisa.

Ao professor Dr. Luciano Teles pelo apoio inestimável durante o período de estágio. Sua orientação e supervisão foram fundamentais para o meu crescimento profissional, agradeço pela disposição sempre presente em orientar e auxiliar em minhas atividades, mostrando-se sempre atencioso e prestativo. Sua dedicação em compartilhar conhecimento e experiência foi um diferencial que valorizei profundamente. Você não apenas se destaca como um profissional exemplar, mas também como um ser humano que inspira pelos seus valores e conduta. É um verdadeiro exemplo a ser seguido, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal.

A banca examinadora, Profa. Dra. Veronica Prudente Costa e Prof. Dr. Gilvani Alves de Araújo pelas valiosas contribuições que foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho. Agradeço por fazerem parte deste processo de construção do conhecimento científico, enriquecendo-o com suas análises e sugestões.

Ao Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), por oferecer o ambiente propício para o desenvolvimento acadêmico e os recursos necessários para a realização deste estudo.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, que viabilizou a concretização deste projeto.

As minhas colegas da turma 2022/1 do PPGICH em especial a Estefany Silva, Adriane Gonçalves e Estefanny Martins, começamos juntas nossa trajetória no mestrado e passamos por diversos momentos que nos uniram. Agora, chegamos ao final dessa jornada. Desejo sucesso a todas nós.

Gostaria de dedicar também algumas palavras a vocês, invasores que no momento da defesa desta dissertação tentaram atrapalhar a divulgação do conhecimento científico que esta propõe. Sei que seus intentos foram de abalar e perturbar, mas devo lhes agradecer por mostrar ainda mais o quanto esta temática é importante. Em meio ao caos que tentaram criar, encontrei força interior que me impulsionou a permanecer firme, concentrada e determinada. Suas ações, ao invés de me enfraquecer, fortaleceram minha determinação em alcançar meus objetivos. Agradeço por terem me dado a oportunidade de provar minha resiliência e capacidade de lidar com adversidades. Vocês me fizeram perceber que, mesmo diante de desafios inesperados, posso manter minha calma e foco. Que este episódio sirva como um lembrete de que os obstáculos só têm o poder de nos deter se permitirmos. Minha gratidão por me ajudarem a reforçar minha determinação e a valorizar ainda mais meus sonhos e conquistas.

Gostaria expressar meus sinceros agradecimentos aos(as) benzedores(as) que participaram desta pesquisa, Maria do Perpétuo Santos da Gama, Milton Braga de Lima e Edson Mesquita da Silva. A colaboração de vocês foi fundamental para a realização deste estudo. Agradeço pela disposição em compartilhar suas trajetórias e seus saberes, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento científico sobre a benzeção, uma prática ancestral.

A todos que de alguma forma indireta ou direta contribuíram para este trabalho, os meus singelos agradecimentos. Este é um marco significativo em minha jornada acadêmica como mestranda, cada um de vocês desempenharam um papel fundamental. Obrigado por fazerem parte desta conquista.

RESUMO

Este estudo investiga a benzeção em Tefé-AM, analisando seus processos de ressignificação como um fenômeno complexo e dinâmico, explorando as trajetórias e ritos dos(as) benzedores(as). Os termos benzer, benzeção, benzimento e benzedura foram utilizados de forma intercambiável para descrever práticas ancestrais de cura espiritual presentes na cultura brasileira. Utilizou-se a abordagem qualitativa com o foco na História Oral com três benzedores(as). Segundo Cordeiro (2017), Cunha (2018), Friedrich, (2012), Silva (2010a, 2013), e Trindade (2011, 2015), as práticas dos(as) benzedores(as) são fundamentais na preservação e promoção da benzeção, mantendo, assim, a cultura local no contexto em que esses indivíduos estão inseridos. Ao reconhecer as dimensões da prática do benzimento, esta pesquisa proporciona uma apreciação e uma conscientização sobre a relevância desse ritual na construção das identidades dos(as) benzedores(as). Este estudo mergulha nas vivências, crenças e práticas espirituais dos(as) benzedores(as) Maria, Mesquita e Milton. Ao explorar as convicções desses indivíduos, a pesquisa propõe uma interconexão entre a cura, o benzimento e suas orações. As trajetórias individuais dos(as) benzedores(as) destacam a diversidade de experiências e crenças presentes nesse contexto. Os(as) benzedores(as), oferecem contribuições únicas para a compreensão das transformações da benzeção ao longo do tempo. Essas trajetórias de diversidade, experiências e crenças, enfatiza a interação entre fé, prática espiritual e necessidades individuais.

Palavras-chave: Benzeção; Ressignificação; Benzedores(as); Tefé/AM.

ABSTRACT

This study investigates the practice of "benzeção" in Tefé-AM, analyzing its processes of resignification as a complex and dynamic phenomenon, exploring the trajectories and rituals of the "benzedores" (those who perform the benzeção). The terms "benzer," "benzeção," "benzimento," and "benzedura" were used interchangeably to describe ancestral spiritual healing practices present in Brazilian culture. A qualitative approach was used with a focus on Oral History with three "benzedores." According to Cordeiro (2017), Cunha (2018), Friedrich (2012), Silva (2010a, 2013), and Trindade (2011, 2015), the practices of "benzedores" are fundamental in preserving and promoting "benzeção," thus maintaining the local culture within the context in which these individuals are embedded. By recognizing the dimensions of the "benzimento" practice, this research provides an appreciation and awareness of the relevance of this ritual in shaping the identities of "benzedores." This study delves into the experiences, beliefs, and spiritual practices of "benzedores" Maria, Mesquita, and Milton. By exploring these individuals' convictions, the research proposes an interconnection between healing, "benzimento," and their prayers. The individual trajectories of "benzedores" highlight the diversity of experiences and beliefs present in this context. "Benzedores" offer unique contributions to understanding the transformations of "benzeção" over time. These trajectories of diversity, experiences, and beliefs emphasize the interaction between faith, spiritual practice, and individual needs.

Keywords: Blessing; Resignification; Healers; Tefé/AM.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Brasil, em destaque o estado do Amazonas e o município de Tefé.....	18
Figura 2. Benzedores(as) da pesquisa	19
Figura 3. Garrafadas medicinais.....	38
Figura 4. Ilustração do sinal da Cruz.....	65
Figura 5. Pinhão-roxo, com ênfase em suas folhas	68
Figura 6. Benzedora Dona Dinha, benzendo.....	70
Figura 7. Benzedora Dona Dinha, final a benzeção	70
Figura 8. Benzedor Seu Milton	76
Figura 9. Local onde é realiza as práticas da benzeção, pelo benzedor Seu Mesquita.	77
Figura 10. Planta medicinal, Mastruz.....	88
Figura 11. Planta medicinal, Carrapateira	88
Figura 12. Planta medicinal, João-mole	88
Figura 13. Benzedora Dona Dinha	102
Figura 14. Benzedor Seu Milton	104
Figura 15. Benzedor Seu Mesquita	105
Figura 16. Vassourinha.....	127
Figura 17. Garrafada feita por Dona Dinha.....	128
Figura 18. Casca do Uxi-Amarelo embalado	128
Figura 19. Leite de Rosas utilizado por Dona Dinha e Seu Mesquita.....	141
Figura 20. Liquidificador de Dona Dinha	141
Figura 21. Ralador caseiro.....	141
Figura 22. Benzedora Dona Dinha início do benzimento	152
Figura 23. Benzedora Dona Dinha no fim do benzimento.....	152

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
ESF	Estratégia de Saúde da Família

LISTA DE QUADRO

Quadro 1. Quadro Comparativo de Benzedores(as): Tradições e Práticas	71
Quadro 2. Plantas utilizadas pelos(as) benzedores(as) Dona Dinha e Seu Mesquita	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – A ANCESTRALIDADE DOS POVOS AMAZÔNIDA: IDENTIDADE, MEMÓRIAS E TRADIÇÕES.....	22
1.1 A Benzeção dos Povos Originários: Tradição, história e espiritualidade.....	23
1.2 Identidades Entrelaçada nas Práticas dos(as) Benzedores(as).....	37
1.3 A Resistência das Práticas dos(as) Benzedores(as) na Atualidade	50
CAPÍTULO II – OS(AS) BENZEDORES(AS) DE TEFÉ: FÉ E SABERES	64
2.1 A interação entre Fé e Natureza no Rito do Benzimento	65
2.2 Crença dos(as) Benzedores(as): Entre o Divino e o Ser Humano.....	78
2.3 A Benzeção como Parte da Cultura dos Povos Amazônico que a Praticam	89
CAPÍTULO III – ENTRE REZAS E EXPERIÊNCIAS: BENZER A PARTIR DA TRAJETÓRIA DOS(AS) BENZEDORES(AS).....	100
3.1 Histórias de Vida dos(as) Benzedores(as) na Amazônia.....	101
3.2 As Plantas Medicinais Utilizadas pelos(as) Benzedores(as)	116
3.3 Cura, Benzimento, Orações e o Sagrado: Um encontro de elementos	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
REFERÊNCIAS	158
ANEXOS	165

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como propósito investigar a prática de benzeção no município de Tefé-AM, além dos seus processos de ressignificação é investigado as trajetórias e ritos dos(as) benzedores(as). A pesquisa fundamenta-se nas narrativas dos(as) benzedores(as), buscando destacar suas histórias, influências e costumes envolvidos em seus ritos da benzeção. Apesar do benzimento ser estudado dentro do contexto Amazônico, por autores como Beltrão Júnior (2013), Cavalcante (2020), Castro (2020), Cordeiro (2017), Maciel e Guarim Neto (2006), Rubem (2022), Salgado (2016), Trindade (2011, 2015) e Vaz Filho (2016), na cidade de Tefé constatou-se poucos registros científicos que poderiam demonstrar a conexão entre a fé dos(as) benzedores(as) e a sua prática da benzeção, incluindo seus ritos, orações e as suas crenças.

De antemão, para este estudo é fundamental esclarecer que as expressões: benzer, benzeção, benzimento e benzedura são frequentemente utilizados de forma equivalente para se referir as práticas ancestrais de cura espiritual que se faz presente na cultura brasileira. Embora possam existir variações regionais e nuances específicas em cada um desses termos, todos eles compartilham uma base comum de crenças e rituais voltados para o alívio de males físicos, mentais e espirituais.

A benzeção é o ato específico de conferir uma bênção, proteção ou cura por meio de preces e gestos sagrados, exemplos comuns incluem orações com as mãos em determinadas posições. Esses gestos são frequentemente vistos como uma expressão externa da devoção, reverência ou comunhão com o sagrado dentro de uma tradição religiosa específica. Muitas vezes associada a momentos importantes na vida, como em enfermidades. De forma semelhante, o benzimento também é utilizado para descrever o processo de aplicação das bênçãos e curas, frequentemente através de gestos simbólicos, como fazer o sinal da cruz (Monserrat *et al.*, 2018) ou usar elementos naturais, como água e ervas.

A benzedura é uma prática que engloba todas as ações e rituais relacionados à bênção e cura, frequentemente conduzida por indivíduos com conhecimento e habilidades nos campos espiritual e da medicina popular¹. Essa tradição abrange uma ampla variedade de abordagens, desde a utilização de orações tradicionais até a criação de preces pessoais para casos específicos. A diversidade de métodos empregados destaca a riqueza cultural e a adaptabilidade dessa prática ao longo do tempo, demonstrando a interseção entre crenças espirituais e conhecimentos populares na busca por bem-estar e cura.

¹ A medicina popular é um conjunto de saberes, práticas e convicções relacionados à saúde e ao bem-estar, transmitidos por gerações, através da tradição oral. Essa modalidade tem uma longa história de aplicação em diferentes partes do mundo e é especialmente prevalente em áreas rurais e comunidades indígenas (Silva, 2010a).

Embora os termos relacionado ao benzimento possam ser usados de maneira similar, é fundamental reconhecer que esse costume representa um significado para grupos sociais, servindo como uma fonte de consolo, esperança e cura. Portanto, seja qual for a expressão utilizada, benzer, benzeção, benzimento ou benzedura, todas tem o propósito de cura, alívio e proteção, muitas vezes ancorada em crenças espirituais conectada nas tradições ancestrais. Contudo, é essencial compreender a riqueza e a diversidade deste saber ancestral ao explorar esse campo de saberes e espiritualidade.

Benzer envolve o ato de aplicar orações, gestos simbólicos e, em alguns casos, objetos considerados sagrados, a exemplo o crucifixo², com o objetivo de auxiliar no afastamento ou cura de doenças e males espirituais, diversos métodos e práticas têm sido empregados ao longo da história. A busca por meios que possam proporcionar alívio físico e espiritual é uma constante na experiência humana, refletindo a necessidade de compreender e lidar com as complexidades da saúde e do bem-estar (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020). Essa prática é conduzida por indivíduos dotados de habilidades espirituais, tais como os(as) benzedores(as), que detêm o conhecimento transmitido ao longo de suas gerações.

Diante disto, este estudo foi motivado pelo fato de que, embora os(as) benzedores(as) sejam comuns em várias regiões do estado do Amazonas, a origem da benzeção ainda permanece desconhecida para muitas pessoas. Portanto, não há como relatar a origem da prática da benzeção, no entanto, autores como Nery (2006, p. 2) menciona que “[...] o ato de benzer, ou de curar, é a ritualização das coisas da fé, onde muitas vezes se misturam o sagrado e o profano. Herança dos portugueses que ao chegarem ao Brasil sofreram influências dos índios e, posteriormente, dos africanos”. Por outro lado, Di Stasi (1996) relata que a prática do benzimento é herdado de magos e feiticeiros.

Portanto, tornou-se necessário traçar um panorama da benzedura, proporcionando o entendimento do significado e as percepções dos(as) benzedores(as) em relação à cura. Deste modo, este estudo surgiu a partir do interesse em compreender e valorizar o costume tradicional que faz parte da cultura de alguns povos originários e que ainda se mantém presente na contemporaneidade. Reconhecer a importância do costume de benzer proporciona uma visão geral da diversidade de saberes e cuidados com a saúde que existem em nossa sociedade (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020).

² O crucifixo é um símbolo cristão que representa a crucificação de Jesus Cristo, um evento central na narrativa da Paixão e morte redentora de Jesus. Consiste em uma representação artística ou esculpida de Jesus na cruz, frequentemente incluindo um corpo crucificado e um suporte transversal sobreposto ao vertical. Este símbolo é amplamente utilizado na iconografia cristã e serve como um lembrete da morte de Jesus como sacrifício pelos pecados, bem como um símbolo de esperança e redenção para os cristãos (Eckel, 2020).

Com o intuito de direcionar a pesquisa, foram estabelecidas as seguintes questões problemáticas: Como o benzimento se mantém presente na contemporaneidade? De que forma a natureza se interliga com esse costume? Qual a importância da fé (religião) dentro da prática da benzeção dos(as) benzedores(as)?

Na contemporaneidade, ainda é possível ter relatos que como de Trindade (2011, 2015) que a prática da benzeção se faz presente, impulsionada pela busca humana pelo bem-estar físico e espiritual. Essa conexão com a natureza é destacada pela utilização de elementos naturais, refletindo valores transmitidos ao longo das gerações e os conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Assim, o benzimento é visto como uma evolução adaptativa ao longo do tempo, incorporando influências culturais. No entanto, ele permanece como uma expressão dinâmica da relação entre espiritualidade, natureza e cultura na busca pela cura.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, uma vez que se concentra na compreensão de aspectos subjetivos dos(as) benzedores(as), incluindo seus comportamentos, espiritualidade, ideias e pontos de vista. Vieira (2010, p. 90) relata que “[...] a natureza da pesquisa qualitativa exige um olhar aprofundado do contexto e do local em que é executada e, também, uma interação entre o pesquisador e o objeto”.

O marco inicial deste estudo foi realizado a partir da pesquisa bibliográfica explorando estudos, em banco de dados científicos, com o intuito de contextualizar o benzimento, bem como relatos dos(as) benzedores(as), proporcionando uma base teórica sólida para o estudo. Prodanov e Freitas (2013, p. 54) relata que “[...] é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar”.

Além disso, Prodanov e Freitas (2013) explicam que a realização de uma pesquisa bibliográfica é o primeiro passo essencial para iniciar uma pesquisa de campo. Sendo assim, foi necessário realizar a pesquisa de campo para identificar os colaboradores da pesquisa que praticam o benzimento na região. “[...] por meio da pesquisa de campo, com a finalidade de estabelecer relações entre os dados e descobrir padrões de respostas que podem contribuir para a solução do seu problema de pesquisa” (Vieira, 2010, p. 110).

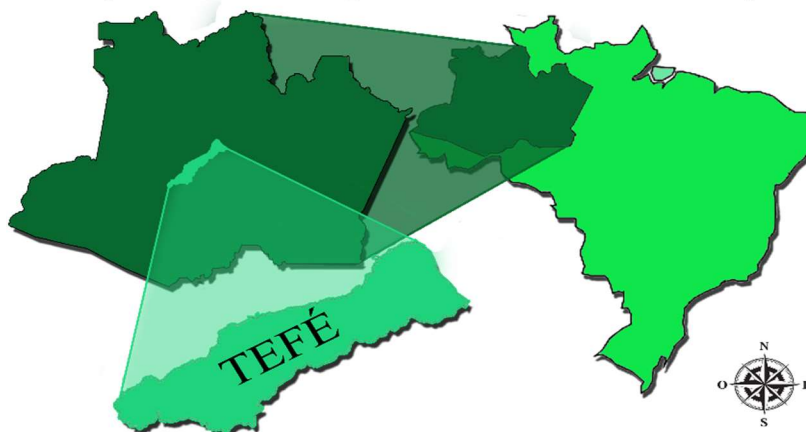
A pesquisa de campo ocorreu em três fases: inicialmente, realizou-se uma busca por benzedores(as) atuantes da prática na cidade. Na segunda etapa, foram efetuadas visitas preliminares, visando verificar o interesse em participar da pesquisa e conhecer mais a respeito das práticas da benzeção, dos(as) benzedores(as). Na terceira fase, conduziu-se as entrevistas após as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os colaboradores da pesquisa foram convidados a assinar (Anexo I). A pesquisa recebeu aprovação

do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Destacando que os participantes da pesquisa foram informados de que possuíam total liberdade para retirar ou desistir de suas entrevistas.

Como instrumento para a coleta de dados, adotou-se um questionário (Roteiro de Entrevista - Anexo II), com o intuito de compreender a perspectiva dos(as) benzedores(as) em relação às suas práticas. O questionário abordou perguntas abertas, como, os métodos utilizados, os desafios enfrentados e a interação entre o benzimento e a cultura local. Segundo Andrade (2010, p. 135), “As perguntas abertas dão mais liberdade de resposta, proporcionam maiores informações”.

O estudo foi realizado com três benzedores(as), residentes do município de Tefé, cidade localizada no interior do estado do Amazonas, região norte do Brasil (Figura 1). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), Tefé possui uma população estimada de 73.669 habitantes e uma área territorial de cerca de 23.704 km².

Figura 1. Mapa do Brasil, em destaque o estado do Amazonas e o município de Tefé



Fonte: Adaptado de IBGE (2022).

As entrevistas foram conduzidas no período de setembro e outubro de 2023, com os colaboradores da pesquisa: a benzedora, Dona Maria do Perpétuo Santos da Gama, conhecida como “Dona Dinha³” (77 anos), com uma duração de 124 minutos. O benzedor e médium⁴, Milton Braga de Lima, conhecido como “Seu Milton⁵” (79 anos), com a duração de 93 minutos.

³ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de setembro de 2023, na cidade de Tefé, Amazonas.

⁴ Segundo algumas crenças religiosas, em particular o Espiritismo, considera-se médium aquele que consegue estabelecer comunicação com o mundo espiritual. O médium é alguém que atua como um condutor de energias, desempenhando um papel fundamental nesse processo. Esse conceito está intimamente ligado aos sentidos. Portanto, quando nos referimos a uma pessoa sensitiva, estamos, na verdade, falando de um médium, alguém que faz a intermediação entre o plano físico, onde vivem os seres humanos, e o plano espiritual, onde residem os espíritos (Oliveira; Campigoto; Schoerner, 2015).

⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 24 de outubro de 2023, na cidade de Tefé, Amazonas.

E o benzedor e rezador⁶, Edson Mesquita da Silva, conhecido como “Seu Mesquita⁷” (68 anos), com a duração de 112 minutos. Durante a entrevista utilizou-se o gravador de voz, com o intuito de transcrever por completo as falas dos(as) benzedores(as).

Os(as) benzedores(as) são figuras únicas, cada um com suas práticas e costumes distintos (Figura 2), Seu Milton, traz em sua jornada espiritual, guiado entre o mundo material e espiritual, influenciado pelas entidades que o escolheram para esta missão. Sua história é uma narrativa de transcendência e síntese espiritual, entrelaçada com seres invisíveis que conectam o divino a este plano terreno. Como benzedor, sua fé é multifacetada, abrangendo o espiritismo, o mundo sobrenatural e a riqueza cultural da Amazônia. Para Dona Dinha, a fé é um elo que a conecta ao cuidado com as outras pessoas. Em sua trajetória de espiritualidade e benção é marcada pela sua religião, assim como é manifestada através do amor ao próximo e da dedicação em ajudar aqueles que buscam conforto e cura. Em suas vivências no ato de benzer é marcada pela compaixão e pelo desejo de auxiliar os necessitados. Seu Mesquita, vê o ato de benzer como mais do que simplesmente proporcionar a cura; é uma expressão de sua necessidade diária de ajudar. Sua trajetória de espiritualidade é enraizada na crença de que a benzedura é uma forma de auxiliar aqueles que buscam alívio e solução para seus problemas. Sua jornada espiritual é impulsionada pelo desejo de ser um canal de ajuda e apoio para aqueles que o procuram.



Legenda: Da esquerda para direita benzedora Dona Dina, benzedor Seu Mesquita, e benzedor Seu Milton.

Como abordagem metodológica, visando a compreensão da prática da benção foi adotado a história oral. Nesta perspectiva, buscou-se registrar as narrativas dos(as) benzedores(as), contribuindo para a preservação e entendimento das tradições e conhecimentos

⁶ O rezador é uma prática que frequentemente é associada ao curandeirismo e tem como objetivo a cura de uma pessoa doente. Nessa prática, são realizados gestos, frequentemente acompanhados pelo uso de ervas que são alegadamente dotadas de poderes sobrenaturais, enquanto se recita uma prece (Conceição, 2012).

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Tefé, Amazonas.

desses indivíduos. Essa abordagem permitiu a captura e o registro da riqueza das experiências individuais e coletivas dos(as) benzedores(as), oferecendo uma visão ampla e contextualizada de suas práticas e crenças (Alberti, 2005; Miranda; Fonseca, 2020).

Essa metodologia configura-se como uma abordagem de pesquisa que se baseia na coleta e análise de relatos e testemunhos dos(as) benzedores(as), sobre eventos históricos, experiências de vida e memórias pessoais, tendo em vista que muitas vezes essas figuras são excluídas da narrativa oficial, e esse método pode proporcionar introduzi-los de forma mais significativa na história. Além disso, a história oral permite que os(as) benzedores(as) sejam protagonistas de suas próprias experiências de vida, valorizando suas perspectivas e saberes. Com entrevistas e depoimentos pessoais, é possível detalhar as práticas e emoções, enriquecendo a compreensão do benzimento (Alberti, 2005).

Essa abordagem enriquece o entendimento das tradições culturais, permitindo que os(as) benzedores(as) relatem suas vivências. Isso ajuda a desmitificar ideias frequentemente simplificadas e contribui para evitar julgamentos errôneos ou injustos. Ao promover o compartilhamento do conhecimento popular, incluindo práticas, rituais, histórias e crenças, a história oral contribuiu na preservação e na valorização do benzimento (Le Vem *et al.*, 1997).

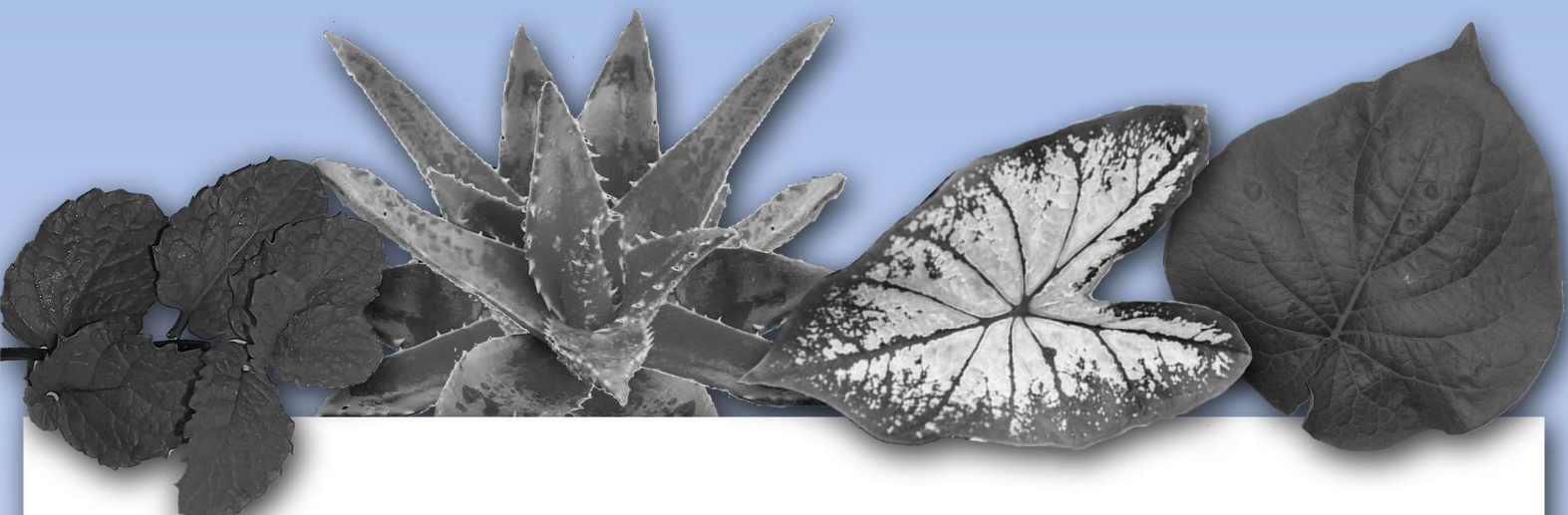
A história oral, foi essencial, pois somente por meio dela foi possível ter acesso às trajetórias e práticas dos(as) benzedores(as), tornando assim possível obter um contexto mais amplo e realizar análises das narrativas coletadas. Foi através da história oral que as trajetórias foram construídas e narradas pelos(as) benzedores(as). Diferentes fontes podem corroborar ou fornecer perspectivas adicionais sobre os eventos ou experiências narradas pelos(as) benzedores(as), promovendo uma compreensão mais holística (Scarpim; Trevisam, 2018). A complementaridade da história oral destaca as vozes individuais de cada benzedor(a), oferece um panorama geral e estruturado. Assim, ao utilizar essa metodologia, é possível construir uma narrativa histórica mais completa e fiel à diversidade de experiências ao longo do tempo (Scarpim; Trevisam, 2018).

No que diz respeito à estrutura da dissertação, esta foi organizada em três capítulos. O capítulo I, **“A Ancestralidade dos Povos Amazônida: Identidade, Memórias e Tradições”**. Trata-se de uma descrição nas relações da identidade dos povos amazônida, explorando como ela se interliga de maneira íntima com as práticas dos(as) benzedores(as). Ao examinar a benzeção dos povos originários, mergulhamos na rica história e espiritualidade que permeiam essa prática, destacando os(as) benzedores(as) como protagonistas da cultura amazônica. Investiga-se a resistência das práticas dos(as) benzedores(as) na contemporaneidade e como esses agentes culturais resistem a modernidade.

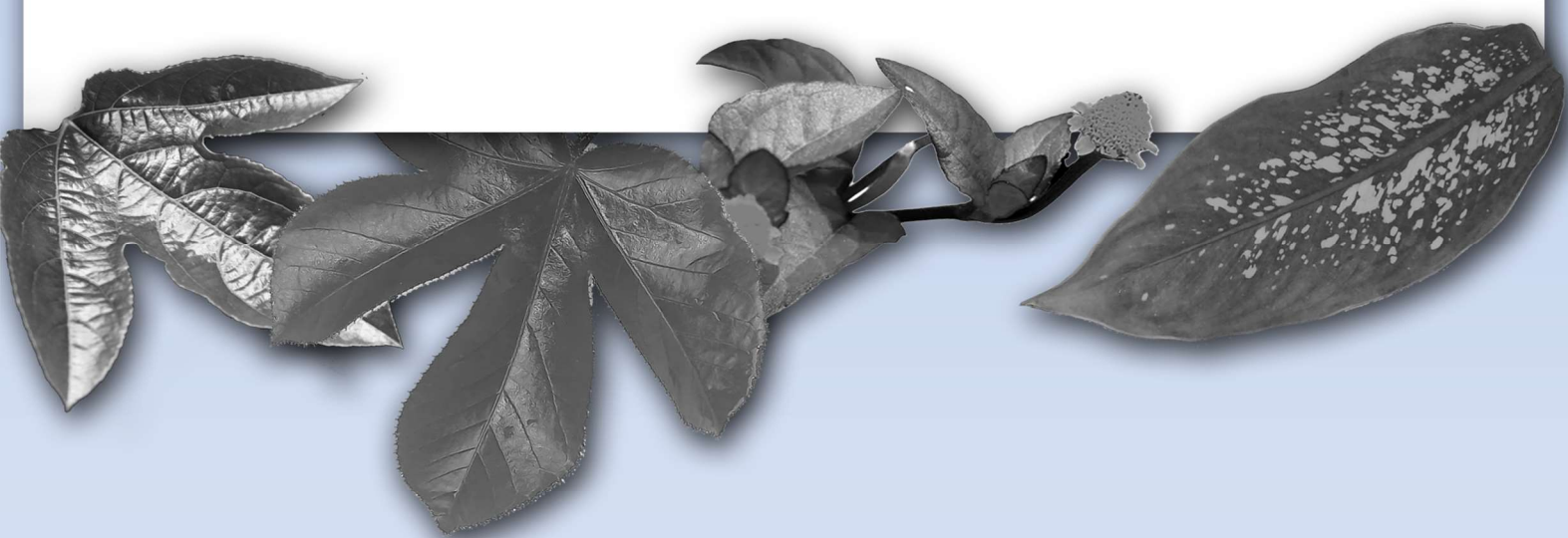
O capítulo II, **“Os(as) Benzedores(as) de Tefé: Fé e Saberes”**, ressalta que a região de Tefé, onde os(as) benzedores(as) surgem como os protagonistas carregados de fé e saberes, são exemplos vivos da interconexão entre tradição cultural e práticas espirituais na busca pelo bem-estar e cura. Analisa-se a interação entre a fé e a natureza no rito do benzimento, demonstrando como esses dois elementos se cruzam de forma equilibrada com a espiritualidade e o mundo material. Além disso, explora-se a benzeção como parte integral da cultura dos povos que a praticam e como ela se insere nos rituais cotidianos e celebrações. Uma atenção especial é dedicada às plantas medicinais utilizadas pelos(as) benzedores(as), destacando o conhecimento botânico que se entrelaça com a prática espiritual.

No capítulo III, **“Entre Rezas e Experiências: Perspectiva da Benzedura a partir da Trajetória dos(as) Benzedores(as)”**, traz as trajetórias dos(as) benzedores(as), transformando suas histórias em narrativas vivas da Amazônia. Explora-se a riqueza da história dos(as) benzedores(as) na região, e como eles(as) personificam a conexão entre o divino e o ser humano. A crença e resistência desses agentes são dissecadas, destacando como eles enfrentam desafios, mantendo viva a chama da tradição. É apresentada a ligação da cura e benzimento, e como essa relação com as orações se conectam com a busca pela saúde física e espiritual.

Este estudo trata-se de uma compreensão da benzeção em Tefé, explorando seus aspectos simbólicos, espirituais e culturais que a fundamentam. Os resultados destacam que a benzeção excede de um simples ato, sendo um fenômeno intrinsecamente ligado às histórias de vida, crenças e identidades dos(as) benzedores(as). A constante transformação da benzeção, traz a sua capacidade de se adaptar a diferentes contextos e influências, mantendo-se relevante em meio às mudanças sociais e culturais. As trajetórias individuais dos(as) benzedores(as) e a diversidade de abordagens enriqueceram a compreensão da prática em Tefé, contribuindo para sua preservação e valorização na história local. Promovendo uma conscientização sobre a importância da benzeção na cidade de Tefé e sua relevância como parte integrante da cultura e espiritualidade da região.



**CAPÍTULO I – A ANCESTRALIDADE DOS POVOS
AMAZÔNIDA: IDENTIDADE, MEMÓRIAS E
TRADIÇÕES**



CAPÍTULO I – A ANCESTRALIDADE DOS POVOS AMAZÔNIDA: IDENTIDADE, MEMÓRIAS E TRADIÇÕES

Este capítulo tem como objetivo explorar as identidades, memórias e tradições dos(as) benzedores(as) amazônicos, destacando especialmente a figura do(a) benzedor(a) como protagonista da sua história. A seção 1.1 aborda a identidade entrelaçada nas atividades dos(as) benzedores(as), destacando como suas práticas refletem e perpetuam a riqueza cultural e espiritual dos povos amazônicos. Na seção 1.2, discute a benzeção entre os povos originários, explorando a tradição, história e espiritualidade e correlacionando as práticas dos(as) benzedores(as). Examina-se como a benzeção se tornou parte integrante da vida e dessas figuras, marcando uma trajetória que se estende por gerações. Por fim, a seção 1.3 explora a resistência e relevância das práticas dos(as) benzedores(as) na contemporaneidade. Analisa-se como, diante das transformações sociais e culturais, esses praticantes mantêm viva suas tradições, contribuindo para a preservação da identidade cultural dos povos amazônicos.

1.1 A Benzeção dos Povos Originários: Tradição, história e espiritualidade

A benzeção, enquanto tradição, é também um testemunho da continuidade cultural dos povos originários, representando uma herança ancestral (Melo *et al.*, 2015). Cada gesto, palavra proferida durante o ato de benzer proporciona ao benzedor(a) a carga simbólica de séculos de história, preservando esse saber que moldam sua identidade (Castro, 2020; Pazello, 2020).

No entanto, é importante destacar que o benzimento na Amazonia é uma tradição ligada aos povos indígenas bem como outras culturas que se faz presente no Brasil, na qual cada grupo étnico/raça possui suas próprias práticas e tradições específicas, incluindo variações nos rituais, rezas e cantos sagrados (Pereira; Gomes; Castro, 2019). No contexto das práticas espirituais e benzeções, é crucial destacar as referências de Seu Milton, às entidades espirituais. Para o benzedor, a conexão com essas entidades representa não apenas um aspecto da sua prática, mas também uma fonte significativa de orientação.

“São muitas entidades, mas tem uns que é indígena Flecheiro e Taíinha” (Entrevistado Seu Milton). A benzeção traz à tona a riqueza cultural e espiritual das práticas de benzeção entre os povos originários (Silva, 2015). Nesse contexto, Seu Milton, ao mencionar as entidades indígena específica, “Flecheiro”, revela um aspecto dessa tradição. A presença de muitas entidades na prática de benzeção sugere uma diversidade espiritual que permeia o processo. Entre essas entidades, destaca-se a figura singular do indígena “Taíinha”. Essas entidades

específicas representa uma conexão direta com as tradições e espiritualidade dos povos originários, simbolizando a herança cultural e histórica que fundamenta as práticas de benzeção.

As entidades indígenas Flecheiro e Taíinha, representa como parte do repertório espiritual de Seu Milton, que sugere o respeito e o reconhecimento das tradições dos povos originários. Essas entidades, como Seu Milton denomina, trata-se de seres espirituais da cultura indígena. Flecheiro pode estar associado à caça, à proteção e à conexão com a natureza. Portanto, sua presença como entidade na benzeção destaca a importância da integração da espiritualidade indígena com as práticas de cura e benzeção.

A tradição de benzeção entre os povos originários é ligada à sua história e espiritualidade. A escolha de entidades específicas, como o indígena flecheiro, preserva e honra a rica herança cultural desses povos. A benzeção, nesse contexto, não é apenas um ato espiritual, mas também uma manifestação viva das crenças e valores que fazem partes da trajetória dos povos originários (Silva, 2022).

A presença das entidades indígenas na prática de benzeção de Seu Milton enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as tradições espirituais específicas de cada cultura. Sendo assim, a benzeção não é apenas um meio de cura, mas também uma expressão vívida da identidade cultural e espiritual dos povos originários, um testemunho da sua relação única com a espiritualidade e com as forças que regem a natureza e a vida.

A benzedura excede de seu impacto na cura individual, assumindo também o encargo de promover celebrações coletivas e facilitar interações com o mundo espiritual (Ramos; Liliane; Virginio, 2022; Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020). Em festividades tradicionais, como o Toré⁸ e o Kuarup⁹, a benzeção ganham destaque ao serem realizados com o propósito de proteger toda a comunidade e fortalecer os laços sociais (Santos, 2021). A benzedura não é apenas uma prática individual de cura, mas também um componente da cultura coletiva que promove a coesão social e a conexão espiritual em contextos festivos e cerimoniais em comunidades indígenas (Nuernberg; Zanella, 2003).

A persistência da prática de benzeção entre os povos indígenas do Brasil, apesar das inúmeras influências externas e das adversidades enfrentadas ao longo dos séculos, tornou-se um testemunho a resistência cultural desses indivíduos (Pereira; Gomes; Castro, 2019). Essa

⁸ O Toré é um cerimonial que simboliza a união, o encontro e o compartilhamento de saberes, de histórias, de visões de mundo e de espiritualidades transmitidas pelos antepassados. Ele destaca a força dos corpos e as expressões dos povos indígenas presentes em Alagoas e do Nordeste (Ramos; Liliane; Virginio, 2022).

⁹O Kuarup é um ritual fúnebre sagrado que mantém viva a cultura e a tradição de diversas etnias do Parque do Xingu (MT). O evento ocorre sempre um ano após a morte dos parentes indígenas (Brasil, 2022).

tradição milenar não apenas perdura, mas se mantém na atualidade (Dadalto, 2023), demonstrando a ligação entre o conhecimento ancestral e as identidades desses povos originários. Em um contexto onde as pressões da modernização e da globalização ameaçam muitas tradições culturais, a benzeção emerge como uma expressão viva de espiritualidade, bem como medicinal dos povos indígenas (Amaral, 2017).

Nery (2006) corrobora essa importância, destacando como a benzeção é uma forma de resistência cultural e uma maneira de reafirmar a rica herança das comunidades indígenas, conectando gerações passadas, presentes e futuras através do conhecimento transmitido oralmente e das práticas tradicionais. Assim, a benzeção entre os povos indígenas do Brasil é muito mais do que uma simples prática de cura; é um testemunho vibrante de sua adaptação, identidade e a continuidade de suas tradições ancestrais (Silva, 2015; Amaral, 2017).

Quanto aos(as) benzedores(as) indígenas, estes incorporam uma dimensão espiritual fundamental no processo de cura. Para eles, a doença não é simplesmente um desequilíbrio físico, mas sim uma manifestação complexa de desequilíbrios energéticos e emocionais, conectadas a espíritos místicos (Pereira; Gomes; Castro, 2019). Através de práticas que incluem a imersão na natureza, o estabelecimento de conexões com os ancestrais e a invocação dos espíritos, eles buscam restaurar a harmonia tanto internamente, no corpo e na mente, quanto externamente, no mundo ao seu redor (Moser *et al.*, 2019).

A prática ancestral do benzimento, remanescente de uma hibridização cultural, contemporaneamente incorpora uma variedade de elementos, como ervas, preces e gestos simbólicos. No entanto, durante o período colonial no Brasil, a carência de médicos tornava o benzimento a única alternativa de tratamento disponível para homens e mulheres que enfrentavam enfermidades (Braga, 2021). No contexto:

No período colonial e diante das situações vigentes, referentes ao ambiente inóspito na região amazônica, a presença de médicos com formação é escassa, sendo necessário e, de modo inevitável, recorrer aos recursos naturais e aos benzedores disponíveis. São os benzedores, feiticeiros, curandeiros que se tornam acessíveis para as curas imediatas e urgentes (Moser *et al.*, 2019, p. 274).

O benzimento, uma prática que remonta ao período colonial (Bethencourt, 2004), continua sendo realizado nos dias de hoje, já que os(as) benzedores(as) ainda atendem às necessidades daqueles que confiam na cura de suas doenças e na busca espiritual (Melo *et al.*, 2015). Assim, mesmo com influências contemporâneas devido à diversidade cultural do Brasil, o benzimento mantém seu princípio essencial: a procura pelo equilíbrio das energias, a reconexão com a natureza e o fortalecimento da ligação entre o ser humano e as divindades (Moser *et al.*, 2019; Maciel; Guarim Neto, 2006).

No contexto amazônico, benzer é um costume comum entre as comunidades ribeirinhas (Silva, 2010a). Nestes locais, as pessoas frequentemente buscam os(as) benzedores(as) em procura de proteção espiritual, cura e consolo (Souza *et al.*, 2019). Os(as) benzedores(as) são figuras importantes devido às suas habilidades na realização de rituais de bênção, bem como por sua compreensão e uso das plantas medicinais e recursos naturais da floresta (Cavalcante, 2020; Braga *et al.*, 2023; Silva, 2018a;). Nas comunidades ribeirinhas, onde frequentemente o acesso aos serviços de saúde é limitado, o benzimento muitas vezes representa a única opção de tratamento disponível (Beltrão Júnior, 2013; Maciel; Guarim Neto, 2006).

Eu via muito quando era criança, via gente benzendo. Minha mãe me levava pro rezador, pra rezar porque não tinha médico no interior onde eu morava, no município do Maraã, e não tinha médicos, os médicos era o nosso rezador. Desde pequena que eu vejo isso, de rezar (Entrevistada Dona Dinha).

A história de Dona Dinha, destaca a longa tradição do benzimento na região Amazônica, onde as práticas espirituais muitas vezes exercem a função de cuidados de saúde primários. A falta de acesso a médicos tornava os rezadores locais, figuras essenciais na manutenção da saúde e do bem-estar dos comunitários (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020; Conceição, 2012). Dessa forma, as palavras de Dona Dinha ilustram vividamente como o benzimento não é apenas uma prática cultural, mas uma resposta prática e necessária em contextos onde os recursos de saúde convencionais são limitados. A atuação dos(as) benzedores(as) nessas comunidades rurais ultrapassa o âmbito espiritual, assumindo também um papel de cuidado, preenchendo uma lacuna quando outras opções de saúde não estão acessíveis.

Nesse contexto, torna-se imprescindível compreender o sistema de transporte dos ribeirinhos, pois isso é essencial para entender os desafios enfrentados pelos comunitários no acesso aos serviços de saúde e em situações de emergência nessas regiões (Salgado, 2016). Souza *et al.* (2019, p. 1502) relata que: “Os ribeirinhos utilizam o meio de transporte fluvial para realizar seu deslocamento de um lugar para o outro, sendo que para se chegar a uma unidade de saúde são utilizados o rabeta¹⁰, a voadeira, e em alguns casos o transporte terrestre como carro e ônibus”.

Os(as) benzedores(as) continuam atraindo a procura de ribeirinhos na atualidade, e essa demanda persistente é multifacetada. Muitas pessoas buscam os(as) benzedores(as) devido à crença nos benefícios dos remédios caseiros e métodos tradicionais de cura. Além disso, a

¹⁰A rabeta, no contexto amazônico, é uma embarcação que inclui a estrutura e o motor na parte posterior da canoa. Esse transporte fluvial é fundamental para a navegação em rios e igarapés, permitindo que essa embarcação navegue em águas rasas e evite obstáculos submersos (Cordeiro, 2017).

acessibilidade financeira é necessária, já que há indivíduos que enfrentam restrições financeiras e veem os(as) benzedores(as) uma fonte de ajuda sem custos elevados. Os ribeirinhos, ao receberem tratamentos, experimentam alívio em suas condições de saúde, gerando contentamento (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020). Essa troca de cuidado e gratidão contribui para a continuidade da prática do benzimento na contemporaneidade (Eckel, 2020).

Eu acho assim que eles me procuram porque tem muitos que acredita no remédio caseiro, e tem muitos também de outra cidade que vem e não tem dinheiro, pede uma ajuda e a gente faz e dá certo e eles ficam alegre, eu também fico alegre porque eles ficam bom né (Entrevistada Dona Dinha).

É relevante salientar que os(as) benzedores(as), para a realização de suas práticas terapêuticas, não se restringem apenas a elementos considerados simples e facilmente acessíveis, tais como água, plantas medicinais e preces (Braga *et al.*, 2023; Cruz, 2021). Esses praticantes também invocam forças sobrenaturais ou divindades consideradas sagradas, destacando a dimensão espiritual e ultrapassa ao rito de benzimento (Beltrão Júnior, 2013). Esse aspecto torna o benzimento uma solução para atender às necessidades de saúde, principalmente das comunidades ribeirinhas da Amazônia, ressaltando a importância na promoção da saúde e da espiritualidade nessas regiões, pois: “Devido à falta de Unidade Básica de Saúde na comunidade, os moradores recorrem as práticas populares” (Souza *et al.*, 2019, p. 1504).

Portanto, benzer é uma expressão cultural significativa nas comunidades ribeirinhas. E repassar/transmitir ou registrar essa prática de curar é uma forma de preservar e valorizar os saberes tradicionais, as crenças e os rituais ancestrais (Nuernberg; Zanella, 2003; Moura, 2011). Assim, o benzimento nas comunidades ribeirinhas não apenas proporciona conforto espiritual e cura, mas também fortalece a identidade cultural dos comunitários locais dessa região, reforçando os laços com suas tradições e a sabedoria dos antepassados (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012).

Carvalho, Sobrinho e Ravagnani (1982), descrevem que os(as) benzedores(as) são figuras que estão ligados à memória compartilhada da comunidade, assim como aos seus próprios aprendizados ao longo do tempo, à espiritualidade e à passagem de conhecimentos e valores tradicionais. Praticamente nenhum(a) benzedor(a) se refere à sua vocação como uma escolha pessoal. Para eles(as), o chamado para essa prática é percebido como uma escolha divina, revelada por meio da descoberta do dom concedido por Deus (Versonito; Tristão, 2012). Essa crença na origem divina de seu poder de cura é o que os distingue e os legitima perante à aqueles que os buscam. O(a) benzedor(a) não busca conhecimento por meio de estudos científicos, pois seu saber é entendido como algo revelado diretamente por Deus (Braga, 2021).

A posse desse dom, no entanto, não significa que o(a) benzedor(a) não esteja aberto ao aprendizado contínuo. Pelo contrário, eles(as) reconhecem que sempre podem aprimorar suas práticas por meio da incorporação de novas rezas e conhecimentos (Pereira; Gomes; Castro, 2019). Essa disposição para aprender e evoluir demonstra não apenas a humildade dos(as) benzedores(as), mas também seu compromisso com a eficácia da missão de cura e com a preservação da tradição, mantendo-a viva e relevante para as gerações futuras. Portanto, benzer é muito mais do que um ato de cura; é um elo sagrado que conecta o passado, o presente e o futuro, enriquecendo a memória coletiva, a espiritualidade (Moser *et al.*, 2019).

Essa tradição ultrapassa a transmissão oral de conhecimentos (Reis; Brasileiro, 2022), refletindo a ligação dos povos originários com a natureza e o cosmos (Pereira, 2011). Assim, a documentação e a proteção dessas práticas culturais são essenciais não apenas para enriquecer a diversidade cultural, mas para oferecer respostas pertinentes aos desafios contemporâneos. Os conhecimentos e práticas sustentáveis dos povos indígenas, em harmonia com o meio ambiente, são essenciais para o meio ambiente, na preservação da diversidade biológica e na promoção da convivência pacífica entre todos os seres humanos (Algayer; Chagas, 2021).

O benzimento e a preservação do meio ambiente se conectam devido à relação que o benzer tem com a natureza. Pereira, Gomes e Castro (2019) relatam que esta prática muitas vezes envolve elementos naturais, como ervas, água e outros recursos provenientes do ambiente a qual o(a) benzedor(a) está inserido. Portanto, ao valorizar e preservar as práticas de benzimento, se fortalece a importância de cuidar e proteger o meio ambiente, pois são interligados pela utilização consciente dos recursos naturais. Sendo assim os(as) benzedores(as) frequentemente utilizam elementos naturais e outros recursos da natureza, em seus rituais de cura e benzedura. Além disso, a concepção do benzimento muitas vezes está relacionada à crença na energia vital presente na natureza, que pode ser canalizada para promover a cura e o equilíbrio energético nas pessoas. Essa conexão com a natureza envolve práticas de respeito e cuidado ambiental, refletindo uma visão holística que considera a interação harmoniosa entre seres humanos e o ambiente natural como fundamental para a saúde e o bem-estar.

Assim, surge a seguinte indagação: Como podemos proteger efetivamente a natureza e, ao mesmo tempo, garantir a preservação do benzimento e suas crenças contra ameaças? Uma das soluções consiste em estabelecer leis e regulamentações que reconheçam o benzimento como uma prática cultural legítima e protegida (Pereira; Gomes; Castro, 2019). Outrossim, proteger a natureza e preservar o benzimento através de políticas ambientais robustas e conscientização, diálogo com as comunidades praticantes, e colaborações entre diferentes entidades, são exemplos de ajudar. Essas medidas integradas são essenciais para garantir a

conservação tanto dos ecossistemas naturais quanto das tradições culturais relacionadas ao benzimento (Amaral, 2017).

Por outro lado, Kopenawa e Albert (2015) enfatizam de forma contundente a importância de preservar o conhecimento ancestral e os territórios indígenas. Isso abrange não apenas as tradições culturais, mas também as crenças espirituais das comunidades indígenas. Eles destacam a estreita ligação dos Yanomami com a terra, as florestas e os espíritos, sublinhando a necessidade urgente de proteger essas áreas. Isso ocorre porque, no contexto dos povos indígenas, esses elementos estão entrelaçados com sua espiritualidade, que se fundamenta na energia cósmica presente na natureza (Melo *et al.*, 2015).

Portanto, a preservação dessas áreas não apenas assegura a sobrevivência física e cultural do povo Yanomami, mas exercem a função na conservação da biodiversidade que habita esse território. Isso demonstra como a proteção dos territórios indígenas e a salvaguarda das tradições espirituais estão indissociavelmente ligadas, contribuindo para uma compreensão ampla da relevância dessas questões no contexto global (Silva, 2010b; Dias; Caetano, 2022).

O xamã Kopenawa destaca-se como uma figura proeminente nas áreas intelectual, política e espiritual, exercendo um papel na defesa dos povos originários, do meio ambiente, da diversidade cultural e dos direitos humanos, sendo reconhecido nacional e internacionalmente (Kopenawa; Albert, 2015). Sua relevância é ainda maior ao ressaltar a necessidade de proteger não apenas os territórios indígenas, mas também os princípios fundamentais da preservação ambiental, da justiça social e da diversidade cultural.

Vaz Filho (2016), relata que a trama política ameaça não apenas as comunidades indígenas, mas também a biodiversidade, a sustentabilidade ambiental e os direitos humanos. Outrossim, coloca em risco as crenças fundamentadas, como aquelas praticadas pelos(as) curandeiros(as), pajés e benzedores(as) com seus rituais de cura, que são parte integrante do contexto indígena (Vaz Filho, 2016). Diante disto:

Com o desaparecimento dos poderosos pajés, os moradores da região sentiram que estavam perdendo seu lugar no mundo e parte das suas referências simbólicas. Eram essas crenças e práticas que faziam os moradores se sentir, eles mesmos, diferentes, por exemplo, dos comerciantes judeus, dos nordestinos e dos moradores da cidade (Vaz Filho, 2016, p. 38).

Os pajés não são apenas figuras espirituais, mas também são cruciais na construção da identidade cultural das comunidades indígenas. Suas crenças e práticas espirituais são um componente da cultura, proporcionando um senso de singularidade e diferenciação. Portanto,

os pajés são figuras importantes para a espiritualidade das comunidades e em sua própria identidade cultural (Vaz Filho, 2016).

É relevante ressaltar que o ato de benzer não é exclusivo dos indígenas, estendendo-se por diversas outras culturas. No entanto, a abordagem e os rituais associados ao benzimento podem apresentar variações significativas, dependendo da etnia ou raça do praticante. Em outras palavras, a espiritualidade e as divindades envolvidas diferem para cada benzedor(a). Assim, enquanto alguns povos indígenas integram o benzimento em suas tradições espirituais específicas, essa prática também encontra expressão em outras culturas e povos, cada uma desenvolvendo-a de forma única, especialmente em relação às suas divindades (Vaz Filho, 2016; Gill, 2010).

O ato de benzer, benzeção ou benzedura, é de difícil rastreamento em relação à sua origem na história da humanidade (Silva, 2015; Pazello, 2020). Diante desse cenário:

Identificar de onde vem ou onde surgiu o benzimento não parece nada fácil, ainda mais se considerarmos a velocidade que uma cultura vai mudando com o passar dos tempos e modificando consigo os diversos elementos. Por isso, acredita-se como um ponto de partida válido debater sobre o significado de termos como o benzimento, benzer, benzido (Rubem, 2022, p. 45)

Cunha (2018) descreve que ao longo da história, as pessoas reconheciam a existência de forças divinas e acreditavam que palavras, gestos e objetos tinham o poder de canalizar essas energias para trazer benefícios. Nesse contexto, o benzimento emergiu como uma maneira de invocar essas forças sagradas, com o propósito de afastar males, curar doenças e proporcionar conforto espiritual (Hegenberg, 1998). Neste sentido, a comunicação com o Criador remonta a tempos ancestrais, quando os seres humanos primitivos, ao contemplarem a grandiosidade da natureza, sentiram a necessidade de algo maior do que a realidade concreta que podiam perceber (Melo *et al.*, 2015).

Dona Dinha descreve que sua prática de benzedura em relação às doenças se dá por meio de rezas proferidas em sussurros e gestos com um ramo de folhas: “Quando tá com doença eu rezo pra doença, da branca, porque são sete qualidade de doença né, a branca, tem a preta, a vermelha, tudo essas são as doenças, utilizo um ramo para o ar que chamamos né” (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha relata que a benzeção cura muitos males e que através de sua reza promove a cura e o bem-estar por meio da interação com forças espirituais. A crença na existência de diferentes qualidades de doenças, associadas às cores branca, preta e vermelha, destaca a complexidade desse entendimento da visão meramente física das enfermidades. Ao rezar para a “doença da branca”, Dona Dinha está, na verdade, invocando uma força divina específica

associada a essa cor, buscando a cura ou alívio para a enfermidade. Essa prática remonta a uma época em que a espiritualidade se entrelaçava com elementos ritualísticos.

A prática da benzeção manifestou-se em diversas tradições culturais (Cunha, 2018). Em muitas comunidades (rural ou urbana), indivíduos com conhecimento foram designados para desempenhar a missão de benzedor(a), reconhecidos por sua sabedoria e habilidade em lidar com questões de saúde e espiritualidade. Esses(as) benzedores(as) empregavam métodos específicos, orações, símbolos e gestos rituais como parte do processo de benzeção (Salgado, 2016; Moura, 2011).

O ritual da benzeção é rico em simbologia. Todos os elementos são partes constitutivas de um espetáculo: o local aonde se benze, os objetos, as orações e a expressão corporal. Benze-se não apenas com o poder da oração e os objetos sagrados, mas também com os gestos, com o semblante e com o olhar. Esses elementos unificados [...] a crença na eficácia do ritual de benzeção (Moura, 2011, p. 351).

No âmbito religioso, o benzimento frequentemente está entrelaçado com elementos de crenças e rituais. Em algumas tradições, ele se relacionava com a fé cristã, envolvendo o uso de água benta, crucifixos e invocações a santos, por outro lado há também aqueles benzedores(as) que não utilizam nenhuma espécie de simbologia. Rubem (2022, p. 105) relata que o(a) benzedor(a) “Não há imagens de santos ou quaisquer outros símbolos religiosos neste espaço, mesmo assim é este o seu espaço sagrado da casa”. Contudo, na maioria das vezes, os(as) benzedores(as) se apoiam em costumes antigos, fazendo referência a divindades, espíritos da natureza ou entidades místicas (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012).

Essa abordagem espiritual também ilustra como a benzeção é mais do que apenas um ritual; é uma expressão da cultura e da espiritualidade de um povo (Pereira; Gomes; Castro, 2019). Os(as) benzedores(as) são preservadores dessa crença e tradição. (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012). Portanto, a força que os(as) benzedores(as) canalizam em seus rituais, manifestada por meio de diversos fenômenos naturais e frequentemente explorada com recursos da própria natureza, gradualmente passou a ser percebida como a origem e o fundamento do dom divino (Santos, 2021).

Diante dessa compreensão, tanto no passado quanto nos dias atuais, as pessoas sentiram ou estão sentindo a necessidade de prestar reverência a essas forças sobrenaturais. Elas perceberam/percebem que fenômenos naturais podem representar uma ameaça, um aviso ou até mesmo uma manifestação do Criador (Nuernberg; Zanella, 2003). No entanto:

As rezas ou orações que os benzedores usam, divergem daquelas utilizadas nos rituais da igreja católica por não possuírem invocações ou maneiras de realização de um diálogo com a divindade, mas sim por conterem nelas mesmas os dons de curar, que lhes foi repassado por Deus. A forma e conteúdo das rezas varia segundo o praticante

e a situação específica para que são destinadas por cada um dos seus praticantes (Rubem, 2022, p. 55).

Diante do temor em relação ao surgimento de doenças e outros males, surge a necessidade de buscar a divindade por meio de rituais e fé (Hegenberg, 1998). Benzer frequentemente envolve a oferta de objetos materiais como parte de uma espécie de troca com a divindade (Nuernberg; Zanella, 2003). Essa prática tem como objetivo manter a ordem e a harmonia no mundo, além de buscar a cura das doenças e o alívio da dor. Cada benzedeiro(a) tem seu próprio método para proporcionar a cura, o que contribuía para a diversidade de abordagens nesse processo (Cunha; Gonçalves, 2018).

O início do rito da cura é marcado por uma longa conversa (entre benzedor ou benzedora, rezador ou rezadeira) com o paciente, ou a mãe ou ainda o membro da família que acompanha o(a) doente. O diálogo é pautado por perguntas precisas, sincronização de gestos, olhares, expressões faciais, movimentos, toques, modalizações vocais, sussurros, pausas longas e breves (Cordeiro, 2017, p. 94).

Contudo, a comunicação com o Criador ou a divindade é essencial para os praticantes do benzimento. No início da benzeção, por meio de gestos, súplicas e o uso das palavras, o(a) benzedor(a) inicia o seu ritual de cura. Isso lhe confere uma maior capacidade de tratar uma ampla variedade de enfermidades (Nuernberg; Zanella, 2003). Desde os tempos mais remotos da humanidade até os dias atuais, o ser humano tem recorrido aos céus e aos elementos da natureza em uma atitude de súplica. Essa forma ancestral de oração reflete a necessidade própria do ser humano de estabelecer um vínculo com o Criador e buscar a sua benevolência diante das incertezas e dos desafios da vida (Cunha; Gonçalves, 2018).

Contemporaneamente homens e mulheres encontram limites em se conectar com os conhecimentos tradicionais, o reequilíbrio do corpo e do espírito afastando todos os males e todas as enfermidades que possam acometer o indivíduo através da manipulação de elementos naturais, ou seja, de se reconectar com a natureza, a cada nova descoberta realizada pela ciência à medida que a rotatividade de pensamentos era posta “*em xeque*” (Rubem, 2022, p. 15).

Ao longo da história, os seres humanos sempre estiveram conectados com a utilização da terra, da água, das plantas, das ervas e de outros recursos naturais. Portanto, a busca pela saúde, tanto física quanto espiritual, por meio dos saberes e práticas tradicionais de benzeção, oração e cura sempre tiveram seus fundamentos entrelaçadas nos conhecimentos mágico-religiosos. (Rubem, 2022). Embora a primeira expressão de oração do homem não tenha registros oficiais na história, é reconhecido que o instinto humano de se comunicar com seres divinos por meio da prece sempre fez e ainda faz parte da jornada humana em busca de significado e conexão com a espiritualidade (Gomes; Pereira, 2004).

Com o progresso da medicina moderna, a procura por benzimentos, orações e remédios caseiros experimentou uma diminuição, sendo, em alguns casos, até mesmo desacreditada, especialmente entre as gerações mais jovens (Rosa, 2013). Essa observação aponta para uma transformação nas percepções e preferências em relação aos métodos de tratamento ao longo do tempo (Souza; Rodrigues, 2016). No contexto do processo de benzeção, há elementos que enriquecem o ritual para além das palavras proferidas.

A reza é denominada como o conjunto das expressões orais, em voz alta ou baixa, envolvendo Deus, homem, santos, plantas, animais, água, fogo, terra e simpatias, ou seja, seres vivos e não vivos, naturais e sobrenaturais. Ela é conjunto de orações rezadas nas tradições festivas e em outros momentos religiosos, tais como: terços, novenas, casamentos, batizados na fogueira, velório, e etc. (Rora, 2013, p. 23).

Os(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita realizam suas benzeções envolvendo expressões, gestos, sussurros e invocações a seres divinos, além de fazerem uso de elementos naturais, como enfatizado por Rosa (2013). A reza, conforme descrita por Rosa, abrange um conjunto de expressões como realizados pelos(as) benzedores(as) em seus ritos, que incluem principalmente seres divinos e elementos naturais, sendo uma parte essencial do processo de cura, juntamente com a utilização de objetos místicos/sagrados.

Braga (2021) e Rubem (2022) descrevem que a conexão com a divindade se deve ao fato que o dom de benzer é um presente divino que não deve ser objeto de cobrança ou comercialização, sendo assim: “o dom de benzer é algo concebido por Deus e que não pode ser cobrado visando o benefício próprio. Isso vai ao encontro com o que a literatura defende ao dizer que o sagrado não pode ser vendido, já que quem atua como benzedora recebe o dom gratuitamente de Deus” (Marin; Scorsolini-Comin, 2017, p. 453).

Nesse contexto, Seu Milton compartilha que, devido à sua idade avançada, planeja encerrar o atendimento às pessoas em seu local de ritualização em aproximadamente um ano ou mais. Ao concluir essa jornada, como ele mesmo descreve, ou seja, sua “sentença”, ele enfatiza que não espera receber qualquer forma de gratificação pelos serviços prestados.

Eu já fui liberado de benzer nas crianças, já cumpri minha sentença. Vou ter mais 1 ano ou até mais para receber as pessoas aqui no centro espírita¹¹, daí vou ter uma aposentadoria, não que eu vou receber nada, só a proteção de Deus mesmo (Entrevistado Seu Milton).

Observa-se que a prática de benzer não é para toda a vida do(a) benzedor(a). Seu Milton relata que, devido à sua idade avançada, encerrará suas atividades de atendimento às pessoas

¹¹ O centro espírita trata-se de um espaço de encontro para aqueles que praticam o espiritismo, locais de busca por auxílio à saúde, orientações, remédios e, frequentemente, aconselhamentos provenientes de entidades espirituais (Oliveira; Campigoto; Schoerner, 2015).

no centro espírita. Isso indica que há um tempo determinado para as atividades de benzeção, entretanto o benzedor não espera receber gratificação material por seus serviços. Ao invés disso, ele expressa confiança na proteção divina de Deus como forma de recompensa ou apoio durante sua aposentadoria espiritual. Essa declaração sugere uma forte conexão com suas crenças espirituais e indica que, mesmo ao encerrar suas atividades no centro espírita, ele confia na providência divina para guiá-lo e protegê-lo. A aposentadoria mencionada parece se referir mais a uma retirada das responsabilidades ativas do que a uma aposentadoria convencional com benefícios financeiros. Nesta perspectiva:

Se uma benzedora quebrar esta harmonia, estipulando um preço pelos seus serviços ela corre o risco de cair em descrédito em sua comunidade, pois a relação entre benzedora e benzido se desgasta, quando esta deixa de cumprir o princípio cristão de “dar de graça o que de graça recebeu” (Trindade, 2015, p. 6).

Por outro lado, Salgado (2016) menciona que o benzimento é uma prática na qual, embora a benzeção em si seja gratuita, é comum que as pessoas, que buscam ajuda dos(as) benzedores(as) façam doações como forma de expressar gratidão e reconhecimento pelos serviços prestados. De acordo com Braga (2021, p. 31) “Esses presentes são uma forma de agradecimento por partes das pessoas atendidas pelo(a) benzedor(a), as doações são um meio de retribuir a ajuda”.

Os(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Mesquita e Seu Milton compartilham uma crença comum de que a cura é uma manifestação divina proporcionada por Deus. Cada um expressa sua fé dentro do contexto de sua religião específica, sendo Dona Dinha evangélica, Seu Mesquita católico e Seu Milton espírita. Apesar das nuances nas práticas e rituais de suas respectivas religiões, as características de cura permanecem centrada na intervenção divina.

Esses(as) benzedores(as) atribuem seus dons de cura à orientação e poder de Deus. Ao praticarem a benzeção, consideram-se instrumentos através dos quais a vontade divina se manifesta para aliviar o sofrimento e promover a saúde. A relação entre a fé, religiosa e a prática do benzimento destaca a importância da espiritualidade no entendimento e execução de seus papéis como agentes de cura (Eckel, 2020). Sendo assim, a benzedora relata que:

Eu sou crente né, aí a minha filha foi e disse que tinha uma criança doente, ela disse: mamãe pega a folha do pião e reza o pai nosso nele que ele vai ficar bom. Aí eu peço ajuda de Jesus, e assim eu fiz e ele ficou bonzinho. Porque quem cura é Deus né, quem somos nós (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha destaca a prática da benzeção como uma manifestação direta da crença no poder curativo de Deus. Ademais, a prática da benzeção, conforme relatado pela benzedora, é permeada pela convicção de que a cura é realizada por Deus. Ao pedir ajuda de Jesus e realizar

a benzeção, ela se considera um instrumento por meio do qual a vontade divina se manifesta para trazer alívio e recuperação. Essa narrativa demonstra como a prática da benzeção é vinculada à fé religiosa, sendo um canal através do qual os(as) benzedores(as) buscam a intervenção divina para promover a saúde e o bem-estar dos que buscam ajuda (Cunha, 2018).

Essa abordagem ressalta a importância da espiritualidade na compreensão e execução da benzeção como um ato de cura. Assim como mencionado o benzedor: “Eu toda hora tô lembrando de Deus e pedindo forças, saúde e felicidade pra toda as pessoas que me procuram, é com Deus que todas as palavras que nos sabe depende de Deus, porque é ele que cura” (Entrevistado Seu Mesquita). O benzedor expressa sua conexão constante com a espiritualidade ao afirmar que está sempre lembrando de Deus e pedindo forças, saúde e felicidade para todas as pessoas que o procuram. Ele destaca que todas as palavras que conhecem dependem de Deus, pois é Ele quem cura. Essa afirmação é ressaltada na fé e dependência divina que permeiam a prática da benzeção para Seu Mesquita. Sendo assim, o processo da benzeção ultrapassa a escolha pessoal; é considerado uma obrigação divina.

Aqueles que se dedicam a essa atividade acreditam que receberam um dom especial, e, portanto, sentem uma responsabilidade espiritual em usá-lo para o benefício daqueles que buscam ajuda. Portanto, o benzimento e sua história, ao longo da evolução da humanidade, encontram-se conectados com crenças e o espiritismo. Conforme afirma Hoffmann-Horochovski (2015, p. 117), “A atividade de benzer está fundamentada no sagrado. Benzer não é apenas uma escolha; é, antes de tudo, uma obrigação. Aqueles que a praticam acreditam firmemente que receberam um dom”.

Seu Milton enfatiza que a cura é proveniente de Deus com a seguinte afirmação: “Pra Deus nada é difícil, difícil é a humanidade, por isso é ele que cura” (Entrevistado Seu Milton). Nessa declaração, ele destaca a confiança na capacidade divina de cura, ressaltando que, para Deus, não há dificuldades, mas sim na compreensão e aceitação da humanidade. Essa perspectiva reforça a crença de que o poder de cura está ligado à vontade divina e seres sobrenaturais, como as entidades no entendimento da relação entre o sagrado e a saúde.

Esse dom ultrapassa os limites do próprio ambiente onde o(a) benzedor(a) está inserido, como menciona Dona Dinha, que relata a formação de filas à porta de sua residência. Demonstrando um sincero desejo de auxiliar as pessoas, essa atitude altruísta por parte dos(as) benzedores(as) revela uma conexão com seu dom divino. Isso os leva a se sentirem desconfortáveis ao recusar ajuda, pois reconhecem que esse dom é uma dádiva de Deus.

Fazem fila na porta da minha casa, e as vezes meu marido não gosta, diz que eu não tô em casa, entendeu, eu gosto de ajudar as pessoas, eu gosto muito de ajudar as

peças em tudo, então ele já não gosta, tem ciúme, mas fica a fila na porta da minha casa, e aonde eu vou, eu sou bem vinda, as pessoas me respeitam, tem muita consideração comigo. Me sinto mal, porque não gosto de negar ajuda, porque é um dom de Deus (Entrevistada Dona Dinha).

Portanto, para aqueles que foram agraciados com o dom divino do benzimento, existe uma obrigação de fé. Alguns dos participantes da benzedura devem possuir uma crença em seu poder. Por essa razão, as pessoas que buscam essa tradição não procuram os(as) benzedores(as) apenas quando estão sofrendo de uma enfermidade física, mas também buscam auxílio quando enfrentam dúvidas ou inquietações espirituais. Especificamente:

O benzimento visa curar doenças oriundas, como já sublinhado, do corpo e do espírito. Mas algumas doenças são tradicionalmente tratadas por essa prática: cobreiro (irritação na pele), dor de cabeça, dor de dente, peito aberto ou arca caída (dores na região do tórax), afta, quebranto (mau olhado), bicha (lombriga, vermes), machucadura e rendidura (dores musculares e lesão por esforço), entre outras (Hoffmann-Horochovski, 2015, p. 117).

O termo quebranto trata-se de uma suposta influência maléfica causada por feitiços ou encantamentos realizados a distância. Essa crença se baseia na ideia de que uma pessoa pode lançar um malefício sobre outra sem a necessidade de contato físico direto, resultando em problemas de saúde, azar ou outros tipos de perturbações na vida da pessoa afetada. É uma concepção comum em algumas culturas e tradições populares, especialmente aquelas que acreditam em forças espirituais e energéticas capazes de causar impactos negativos à distância (Oliveira, 2022).

Os(as) benzedores(as), ao realizar suas cerimônias de cura, muitas vezes invocam seres místicos ou entidades espirituais para auxiliar aqueles que buscam ajuda (Delani; Mendonça, 2020). Contudo, a verdadeira natureza desses seres permanece enigmática, envolta em mistério e subjetividade. Os elementos espirituais presentes no benzimento rompe as barreiras do tangível, adentrando um reino sutil e metafísico. Os(as) benzedores(as), ao recorrerem a esses seres místicos, confiam em uma conexão espiritual além do conhecimento humano convencional. Essa relação é alimentada pela crença, pela fé e pela confiança na intervenção dessas entidades (Trindade, 2015). Neste contexto:

Muitas coisas que as entidades falam, eu não sei, dizer o que aconteceu, porque foi as entidades que falaram com as pessoas, na hora que as entidades estão tocando em mim, eu não sei de nada, não sei nem se eu existo, quem veio, quem não veio, o que ensinaram o que não ensinaram (Entrevistado Seu Milton).

Seu Milton destaca a natureza enigmática da interação com esses seres espirituais, ressaltando que desconhece plenamente os ensinamentos e mensagens transmitidas durante esses momentos de sessões espirituais. Sendo assim, a identidade exata desses seres místicos

permanece um enigma, uma vez que a compreensão limitada do mundo material. A natureza indefinida dessas entidades ressalta a singularidade e subjetividade das experiências espirituais vivenciadas pelos(as) benzedores(as). Essa incerteza em relação aos seres místicos destaca a riqueza e a diversidade do aspecto espiritual no benzimento. É uma expressão complexa de fé e tradição, onde o vínculo com o sagrado é intenso, mesmo que a natureza específica dessas entidades permaneça além da compreensão direta (Nuernberg; Zanella, 2003). Neste contexto:

[...] eventos onde existe possessão, quando o curador perde a consciência, não recordando do que ocorreu durante a possessão, permitindo que seu corpo seja possuído por algum espírito (como o que ocorre nos rituais afro-brasileiros como umbanda, candomblé ou espiritismo kardecista) [...] Fagetti, através de seus estudos com xamãs no México, considera que tanto o transe no qual o especialista recebe o espírito do protetor, como o do curandeiro que se comunica com seus auxiliares e entra em um estado não ordinário de consciência, são equiparáveis e homólogos. (Friedrich, 2012, p. 88).

Seu Milton, ao relatar que não tem consciência do que acontece quando as entidades estão presentes, se assemelha ao conceito de possessão abordado por Friedrich (2012), que relata sobre os eventos de possessão, nos quais o curador perde a consciência e não se lembra do que ocorreu durante esse estado, permitindo que seu corpo seja possuído por algum espírito, como observado em rituais afro-brasileiros, como umbanda, candomblé ou espiritismo kardecista. Ao correlacionar as narrativas de Seu Milton e o estudo de Friedrich (2012), nota-se uma semelhança na experiência de perda de consciência. Essa falta de consciência alinhada com a descrição de possessão pelos rituais afro-brasileiros enfatiza a natureza espiritual dessas práticas. Ambos os relatos sugerem uma relação direta entre o benzedor e as entidades espirituais, envolvendo um estado de consciência alterado. Esse paralelo destaca a complexidade e diversidade das experiências espirituais presentes em diferentes tradições religiosas e espirituais, demonstrando como a conexão entre o mundo material e espiritual é interpretada e vivenciada de maneiras diversas.

1.2 Identidades Entrelaçada nas Práticas dos(as) Benzedores(as)

Os(as) benzedores(as), dotados de saberes transmitidos ao longo de gerações, representam a identidade do povo amazônico. Suas práticas, dedicadas em rituais e conhecimentos ancestrais, refletem uma conexão com a terra, a natureza e a coletividade local. Ao benzer, esses(as) benzedores(as) não apenas aliviam malefícios; eles(as) estão, na verdade, perpetuando uma tradição milenar.

A prática da benzeção é uma tradição que se manifesta em distintas culturas, e encontra-se associada à fé (Castro, 2020). Isso significa que se trata de uma herança cultural ligada ao hibridismo¹² cultural do Brasil (Bethencourt, 2004). Em algumas localidades, as figuras dedicadas à cura, são conhecidos por diferentes termos regionais como benzedores(as), raizeiros(as)¹³, curandeiros(as), rezadores(as), puxadores(as), Sacacas¹⁴ e Pajés, são consideradas especialistas pelo seu grupo social, que exploram recursos naturais, tais como folhas, flores, raízes, cascas, troncos e sementes, para elaborar diversos remédios, a exemplo, chás, banhos, garrafadas¹⁵ (Figura 3) e xaropes (Silva, 2018a). Embora os termos de benzer possam variar, o princípio se torna o mesmo, curar aqueles que buscam auxílio (Silva, 2014).

Figura 3. Garrafadas medicinais



Fonte: <https://x.gd/jv7OA>

Conforme destaca Vaz Filho (2016), nas aldeias indígenas, há uma ênfase na presença dos Pajés, enquanto nos demais membros das comunidades no baixo Amazonas, é mais comum o uso do termo curadores(as). Este último é uma autoidentificação escolhida por muitos Pajés (Silva, 2014). Contudo, independentemente das distintas identidades e tradições que permeiam as comunidades, os(as) benzedores(as) assumem diversas denominações, sendo portadores(as)

¹² É fundamental destacar que o hibridismo cultural discutido na formação histórica de Caldas não deve ser considerado como um processo singular e de origem exclusivamente local. Compreendemos que os primeiros colonos já manifestavam imaginários e práticas religiosas híbridas, parte de um processo histórico presente em Portugal e que se diversificou ao chegar ao Brasil (Bethencourt, 2004).

¹³ Os(as) raizeiros(as), são indivíduos que possuem conhecimento sobre o uso de plantas medicinais na prática da benzeção, são responsáveis por identificar e selecionar as plantas adequadas para o tratamento, utilizando seus conhecimentos tradicionais para auxiliar no processo de cura espiritual e física (Cordeiro, 2017).

¹⁴ Na cultura amazônica, o termo "Sacaca" tem origem da herança tupi, são xamãs de grandes habilidades, pela capacidade de adentrar os domínios aquáticos, onde se acredita estar o encanto, um mundo mágico e misterioso. Esses xamãs são reconhecidos por sua conexão com a natureza, dominando conhecimentos ancestrais sobre plantas medicinais, rituais de cura e comunicação com os espíritos da floresta (Albuquerque et al., 2016).

¹⁵ Garrafadas referem-se a preparações medicinais feitas a partir de recursos naturais, muitas vezes macerados ou cozidos, e armazenados em recipientes, como garrafas pet. Essas misturas são utilizadas na medicina popular, tradicionalmente associadas a práticas de cura e tratamento de saúde. (Hoffmann-Horochovski, 2015).

de conhecimentos muitas vezes adquiridos por meio da inter-relação de tradições de diferentes etnias e ancestralidades (Silva, 2013).

Scarpim e Trevisam (2018), destacam a complexidade das memórias adultas. Nesse contexto, ressalta-se que o adulto carrega consigo não apenas as memórias de suas próprias experiências pessoais, mas recordações que não foram vividas diretamente por ele. Essas lembranças são transmitidas por outros, fazendo parte de um cruzamento de memórias. Dessa forma, emergem memórias que podem estar relacionadas aos momentos vividos pelos(as) benzedores(as) ou mesmo a gerações anteriores, corroborando uma temporalidade que ultrapassa o presente.

O conceito de “um tempo sobre outro tempo” (Scarpim; Trevisam, 2018, p. 222), sugere que as memórias dos(as) benzedores(as) são influenciados por camadas temporais distintas. Isso destaca a importância da transmissão intergeracional de experiências, conhecimentos e histórias de vida (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982). As memórias repassadas por outros não apenas enriquecem o individual, mas conectam o(a) benzedor(a) a eventos e vivências que moldaram não apenas sua própria existência, mas a de seus antepassados.

Essa interconexão temporal traz à tona a ideia de que a memória não é um fenômeno isolado, mas sim um tecido complexo que se molda ao longo do tempo, cruzando fronteiras entre experiências pessoais e heranças coletivas. A compreensão desse fenômeno é torna-se essencial para explorar a construção da identidade, as influências culturais e a transmissão de valores ao longo das gerações (Scarpim; Trevisam, 2018).

As características, valores, tradições, costumes e expressões culturais dos(as) benzedores(as), especialmente daqueles de origem indígena, representam não apenas uma forma de cura física, mas um tratamento da alma. Essas figuras, são orientadores(as) não apenas em questões de saúde, mas também aspectos cotidianos, como escolhas alimentares e vestimentas (Braga, 2021; Laraia, 2001). Os próprios benzedores(as) afirmam ser meros intermediários de Deus, e a cura é considerada uma manifestação divina e que as próprias preces são ensinadas por Deus (Nery, 2006).

Assim como relata a benzedora: “Deus me deu o dom de endireitar¹⁶, de parteira e benzer, eu não tenho carteira, mas já peguei pra mais de 20 crianças e graças a Deus nenhum morreu” (Entrevistada Dona Dinha). Esse dom de benzer, proveniente de Deus, a benzedora

¹⁶ O termo “endireitar” refere-se à habilidade da benzedora em realizar trabalhos que envolvem auxílio às pessoas com questões musculares, torções no corpo e desalinhamentos (Oliveira, 2022).

recebeu também para atuar como parteira¹⁷. Mesmo sem possuir uma experiência profissional na área da saúde, ela relata ter auxiliado mais de 20 partos, e destaca com gratidão que, sob a intervenção divina, nenhuma das crianças sob sua assistência veio a falecer. Essa narrativa ressalta a conexão entre o dom que a benzedora acredita ter recebido de Deus e sua prática como parteira, destacando uma ligação entre espiritualidade e ações benevolentes em sua trajetória, formando assim a sua identidade (Conceição, 2012).

Outrossim, o benzedor relata que: “Se Deus me deu essa possibilidade de ir lá onde está o fulano ou criança, ou seja lá quem for, sofrendo, eu vou rezar e ele fica bom, foi Deus que me deu esse dom, me deu esse poder de fazer isso” (Entrevistado Seu Mesquita). O benzedor, reflete a conexão entre a prática do benzimento e a fé religiosa. A compreensão de que seu dom é um presente divino ressalta a abordagem espiritual do(a) benzedor(a), que não busca validação ou conhecimento externo, mas confia na orientação e capacidade conferida por Deus (Vaz Filho, 2016). Essa perspectiva reforça a ideia de que o benzimento transcende as fronteiras da ciência convencional, sendo percebido como um ato sagrado e guiado pela espiritualidade.

O ambiente em que cada benzedor(a) está inserido, contribui significativamente para o desenvolvimento de saberes e habilidades, formando sua identidade pessoal e definindo sua tarefa na sociedade em que vive (Feitosa *et al.*, 2022). Assim, a interação entre os(as) benzedores(as) e o meio em que se inserem cria uma rede complexa de influências que supera a esfera da saúde, permeando diversos aspectos da vida cotidiana. Essa abordagem não apenas reflete a complexidade da cultura do(a) benzedor(a), mas também destaca sua importância na promoção da saúde dos indivíduos (Lins, 2013).

Quando se aborda as identidades e as práticas de benzeção na Amazônia, adentra-se em discussões sobre a atribuição da religião (Gill, 2010). A benzeção, enquanto prática, está ligada à espiritualidade e à fé, muitos de seus praticantes são inclinados a enxergá-la como uma extensão de suas convicções religiosas (Melo *et al.*, 2015). Nessa perspectiva, a benzeção se configura como uma expressão concreta da religião no âmbito da vida cotidiana. Dessa maneira, as crenças religiosas exercem uma influência direta na forma como a benzeção é conduzida e interpretada (Miranda; Fonseca, 2020). As preces e rituais empregados pelos(as) benzedores(as) frequentemente têm suas origens em tradições religiosas específicas (Trindade, 2015). Logo, a religião exerce o encargo na compreensão e na prática da benzeção na região amazônica (Lins, 2013).

¹⁷ As parteiras tradicionais são mulheres que fornecem suporte a gestantes antes, durante e após o processo de parto (Vaz Filho, 2016).

No entanto, é importante observar que as reflexões sobre a função da religião na benção abrangem uma gama de perspectivas (Gill, 2010). Para alguns, a benção pode ser encarada como uma prática espiritual, ao passo que outros a consideram uma fusão de elementos espirituais e culturais (Gill, 2010). Como resultado, há diversas visões e debates intrigantes, especialmente quando se explora a interseção entre a fé, a espiritualidade e as práticas de cura, como é o caso da benção (Nery, 2006; Castro, 2020).

Essa diversidade de abordagens se torna ainda mais significativa quando se considera que os(as) benzedores(as) de origem indígena, tem suas práticas muitas vezes conectadas às suas próprias religiões e crenças ancestrais (Cavalcante, 2020). A interação entre a espiritualidade indígena e as práticas de benção oferece uma perspectiva única e enriquecedora, destacando a complexidade dessa tradição e sua relação com as identidades culturais desses(as) benzedores(as) (Silva, 2015). Assim, ao se embasar em sua compreensão, a benção não apenas reflete somente uma dimensão espiritual, mas também incorpora e preserva elementos culturais fundamentais para esses indivíduos (Nery, 2006; Castro, 2020).

A partir das obras que abordam as identidades dos(as) benzedores(as) como, Nery (2006), Nogueira, Versonito e Tristão (2012) e Silva (2013), benzer é visto como um dom e demanda dos(as) praticantes(as) uma disposição constante, pois o(a) benzedor(a) precisa estar sempre pronto e disponível para auxiliar aqueles que necessitam, e esse auxílio é oferecido de forma voluntária, ou seja, o(a) benzedor(a) não pode exigir pagamento pela benzedura.

Uma característica marcante do benzedor é sua postura desinteressada em relação a recompensas financeiras pelo seu trabalho. O benzedor não vende suas rezas, pois acredita que seu dom de cura é um presente divino que deve ser compartilhado sem a expectativa de pagamento direto. Assim como relata o benzedor:

Se eu rezo em algum filho em alguma mulher, e alguém que quer me dá alguma coisa me gratificar com 5 reais, 2 reais, 1 real o que ele quiser me dar, ele me dar, mas eu não cobro de ninguém. Isso por conta própria, agora desmentidura essas coisas aí é outra coisa, eu ajeito a pessoa e cobro. Eu ajeito a desmentidura eles mim pagam com 10 reais a desmentidura que eu cobro, se eu ajeitar os dois braços eu cobro 10 reais, se eu ajeitar embaixo essa área se ele sente dor no joelho e tornozelo eu cobro 20 reais as duas pernas, então as pessoas ficam felizes (Entrevistado Seu Mesquita).

Seu Mesquita explica que, embora não solicite nenhum recurso financeiro pelas rezas, pois entende que o benzimento em si não deve ser comercializado, ele cobra por outras atividades extras, como o que chama de desmentidura¹⁸ recebendo valores por esse auxílio às

¹⁸ A desmentidura refere-se a um deslocamento, como o de um osso ou articulação, ou a uma contusão, que pode envolver músculos, ligamentos, entre outros; incluindo luxação, entorse ou desconjuntamento, geralmente são tratados por puxadores (Vaz Filho, 2016).

peessoas. Essa visão de que a prática do benzimento é uma manifestação divina impede que o(a) benzedor(a) exija pagamento pela benzedura em si (Miranda; Fonseca, 2020). Essa abordagem reflete a perspectiva do(a) benzedor(a) de que o benzimento é um ato de ajuda e cura inspirado por uma conexão divina, e, portanto, não deve envolver transações financeiras (Eckel, 2020). Esse aspecto do ato de benzer é destacado pelo próprio benzedor, que relata que seu conhecimento foi concedido por Deus.

Ah, eu me sinto feliz, eu me sinto feliz porque eu glorifico o nome do Senhor todo o dia. Pra mim, benzer é tipo uma missão. Qualquer hora que precisam eu vou, se uma pessoa me chama, me chamando para ajudar, eu vou. Minha família as vezes não quer que eu vá, mas eu digo: “isso e uma missão dada por Deus, tenho que ir (Entrevistado Seu Mesquita).

Com palavras de devoção, narra não apenas o compromisso como benzedor, mas também a convicção de que ele considera sua habilidade como um presente divino. A missão de aliviar as dores e aflições das pessoas torna-se uma expressão viva de sua devoção à sua religião. Há uma clara compreensão de que essa capacidade não é apenas um talento pessoal, mas sim um chamado divino. Seu Mesquita enfatiza que sua família tem preocupações a respeito das suas atividades de benzer, mas ele vê como parte de uma missão.

Isso sugere que Seu Mesquita percebe seu trabalho como algo mais do que simplesmente responder às preocupações da família; ele enxerga isso como um propósito ou uma responsabilidade maior, como se estivesse cumprindo uma missão pessoal ou espiritual ao agir dessa forma. Essa visão pode indicar uma forte convicção ou motivação interna por trás das ações de Seu Mesquita, que o impulsiona a agir além das preocupações imediatas da família.

Nascimento e Silva (2019), ao examinar as orações, rituais, altares e manifestações ligadas às crenças e divindades, fica claro que o benzimento é uma parte integrante da diversidade cultural que surge da interação entre várias etnias e culturas, contribuindo para a construção da identidade cultural do Brasil (Laraia, 2001; Miranda; Fonseca, 2020). Por meio de rituais, preces, gestos e palavras sagradas, os(as) benzedores(as) evocam energias positivas e canalizam a sabedoria divina para restaurar o equilíbrio físico, emocional e espiritual dos indivíduos (Nascimento; Silva, 2019; Pazello, 2020).

É fundamental destacar que a prática da benzeção e o seu poder curativo, incorpora também uma dimensão simbólica e reconfortante (Silva, 2015). Aqueles que buscam a orientação de um(a) benzedor(a) não apenas encontram um remédio para suas aflições, mas também um apoio emocional e espiritual. O(a) benzedor(a) se transforma em um ponto de referência, uma figura capaz de oferecer esperança nos momentos de dificuldade, especialmente no âmbito da saúde (Silva, 2010a). Como é relatado:

Tem alguém assim que quer saber de alguma viagem de alguma coisa qualquer, que queria saber se vai dá certo, as entidades já avisam logo, porque eu sou espirita, as entidades já dizem logo se vai dá certo, ou se não vai. Não sou eu que falo, mas de quem está falando com a pessoa, através do meu corpo (Entrevistado Seu Milton).

Seu Milton não se limita apenas às atividades de cura; ele oferece orientações em questões diversas. Sua conexão espiritual, no espiritismo, proporciona uma capacidade de acessar informações sobre situações específicas, através das entidades que o mesmo recebe em seu corpo. Seu Milton destaca que sua ligação com as entidades indo da cura física, envolvendo também a capacidade de oferecer orientações sobre diversos aspectos da vida. Se alguém busca informações sobre uma viagem, por exemplo, as entidades, por meio do benzedor, proporcionam essas informações (Oliveira; Campigoto; Schoerner, 2015).

Seu Milton salienta que não é ele quem fala, mas sim a entidade que se comunica através dele, ressalta a natureza médium de suas interações espirituais. Essa característica revela a humildade e entrega do benzedor a incumbência de intermediário, transmitindo as mensagens das entidades de maneira imparcial. Essa habilidade de oferecer orientações entrelaçasse com a esfera física, permitindo que Seu Milton sirva como um canal para a sabedoria espiritual. Essa dimensão mais ampla do seu trabalho destaca não apenas a sua destreza na cura, mas também a função de consultivo e orientador, atuando como um elo entre o mundo material e espiritual.

Portanto, a atuação de Seu Milton ultrapassa o âmbito das práticas de cura, incorporando também a função de conselheiro espiritual e orientador, fornecendo informações que vão além das necessidades físicas, conectando-se às dimensões da existência, proporcionando-o uma esfera única da formação de sua identidade.

A prática da benzeção não apenas molda a identidade desses(as) benzedores(as), mas também os posiciona como tutores de tradições culturais e espirituais. Assim, além de ser uma figura na promoção da saúde, esses(as) benzedores(as) tornam-se fontes de suporte emocional e espiritual para aqueles que buscam suas orientações (Silva, 2010a). Neste contexto, o benzedor relata que: “Muitas pessoas vêm aqui pedir orientação e também conselhos e pedir para proteger alguém, eles colocam o nome para ir para a Selva¹⁹, e lá as entidades fazem o trabalho de proteção” (Entrevistado Seu Milton).

Essa procura pelos(as) benzedores(as) relaciona-se com questões de saúde física, estendendo-se para o âmbito emocional e espiritual. As pessoas confiam nos(as) benzedores(as)

¹⁹Durante a entrevista, foi observado que Seu Milton enfatiza a importância do local que realiza suas atividades como benzedor na Selva. O benzedor destaca que a Selva é um ambiente fundamental para as práticas de benzeção, pois fornece elementos naturais e espirituais essenciais, que são fundamentais para o desenvolvimento e eficácia dos rituais de cura. Diante disto, respeitando toda a relevância do local para o benzedor optou-se por utilizar essa palavra como em destaque como está no corpo do texto (Dados da pesquisa).

não apenas para tratamento, mas também para conselhos, orientações e até mesmo proteção espiritual (Souza; Rodrigues, 2016). A referência à “Selva” destaca a dimensão espiritual e simbólica desse processo, sugerindo uma conexão com as entidades da natureza.

Dessa forma, os(as) benzedores(as), como Seu Milton, não apenas atuam como benzedor, mas como guias espirituais e conselheiros, proporcionando um suporte holístico para aqueles que buscam não apenas a cura física, mas também a orientação e a proteção em um contexto mais amplo. Essa abordagem integral destaca a riqueza e a complexidade da atribuição desempenhado pelos(as) benzedores(as) nos locais em que atuam. Outrossim:

Os benzedores são encontrados em grande número em comunidades rurais, e nesse espaço é comum fazerem parte da comunidade e serem por esta levados em alta conta, exercendo o papel de conselheiros, curadores e auxiliarem em questões que vão desde a puberdade dos jovens, aspectos do matrimônio, dificuldades de saúde e ritos de morte (Lins, 2013, p. 572).

Apesar das variações nas técnicas de benzimento e nas crenças a ele associadas, a prática de benzer permanece inalterada ao longo das gerações (Miranda; Fonseca, 2020). Esta prática representa um legado cultural, mantendo-se como uma autêntica expressão da sabedoria popular, tanto no que se refere à benzeção quanto em relação aos mecanismos de continuidade que são transmitidos ao longo do tempo (Lins, 2013; Nascimento; Silva, 2019).

Todavia, o benzimento manifesta-se como um costume da simples ação de abençoar ou curar à bem-estar espiritual (Silva, 2018a). É uma representação vibrante da capacidade humana de buscar conforto e esperança no divino, além de ser uma expressão do cuidado e da solidariedade que caracterizam as relações humanas. Nesse contexto, pode ser plenamente considerada uma prática que resultou da fusão de culturas de diferentes povos, refletindo, assim, ao rico hibridismo cultural brasileiro (Cunha, 2018; Bethencourt, 2004).

Os conhecimentos relacionados à benzeção perduram até os dias atuais, principalmente devido à sua transmissão oral e à sua integração nas expressões culturais e nos conhecimentos de diversos grupos, incluindo as comunidades amazônicas (Nascimento; Silva, 2019). Portanto, a benzeção se consolida como um elemento cultural para os grupos que fazem uso dela (Gomes; Pereira, 2004). No entanto, a preservação da benzeção pode sofrer alterações ao serem transmitidos para as futuras gerações, uma vez que essa transmissão se dá predominantemente de forma oral (Castro, 2020). Embora a oralidade seja um dos fatores que contribuem para a conservação desses conhecimentos até os dias de hoje, a eficácia desse método pode variar (Hoffmann-Horochovski, 2015).

Teixeira (2022) destaca a importância de preservar, reconhecer e valorizar os conhecimentos e práticas dos(as) benzedores(as). Estes são verdadeiros trabalhadores(as)

incansáveis, dedicados(as) à sua missão, muitas vezes sem receber remuneração. A benzeção representa uma expressão fundamental da cultura e do saber de diversos grupos étnicos, incluindo as comunidades amazônicas (Castro, 2020; Nascimento; Silva, 2019).

Seu Mesquita, relata não apenas a profundidade de seus conhecimentos no benzimento, mas também a preocupação inerente de que essa sabedoria ancestral possa se perder com o tempo. Em suas falas, ele compartilha que, até o momento, não teve a oportunidade de transmitir formalmente sua prática a outros, o que levanta a questão de preservação desse legado. Assim como se segue: “Ainda não ensinei, quem sabe mais pra frente né, de verdade não tive essa chance sabe, por enquanto, só faço minhas orações, benzo mesmo do jeito que falei pra senhora, com fé” (Entrevistado Seu Mesquita).

Seu Mesquita reconhece essa lacuna em sua jornada, não apenas um desejo de partilhar seus conhecimentos, mas também uma reflexão sobre a ausência de oportunidades para fazê-lo até o momento. O temor de que seus ensinamentos possam cair no esquecimento é palpável em suas palavras. A transmissão oral de práticas como o benzimento é crucial para a continuidade das tradições culturais (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982), e Seu Mesquita, ao reconhecer essa necessidade, expressa um anseio sincero por oportunidades futuras para compartilhar seu conhecimento.

Apesar da falta de oportunidades formais de ensino, o benzedor continua a exercer sua prática com dedicação e fé: “Por enquanto, só faço minhas orações, benzo mesmo do jeito que falei pra senhora, com fé” (Entrevistado Seu Mesquita). Essa perseverança reflete não apenas a devoção do benzedor(a) à sua prática, mas também a esperança de que, no futuro, ele terá a chance de repassar seus conhecimentos a outros, garantindo a continuidade dessa tradição.

Neste contexto, o benzimento não se estende a ser uma mera prática tradicional de cura e proteção; trata-se de um reflexo intrínseco das crenças, valores e tradições (Miranda; Fonseca, 2020). Essa tradição, adaptando-se ao contexto atual, preserva a história e os valores que a envolvem (Laraia, 2001). Reconhecer o benzimento como tal não apenas destaca sua importância na herança cultural brasileira, mas também sublinha a necessidade de proteger e valorizar as práticas culturais que desempenham um compromisso na manutenção da identidade e da diversidade cultural (Dias; Caetano, 2022).

Quando se trata dos povos amazônicos seus costumes que remontam às suas origens indígenas, se perdura até os dias atuais. No contexto do Brasil, onde o hibridismo cultural é marcante, a preservação das práticas dos(as) benzedeiros(as) se destaca como um testemunho vivo dessa rica diversidade (Bethencourt, 2004). A contribuição dos(as) benzedores(as), não

apenas representa as tradições, mas também a continuidade desses saberes culturais que resistiram às transformações do tempo (Castro, 2020; Nascimento; Silva, 2019).

Os(as) benzedores(as), independentemente de sua religião ou contexto social, se veem como detentores(as) de um dom singular, uma habilidade especial que lhes permite contribuir para o bem-estar e saúde daqueles que as procuram (Trindade, 2015). Essa convicção no rito da benzeção não apenas impulsiona sua prática, mas também reforça sua identidade social como benzedores(as) (Silva, 2015). Como observa Silva (2013, p. 11), “Desta forma, percebemos que estes se reconhecem como pessoas que tem o dom da cura através das suas orações, reafirmam sua identidade social como benzedores”.

Sendo assim, o benzedor destaca que: “As pessoas vêm com os problemas que eles têm e as pessoas vem que chegou o resultado que eles querem, a cura. Nunca fiz mal para ninguém” (Entrevistado Seu Milton). O benzedor ressalta a confiança depositada pelas pessoas em sua habilidade de oferecer alívio e solução para os desafios que enfrentam. O compromisso em proporcionar benefícios e a ênfase em nunca causar mal enfatizam a integridade e o propósito benevolente do(a) benzedor(a) em suas práticas.

Esta autopercepção dos(as) benzedores(as) como portadores(as) de um dom específico destaca a profundidade da inter-relação de misturas culturais que moldaram suas práticas no cotidiano contemporâneo. Independentemente de sua origem ou contexto, a crença no rito curativo da benzeção excede fronteiras, consolidando esses praticantes como agentes (Cordeiro, 2017). Essa autopercepção dos(as) benzedores(as) não apenas influencia suas práticas, mas também reforça a importância da continuidade dessa tradição. Ao reafirmarem sua identidade social como benzedores(as), eles ajudam a preservar e transmitir os conhecimentos e os rituais (Silva, 2013). A benzeção não apenas ilustra a evolução da compreensão da cultura, mas também representa uma tradição rica em saberes, práticas e expressões culturais:

Porquanto o que lhe geraria a competência de agir, e que, por extensão, propiciaria a interpretação da identidade narrativa que assumiria no desenvolvimento do enredo narrativo e a identidade narrativa dos benzedores, que se corporificaria na esfera simbólica despertada pela tradição do catolicismo popular (Pereira; Castro; Caldas, 2022, p. 155)

A relação entre a competência de ação dos(as) benzedores(as) e a formação de suas identidades narrativas, apresenta ênfase na influência da tradição do catolicismo popular (Oliveira; Campigoto; Schoerner, 2015). Destaca-se que a capacidade de agir dos(as) benzedores(as) é essencial na construção de suas identidades narrativas (Feitosa *et al.*, 2022). Essa competência de agir está ligada às ações que eles realizam em suas práticas de benzeção (Trindade, 2011). Essas ações não apenas definem sua competência como benzedores(as), mas

também moldam a narrativa de suas vidas à medida que interagem com aqueles que buscam sua assistência. Portanto, é por meio da benzeção que eles(as) desenvolvem uma parte significativa de sua identidade (Pereira; Castro; Caldas, 2022).

A tradição é fundamental na construção da identidade narrativa dos(as) benzedores(as), e essa importância torna-se ainda mais significativa quando correlacionada aos povos indígenas. Para os(as) benzedores(as), a tradição não é apenas um conjunto de práticas transmitidas ao longo do tempo, mas sim um elo essencial com a riqueza cultural e simbólica de suas origens (Vaz Filho, 2016).

A relação entre os(as) benzedores(as) e os povos indígenas, nota-se que a tradição proporciona um contexto cultural e simbólico rico e sólido. Esses praticantes não apenas perpetuam rituais ancestrais, mas também carregam consigo a herança espiritual e cultural de seus antepassados indígenas. Neste contexto, a identidade narrativa dos(as) benzedores(as) se conecta com a narrativa mais ampla dos povos indígenas, contribuindo para a preservação e transmissão de práticas que remontam a tempos imemoriais. Não é apenas um elemento estático, mas um processo dinâmico que se renova, enriquecendo-se com experiências vividas e compartilhadas (Feitosa *et al.*, 2022; Moura, 2011).

Os rituais, as orações e os símbolos ao processo de benzer posicionam o benzedor(a) como o protagonista central na construção de sua própria identidade (Moura, 2011). Esses elementos não são meramente incorporados às suas práticas; eles são também internalizados, tornando-se parte integrante da percepção que os benzedores(as) têm de si mesmos(as). Dessa maneira, as tradições populares que permeiam suas ações não apenas enriquecem seu repertório de práticas, mas agem como uma fonte significativa e uma conexão espiritual pessoal para esses praticantes (Pereira; Castro; Caldas, 2022).

Assim, a intrincada interação entre a competência de ação dos(as) benzedores(as) e a influência das tradições dos povos indígenas, aliadas ao contexto do catolicismo, espiritismo e religiões protestantes trata-se de uma tarefa na formação de suas identidades narrativas (Oliveira; Campigoto; Schoerner, 2015). Esses elementos formam a autopercepção dos(as) benzedores(as), assim como a forma como são percebidos(as) dentro do local onde atuam (Silva, 2010a). Esse cenário ressalta a importância de examinar esses aspectos interconectados ao explorar a identidade dos praticantes do benzimento (Pereira; Castro; Caldas, 2022).

Nesse sentido, compreender as identidades empreendidas no âmbito das benzeções requer que consideremos os vieses existentes no processo. Inegavelmente os lugares ocupados por Rezaadores perpassam a experiências no universo do trabalho, na luta pela sobrevivência em virtude de privações materiais, a iniciação nas benzeções, o

apego a religiosidade contribuindo para identificar o espaço social e cultural que esse grupo de indivíduos se localiza (Conceição, 2012, p. 2).

A compreensão da identidade dos(as) benzedores(as) na benzeção requer a consideração de diversos aspectos (Borchardt; Colvero, 2013). Essa identidade não é estática, mas sim moldadas por uma série de influências e experiências (Nascimento; Silva, 2019). Um desses aspectos é a relação a benzeção com o universo do trabalho e a luta pela sobrevivência em face de privações materiais. Isso sugere que a benzeção pode ser vista como uma resposta às dificuldades e desafios enfrentados por esse grupo de indivíduos, influenciando diretamente como os(as) benzedores(as) se identificam (Conceição, 2012).

Os(as) benzedores(as) desempenham um papel essenciais, especialmente por possuírem conhecimentos tradicionais sobre as propriedades terapêuticas das plantas. Isso estabelece uma conexão entre saberes empíricos e a fé na capacidade de cura, que muitas pessoas procuram nesse tipo de conhecimento. Essa integração é essencial para a prática dos(as) benzedores(as), pois lhes permite combinar o melhor dos dois mundos, visando à promoção da saúde e do bem-estar daqueles que os procuram (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982).

No âmbito da cultura indígena, destacam-se os Sacacas e Pajés, cujas práticas de benzimento se cruzam com narrativas ricas de seus povos (Beltrão Júnior, 2013). Sganzerla *et al.* (2021) busca capturar a parte fundamental dessas figuras, apontando como suas benzeduras estende-se além do físico para alcançar o domínio do sagrado, contribuindo para a compreensão da interconexão entre o material e o espiritual (Trindade, 2011).

Esses praticantes da cura muitas vezes compartilham um entendimento intuitivo sobre a relação entre o corpo e a alma, promovendo um equilíbrio que transcende as palavras escritas, contribuindo assim para a formação de suas identidades (Cunha, 2018). Em contraste, os Sacacas e Pajés, enquanto benzedores(as), são detentores de saberes ancestrais, transmitidos ao longo de gerações, baseando-se na conexão com a natureza e nos rituais tradicionais de cura, tornando a compreensão da formação de identidades mais complexa. Suas práticas de benzeção são envolvidas em histórias que atravessam gerações, ao mesmo tempo em que refletem a interação entre a espiritualidade indígena e o conhecimento científico (Vaz Filho, 2016).

Outro ponto destacado é a iniciação da benzeção e à religiosidade, que exerce a função na definição do espaço social e cultural ocupado por esses praticantes. Isso implica que benzer não é apenas uma prática cultural, mas também uma expressão de religiosidade que contribui para a identidade desses indivíduos (Cordeiro, 2017). As evidências de atribuição coletiva não têm o propósito de restringir os indivíduos a um território sociocultural fixo e definitivo. Pelo

contrário, elas visam esclarecer os princípios que fundamentam as práticas culturais compartilhadas por um grupo específico (Conceição, 2012).

É crucial destacar que, mesmo em meio ao contexto urbano, a prática dos(as) benzedores(as) continua (Cunha, 2018). Cada etapa do ritual conduzido por esses praticantes é impregnada por abordagens específicas, a depender de suas práticas religiosas. Cada manifestação de fé é induzida de significado e requer uma condução ordenada, assegurando que a benzeção se desenrole conforme planejado e que as dificuldades daqueles que buscam auxílio sejam efetivamente enfrentadas (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012).

Nesse contexto, ressalta-se que não há um padrão único a ser seguido por pessoas que queiram aprender sobre o benzimento. As práticas variam consideravelmente de um benzedor(a) para outro(a), o que adverte a importância de documentar ou preservar os processos do benzimento. Mesmo diante das nuances urbanas, a diversidade e a riqueza dessas práticas se mantêm vivas, adaptando-se ao cenário contemporâneo sem perder o elemento central na autenticidade que caracterizam o benzimento (Dias; Caetano, 2022).

Outrossim, no meio das complexidades urbanas, a prática do benzimento não apenas mantém sua vitalidade, mas também se adapta ao cenário contemporâneo, sem renunciar o princípio e autenticidade que a caracterizam (Eckel, 2020). A urbanização, com todas as suas peculiaridades e dinâmicas, não consegue extinguir esta tradição; ao contrário, ela oferece espaço para se reinventem, encontrando ressonância nos espaços urbanos (Lins; 2013).

A capacidade de adaptação do benzimento ao contexto urbano trata-se de uma mera resistência; é um testemunho da habilidade dessas práticas em evoluir e integrar-se de maneira significativa ao tecido social moderno (Silva, 2022). Os(as) benzedores(as), em meio às paisagens urbanas, descobrem novas formas de expressar e compartilhar seus conhecimentos, ajustando-se às demandas e diversidades das regiões urbanas. A diversidade presente no benzimento é um reflexo da habilidade humana em preservar e renovar tradições em constante transformação. Ao se adaptarem ao cenário contemporâneo, essas práticas conseguem comunicar-se eficazmente com um público diversificado, mantendo, ao mesmo tempo, sua autenticidade própria (Lins; 2013).

Frente às transformações urbanas, a prática do benzimento persiste, resistindo e esforçando-se para preservar suas raízes culturais e espirituais. Essa continuidade e capacidade de renovação são reflexos da missão duradouro e da relevância que as práticas de benzimento mantêm, contribuindo significativamente para a construção da identidade do(a) benzedor(a) (Beltrão Júnior, 2013). Esses conhecimentos, de longo tempo, convergem de maneira singular para enfrentar as complexidades e desafios do mundo contemporâneo (Lins; 2013).

O(a) benzedor(a), ao integrar sua identidade com as práticas, não se limita à execução de rituais de cura; ele estabelece uma conexão singular com o sagrado. No cotidiano desses praticantes, a crença no conhecimento específico do benzimento avança a esfera do ordinário, englobando uma compreensão da existência (Miranda; Fonseca, 2020). Essa conectividade apresenta-se como uma jornada na qual a rede da crença são habilmente entrelaçados com os da vida prática. Os(as) benzedores(as), ao assimilarem esses elementos, não apenas mitigam males físicos, mas proporcionam uma visão holística da existência, onde o divino e o cotidiano coexistem em harmonia (Silva, 2010a).

As identidades dos(as) benzedores(as) se edificam e se consolidam (Borchardt; Colvero, 2013). Cada gesto, cada palavra proferida durante seus rituais constitui uma manifestação dessas identidades singulares, formada pela tradição, pela espiritualidade e pelo compromisso do seu dom divino em prol daqueles que buscam suas orientações (Moura, 2011). Todavia, no processo do benzimento, existe uma relação de confiança entre o(a) benzedor(a) e aqueles que buscam sua ajuda. Por isso, muitas vezes, os(as) benzedores(as) são conselheiros(as) e amigos(as), especialmente em caso de parentescos, na qual são figuras centrais na tomada de decisões dentro da família (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012). A presença de laços familiares e a transmissão dessas experiências de geração em geração podem ajudar a garantir a sobrevivência da tradição do benzimento ao longo do tempo. Hoffmann-Horochovski (2015) ressalta, a tradição do benzimento continua viva nos dias atuais.

1.3 A Resistência das Práticas dos(as) Benzedores(as) na Atualidade

Em um mundo em constante transformação, onde as tradições frequentemente se desvanecem no turbilhão da modernidade, os(as) benzedores(as) emergem como devotos protetores(as) das histórias e da cultura, dos mitos, rituais e das tradições que abrigam a riqueza da herança cultural de seus antepassados. Em um mundo que, muitas vezes, privilegia o novo em detrimento do antigo, os(as) benzedores(as) relembram a importância de preservar a herança cultural do Brasil (Cordeiro, 2017; Carvalho, 2013).

A perseverança das práticas dos(as) benzedores(as) na contemporaneidade é verdadeiramente admirável. Em um cenário marcado pelo avanço tecnológico e, conseqüentemente, pela explosão de informações, esses praticantes enfrentaram adversidades ao longo dos anos. Resistindo à marginalização e ao esquecimento, perseveraram, mantendo suas práticas não apenas vivas, mas também relevantes. A determinação em preservar a chama da cultura e da espiritualidade é um testemunho eloquente de sua força interior, destacando-se

como uma inspiradora narrativa de resistência e respeito pelas tradições ancestrais (Silva, 2022). Neste contexto:

Em uma tradição cuja origem se perde no tempo, a benzedura se mantém em uma trilha que ecoa através das gerações. A tradição oral das práticas de cura tem como base difusora a rede familiar, a partir dela os conhecimentos são transmitidos de forma direta ou indiretamente para a geração seguinte (Oliveira, 2022, p. 37).

Ao longo do tempo é importante reconhecer os(as) benzedores(as), bem como sua função na transmissão/preservação da benzeção (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982). Eles proporcionam o ensinamento sobre a importância da conexão com o passado e com a natureza. Mesmo em tempos de mudança, encontramos força e perseverança em suas tradições ancestrais. Assim, a sabedoria dos(as) benzedores(as) continuará a iluminar o caminho, fortalecendo nossa cultura e resistência para as gerações vindouras (Trindade, 2015).

Delani e Mendonça (2020) relatam que os(as) benzedores(as) são portadores(as) e preservam os preparos terapêuticos. Isso significa que eles(as) possuem conhecimentos e técnicas específicas, que são utilizados para promover a cura espiritual e física das pessoas que procuram sua ajuda. Esses segredos terapêuticos incluem rezas, gestos, conhecimentos sobre plantas medicinais, simpatias e outras práticas tradicionais que são fundamentais para o exercício da benzeção.

Com suas mãos experientes e a conexão com a natureza, eles(as) representam ser a cura do simples alívio dos sintomas à benzeção. No cerne desse conhecimento, encontra-se a crença na interconexão entre corpo e alma. O(a) benzedor(a) compreende que a saúde não é apenas a ausência de doença, mas sim um estado de harmonia entre as diversas dimensões do ser. Assim, suas práticas vão além do tratamento superficial, buscando atingir seus princípios nos desequilíbrios, assim como é relatada pela benzedora:

Tem remédio pra dor de cabeça, com álcool e aguardente e três pílula de alcânfora e arruda, bota tudo na garrafa né, pode tá com dor de cabeça, se tiver com derrame, é só ensopar a cabeça bem ensopada, só não pode passar na palma da mão né no pé, passa no corpo todinho que é na hora, a pessoa fica boa na hora (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha é conhecedora dos aspectos sagrados dentro de sua religião. Ela se configura como uma conexão entre o visível e o invisível, criando a harmonia espiritual e física daqueles que a procuram. A confiança depositada pelos adeptos, trata-se de um ponto central para aqueles que buscam consolo e esperança. A benzedura não se resume apenas a uma prática, mas representa um legado de tradições do uso de ervas medicinais (Silva, 2014). Delani e Mendonça (2020), relatam que a cura é alcançada através da fé tanto dos(as) benzedores(as) quanto dos adeptos das práticas de reza e orações, consideradas como ferramentas de cura. Essa

perspectiva destaca a importância da fé como um elemento essencial no processo de cura para aqueles que procuram essa prática.

A perseverança das práticas dos(as) benzedeiros(as), destaca que é atribuída principalmente à fé, tanto dos protagonistas tradicionais quanto dos adeptos da reza e da oração como ferramenta terapêutica. A fé é uma força motriz poderosa que impulsiona os(as) benzedeiros(as) a continuar praticando suas habilidades curativas e a transmitir suas tradições. Acreditar na benzeção como meios de cura é o que motiva a continuar, mesmo quando enfrentam a marginalização pela sociedade (Delani; Mendonça, 2020).

Portanto, “Apesar da marginalização do benzimento e tradições afins nos remeter a épocas antigas, ainda hoje ela está presente. Não obstante, o que refuta a ideia da inoperância do poder de cura pelo benzimento e pelo uso de plantas é a própria comunidade” (Pazello, 2020, p. 2). A persistência dessas práticas contradiz a ideia de que a benzeção seja ineficaz. Aqueles(as) que são benzidos, por meio de suas experiências e testemunhos, validam a eficácia do benzimento e do uso de plantas medicinais (Braga *et al.*, 2023; Silva, 2018a). Isso significa que as pessoas que recorrem a essas práticas frequentemente experimentam melhorias em sua saúde e bem-estar, e essas histórias de sucesso se tornam evidências concretas do poder curativo dessas tradições (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020).

A fé também é importante na conexão entre os(as) benzedeiros(as) e aqueles(as) que buscam sua ajuda. Os(as) pacientes que recorrem a esses protagonistas tradicionais frequentemente têm fé em suas habilidades e na eficácia do benzimento. Essa fé mútua cria um vínculo de confiança que é fundamental para o sucesso das práticas terapêuticas tradicionais (Delani; Mendonça, 2020). A persistência dos(as) benzedores(as) na atualidade estão ligados à sua fé na oração e na benzeção como meios de cura (Dadalto, 2023). Essa fé não apenas os sustenta, mas também atrai aqueles que buscam suas habilidades (Trindade, 2015).

No contexto contemporâneo, cada grupo étnico ou racial carrega consigo uma rica herança cultural, tradições e modo de vida, estabelecendo distinções significativas, especialmente entre os(as) benzedores(as) urbanos e rurais. Notavelmente, os(as) benzedores(as) que residem em zonas rurais muitas vezes são mais procurados para fornecer auxílio na cura (Salgado, 2016). Nesse sentido, a contínua transmissão dessas tradições cria um ciclo fundamental na formação da identidade cultural e os saberes ao longo das gerações (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982). Esta prática incorporou elementos das tradições locais indígenas e, posteriormente, das culturas originárias do continente africano, com especial destaque para a significativa contribuição das mulheres (Pazello, 2020; Gomes, 2011). A partir disto, entende-se que a:

[...] cultura consiste, pois, em transmitir valores adquiridos pela experiência de determinado grupo humano. Difere, portanto, de um grupo a outro [...] a cultura não é algo dado, uma simples herança que se possa transmitir de geração a geração. Ela é uma produção histórica, como parte das relações entre os grupos sociais (Pelegri; Funari, 2008. p. 9).

A diversidade cultural se expressa por meio das tradições, costumes e estilos de vida singulares de cada povo, e na região amazônica isso não é exceção. Quando se trata dos(as) benzedores(as), essa riqueza cultural se manifesta de maneira única, ao preservar saberes ancestrais e rituais tradicionais (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982). É relevante destacar que, mesmo no âmbito da saúde contemporânea, as equipes do Programa Saúde da Família²⁰ reconhecem a prática do benzimento como uma valiosa manifestação da riqueza cultural do povo brasileiro. Esta prática convive com a diversidade de plantas presentes no ambiente em que ocorre o rito de benzer (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020).

Outrossim, o dom do benzimento não faz distinção de gênero, uma vez que um indivíduo pode ser agraciado com essa capacidade divina ou orientação de um mentor. Trindade (2011) relata que a predominância de mulheres como praticantes do benzimento, sendo-lhes atribuída uma aptidão especial para realizar essas benzeduras. Isso, em parte, pode ser explicado pela percepção social de que as mulheres desempenham naturalmente a atribuição de cuidadora, tanto em âmbito familiar quanto em outros contextos (Gomes, 2011). Essa expectativa de gênero em relação ao dever de cuidadoras contribui para que a maioria dos envolvidos nas práticas de benzimento sejam mulheres. Portanto:

[...] as mulheres constituem um número maior na atuação das práticas de benzimento, apesar de também existirem homens. Tudo isso, possivelmente, é reflexo de um contexto histórico das divisões dos papéis sociais e da divisão de tarefas entre gêneros, onde a mulher era vista apenas como dona de casa, que cuidavam da harmonia e bem-estar da família. [...] (Trindade, 2011, p. 11).

Isso pode explicar por que a maioria das benzedoras é composta por mulheres, como aponta Trindade (2011). Sem distinção de gênero, esses(as) praticantes(as) do benzimento são verdadeiros(as) detentores(as) de habilidades autênticas para estabelecer conexões com o mundo espiritual (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020), desempenhando a responsabilidade de intermediários entre as divindades e aqueles(as) que buscam suas orientações (Gomes, 2011). Assim, são eles(as) que preservam vínculos com as bases da ancestralidade. Em um mundo

²⁰ O Ministério da Saúde implantou o Programa Saúde da Família em 1994, atualmente conhecido como Estratégia de Saúde da Família (ESF). A ESF promove uma reorientação no modo de trabalho, aprofundando os princípios, diretrizes e fundamentos da atenção primária, com o objetivo de ampliar a capacidade de solucionar problemas e impactar positivamente na saúde das pessoas e comunidades (Brasil, 2023).

cada vez mais globalizado, é imperativo reconhecer e valorizar a importância desses(as) curadores(as) (Carvalho, 2013).

Apesar de a literatura destacar um grande número de benzedores sendo mulheres, é importante notar que benzedores(as) também podem exercer a tarefa como cuidadores(as), como é relatado pelo benzedor: “Durante toda minha vida, ajudei muita gente, muita gente mesmo através deles, as entidades” (Entrevistado Seu Milton). Nessa perspectiva, o benzedor destaca seu comprometimento ao longo da vida em auxiliar outras pessoas, ressaltando a influência das entidades espirituais em sua missão de cuidador. Essa abordagem amplia a compreensão da tarefa do(a) benzedor(a), enfatizando não apenas as características de gênero, mas também a dedicação e o serviço as pessoas, independentemente do gênero do praticante.

Cada benzedor(a) traz consigo sua própria cultura, que se manifesta em todos os aspectos da vida, desde seu modo de viver até seu pensamento, alimentação e até mesmo linguagem e essas características podem ser repassada para futuros(as) benzedores(as). Conforme Laraia (2001), a cultura pode ser comparada a uma lente pela qual cada indivíduo percebe o mundo. Povos de diversas culturas utilizam lentes distintas e, como resultado, têm perspectivas divergentes sobre a realidade.

Nesse contexto, cada benzedor(a) traz consigo sua perspectiva única de vida, o que resulta em uma formação distinta em comparação com os benzedores(as) de épocas anteriores. Contudo, suas identidades se moldam por novos elementos que surgem para contribuir com a humanidade durante a modernização da sociedade. No mundo contemporâneo, diversas perspectivas coexistem em relação ao mundo antigo, e observa-se divergências na compreensão e expressão da identidade. Enquanto algumas pessoas afirmam ser sua própria identidade, outras destacam possuir uma identidade. Essa divergência pode estar associada à maneira como cada indivíduo concebe sua própria existência e se relaciona com os aspectos que compõem sua identidade (Pelegrini; Funari, 2008).

Os(as) benzedores(as), cuja identidade está vinculada à sua cultura e prática, representa a preservação e transmissão dos seus saberes ancestrais “Uma vez que, juntamente com seus conhecimentos serão repassados seu nome, sua reputação, o trabalho de sua vida e, por extensão, sua própria identidade” (Sganzerla *et al.*, 2021, p. 8). Eles não apenas possuem uma caracterização própria, mas a vivenciam e a expressam por meio de suas ações e conhecimentos. Um exemplo significativo disso é a utilização das ervas medicinais (Araujo *et al.*, 2013), que não são apenas elementos para remédios caseiros, mas carregam consigo tradições ancestrais e saberes (Souza; Cândido; Curado, 2017).

A importância de ressaltar a presença indígena no contexto do benzimento é crucial, uma vez que a atuação desse povo é fundamental na preservação de sua cultura, tradições e saberes ancestrais. Isso ocorre porque a atuação representa uma parte essencial da vida dessas pessoas, conferindo-lhes um senso de pertencimento, conexão com suas origens e uma compreensão de sua existência e história. Em outras palavras, a resistência das práticas de benzer persiste na contemporaneidade, especialmente quando se trata dos povos indígenas, que enfrentam preconceitos por suas identidades indígenas (Silva, 2018b).

Para as comunidades indígenas, a prática do benzimento é muito mais do que simplesmente uma técnica de cura (Silva, 2010a). Diante disto, na contemporaneidade, os povos indígenas enfrentam desafios significativos na preservação e prática de seus costumes de cura tradicionais. Em um mundo cada vez mais globalizado e diversificado, as comunidades indígenas se deparam com pressões que impactam diretamente suas práticas ancestrais de cura (Sganzerla *et al.*, 2021).

Apesar dos desafios, muitas comunidades indígenas os(as) benzedores(as) demonstram resistência ao adaptar suas práticas de cura aos novos contextos, sem perder completamente a conexão com suas tradições (Delani; Mendonça, 2020). A revitalização e fortalecimento desses costumes na atualidade envolvem estratégias que buscam o reconhecimento da importância dessas práticas, a proteção de seus territórios e a promoção de diálogos interculturais mais respeitosos (Guerra; Amaral, 2014; Dadalto, 2023).

No entanto, é importante ressaltar que as identidades, especialmente no contexto indígena, onde a conexão com elementos espirituais e naturais são essenciais. Cavalcante (2020), ressalta que a questão sobre identidade, em muitos casos, é levantada por pessoas não-indígenas. Isso levanta questões sobre como o “outro” (não-indígena) influencia ou desempenha um papel na construção da identidade dos indígenas. Guerra e Amaral (2014), sugerem uma reflexão sobre o impacto das interações e influências externas na percepção e construção da identidade indígena, especialmente no contexto das práticas medicinais relacionadas às plantas (Mondardo; Nascimento, 2023).

A análise da identidade cultural na pós-modernidade de Hall (2006, p. 85), descreve que “O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”. Sendo assim, as identidades em um contexto marcado pela interconexão global e diversidade cultural. Hall (2006) observa que, nesse cenário, ocorre um fortalecimento das identidades locais, exposto pela reação defensiva de membros de grupos étnicos dominantes que percebem ameaças à sua identidade diante da presença de outras culturas.

No contexto dos(as) benzedores(as) indígenas, essa reflexão ganha relevância. Esses praticantes desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão das tradições do benzimento, que são intrinsecamente ligadas às suas identidades culturais (Borchardt; Colvero, 2013). Sua prática não apenas reflete a conexão profunda com a cultura indígena, mas também influencia e é influenciada por essa cultura.

Assim, a presença e atuação dos(as) benzedores(as) indígenas contribuem para a diversidade e fortalecimento das identidades culturais locais. Ao mesmo tempo, podem gerar reações defensivas de grupos dominantes que se sentem desafiados pela preservação e expressão dessas tradições. Dessa forma, a análise da identidade cultural na pós-modernidade revela a complexidade e a tensão inerentes às interações culturais, a partir do papel significativo dos(as) benzedores(as) na promoção da diversidade e na resistência às ameaças percebidas à riqueza cultural de suas comunidades (Hall, 2006; Borchardt; Colvero, 2013).

No contexto da religiosidade amazônica, personificada por figuras como sacacas e pajés, encontramos entidades detentoras do saber de benzer, ainda presentes na contemporaneidade. Contudo, a influência da modernidade entrelaça o sagrado com o cotidiano, estabelecendo uma ponte entre a ancestralidade e a atualidade, especialmente no que diz respeito ao conhecimento digital (Dadalto, 2023). Vale ressaltar que, em épocas anteriores, não existia um fluxo de informações tão amplo como na atualidade (Mondardo; Nascimento, 2023).

Na atualidade, a benzeção realizada por sacacas e pajés destaca-se como uma expressão dinâmica da espiritualidade amazônica, adaptando-se aos desafios e oportunidades do mundo contemporâneo (Dadalto, 2023). A coexistência entre a ancestralidade e a modernidade realça a integração de práticas tradicionais com elementos inovadores, permitindo que a benzeção continue a desempenhar um papel nas comunidades indígenas amazônicas (Guerra; Amaral, 2014). Essa convergência entre o antigo e o novo enfatiza a persistência dessas práticas religiosas, mostrando como a religiosidade amazônica permeia a contemporaneidade, mantendo viva a conexão espiritual entre as gerações e reafirmando a importância da tradição na busca pelo equilíbrio e pela cura.

Assim, as identidades indígenas se interligam com a prática do benzimento, conectando a ancestralidade com a modernidade (Borchardt; Colvero, 2013). Portanto, os(as) benzedores(as) indígenas são os portadores(as) de conhecimentos transmitidos por gerações, que incluem não apenas as técnicas de cura, mas também a compreensão das plantas medicinais e sua relação com a natureza e sua espiritualidade (Braga *et al.*, 2023; Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982; Maciel; Guarim Neto, 2006). Atualmente, observa-se que o benzimento não teria se desenvolvido na forma que se conhece na atualidade sem reconhecer a significativa

contribuição dos povos indígenas na formação dessa prática milenar (Mondardo; Nascimento, 2023). Os(as) benzedores(as), ao realizar a benzeção, são testemunhos vivos da influência dos povos originários do Brasil em nossa sociedade e na prática do benzimento (Eagleton, 2003).

Quando abordamos os conceitos indígenas e o conhecimento dos povos originários, especialmente em relação à espiritualidade das florestas, nos deparamos com uma compreensão e singular da conexão entre o homem e o mundo espiritual (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020). Para os povos indígenas, as florestas são de importância primordial, sendo consideradas preciosas. Essa valorização está ligada às entidades indígenas, que detêm um vasto conhecimento sobre os recursos da floresta para o tratamento de diversas doenças (Souza; Rodrigues, 2016). Neste contexto, o benzedor relata que: “A selva é indígena, um lugar espiritual para os indígenas. E a maior parte das entidades que que ocupa são indígenas, muitos deles eu não sei o nome. Uma delas era a Tainha e o Flecheiro” (Entrevistado Seu Milton).

A benzeção, nesse contexto, emerge como uma prática que se conecta tanto à magia das florestas quanto ao mundo espiritual (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020). Essa forma de cura é vista como uma manifestação do cuidado das entidades indígenas, que orientam os(as) benzedores(as) (Delani; Mendonça, 2020). Dessa forma, a benzeção se expressa na espiritualidade e sabedoria indígena, conectando-se harmoniosamente à natureza e às entidades que habitam a selva. Essa prática aborda a dimensão física, refletindo a riqueza cultural e espiritual dos povos originários.

O relato de Seu Milton, ao afirmar que “*A selva é indígena, um lugar espiritual para os indígenas*”, ecoa com a perspectiva apresentada por Kopenawa e Albert (2015) em “O espírito da floresta”. “A floresta está viva, e é daí que vem sua beleza. [...] Se a floresta estivesse morta, nós também estaríamos, tanto quanto ela! Ao contrário, está bem viva”. (Kopenawa; Albert, 2015, p. 467). Ambas as visões convergem para a compreensão da relação própria entre os povos indígenas e a natureza, especialmente a floresta. Seu Milton, em suas palavras, destaca a natureza espiritual da selva, sugerindo que ela não é apenas um espaço natural, mas um local dotado de significados sagrados para os indígenas. Essa abordagem está alinhada com a cosmovisão presente na obra de Kopenawa e Albert (2015), na qual a floresta é percebida como algo vivo, com sua própria espiritualidade.

Kopenawa e Albert (2015) compartilham uma perspectiva que excede a mera concepção materialista do meio ambiente. A ideia de que a vitalidade da floresta está intrinsecamente ligada à existência dos indígenas reflete a interdependência entre a natureza e as comunidades que a habitam, uma noção que também ressoa nas palavras de Seu Milton.

Ambos os relatos de Seu Milton e do Kopenawa e Albert (2015), convergem para a valorização da floresta não apenas como um recurso natural, mas como um ser vivo e espiritual. Enfatizando a importância da compreensão espiritual da natureza para os povos indígenas. Ambas as visões convergem na valorização da vida e na necessidade de preservação da floresta, não apenas como um habitat físico, mas como uma entidade viva e sagrada.

As tradições dos(as) benzedores(as) estão presentes no cotidiano, permitindo que as próprias comunidades, aldeias e sociedade tenham o poder de definir e expressar sua identidade de acordo com suas perspectivas e concepções únicas (Guerra; Amaral, 2014). Sendo assim, a pergunta sobre qual é a identidade dos(as) benzedores(as) indígena, feita por não-indígenas, muitas vezes carrega consigo uma carga histórica de dominação e assimilação cultural. É um convite para que as pessoas reflitam sobre o poder que possuem ao fazer esse questionamento e busquem criar espaços para que os indígenas possam compartilhar suas histórias, saberes e experiências de maneira autêntica (Souza; Cândido; Curado, 2017; Guerra; Amaral, 2014).

No contexto no qual o(a) benzedor(a) se insere é crucial para o desenvolvimento de seus conhecimentos e habilidades, assim como para a construção de sua identidade individual e contribuição para a sociedade contemporânea (Hall, 2006). Esse cenário ganha relevância especialmente nos dias de hoje, marcados pela discriminação daqueles que seguem diferentes religiões. A falta de conhecimento ou preconceitos podem influenciar negativamente a compreensão da prática da benzeção (Cunha, 2018). Eagleton (2003) afirma que a identidade cultural é um estilo de vida social, popular e tradicional, que se destaca por uma qualidade presente em todas as esferas da vida. Posto isto, o benzedor relata que: “Eu só rezo nas pessoas pra fazer o bem eu não rezo pra fazer ninguém sofrer pra fazer macumba pra ver as pessoas cair os pedaços sofrendo eu não faço isso, eu rezo pra curar as pessoas” (Entrevistado Seu Mesquita).

Seu Mesquita destaca que sua prática de benzeção é orientada para o bem e a cura, não para causar sofrimento. Essa afirmação sugere que a compreensão equivocada da benzeção como uma prática nociva, associada à magia negativa ou macumba²¹, é um equívoco. Suas palavras reforçam a importância de compreender a benzeção dentro de seu contexto cultural e espiritual, destacando a natureza positiva e benevolente que muitos benzedores(as) atribuem a essa prática.

²¹ A palavra macumba é uma expressão que muitas vezes é usada de forma pejorativa para se referir a práticas religiosas afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. No entanto, é importante destacar que o termo tem conotações negativas e pode ser considerado ofensivo (Friedrich, 2012).

A preservação da cultura do benzimento e de suas tradições, destaca-se como um suporte crucial para o fortalecimento da identidade dos(as) benzedores(as) (Carniell, 2019; Borchardt; Colvero, 2013), especialmente aqueles de origem indígena, como os Pajés e Sacacas (Pereira, 2011). Contudo, a cultura indígena está ligada às suas tradições, suas línguas, suas práticas espirituais, seus saberes sobre a natureza e seus modos de vida. Ao salvaguardar esses elementos culturais, os(as) benzedores(as), sem depender de sua origem, não apenas mantêm viva sua herança, mas também fortalecem a coesão de sua identidade, contribuindo para a desconstrução preconceituosa da benzeção (Guerra; Amaral, 2014; Dias; Caetano, 2022).

Ao praticarem seus rituais e preservarem saberes ancestrais na contemporaneidade, os(as) benzedores(as) indígenas não apenas reforçam suas identidades, mas também resistem à assimilação cultural (Borchardt; Colvero, 2013). Essa resistência é particularmente significativa em um contexto em que esses(as) benzedores(as) enfrentam desafios constantes na preservação de sua cultura, seja devido à influência preponderante da cultura dominante ou à falta de interesse por parte das gerações mais jovens (CARNIELL, 2019; SILVA, 2022).

De acordo com Dona Dinha, que também é da etnia indígena Kokama²², relata a relevância de passar adiante o conhecimento do benzimento para as gerações, ressaltando a imperatividade de preservar essa prática valiosa ao longo do tempo.

Eu acho que é importante, eu tenho uma filha que muitas coisas ela já aprendeu, ela sabe fazer remédio e pegar desmentidura, ela é muito atenciosa, ela é católica. Mas é porque não se ativa essas crianças, eu tenho uns netos aí que conforme eu vou rezando, eles também vão rezando junto, não tá rezando, tá benzendo, porque ele ainda não sabe rezar, e se eu tô endireitando, ele também tá fazendo massagem, minha neta também (Entrevistada Dona Dinha).

Com convicção, Dona Dinha destaca a relevância do repasse desse saber ancestral, dos seus saberes. Sua observação destaca a transmissão de conhecimento não apenas como um ato de continuidade cultural, mas também como uma manifestação de cuidado e atenção às práticas dos(as) benzedores(as) (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982). Ao mencionar sua filha e netos, Dona Dinha destaca a capacidade de envolver as gerações mais jovens no aprendizado do benzimento. Ela ilustra como as crianças estão naturalmente propensas a absorver essas práticas quando são ativadas e incentivadas pelos mais velhos. Dona Dinha compartilha como seus

²² Os Kokama constituem um povo indígena que reside na região amazônica, na interseção das fronteiras entre Brasil, Peru e Colômbia. No contexto, Amazônia, o povo Kokama são uma etnia indígena que reside principalmente na região do alto e médio Solimões. Eles fazem parte do grupo de uma cultura rica e diversificada, com tradições ancestrais, conhecimentos sobre plantas medicinais, práticas religiosas e modos de vida tradicionais que estão intimamente ligados à natureza e ao rio (Cavalcante, 2020).

netos, enquanto ela benze, estão aprendendo a benzer e até mesmo a realizar massagens, demonstrando a herança do conhecimento da benzedora.

A benzedora ressalta que, embora algumas crianças possam ainda não dominar as habilidades específicas, elas participam ativamente no processo, mostrando como a tradição do benzimento pode ser preservada e adaptada para incluir as novas gerações. Esse envolvimento precoce e natural, como destacado por Dona Dinha, serve como testemunho do potencial contínuo dessa prática ao longo das gerações, reforçando a importância de não apenas manter, mas também nutrir e compartilhar o conhecimento do benzimento para ajudar as pessoas.

As práticas do benzimento por parte dos indígenas enfrentam um dos principais desafios na contemporaneidade, que é a marginalização e a estigmatização por parte da sociedade considerada dominante. Essa sociedade muitas vezes não compreende nem valoriza as tradições, saberes e modos de organização social dos indígenas, contribuindo para um cenário de desrespeito e incompreensão (Davis, 2008). Essa marginalização cria barreiras para a preservação e promoção das práticas do benzimento indígena, uma vez que são desvalorizadas e muitas vezes vistas com preconceito, dificultando a transmissão desses conhecimentos para as gerações futuras (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982). É fundamental promover o respeito pela diversidade cultural e reconhecer a importância das práticas tradicionais, como o benzimento indígena (Silva, 2010b).

A identidade e a cultura das pessoas são influenciadas e moldadas pelo ambiente que as circunda, estabelecendo assim uma ligação própria entre esses elementos (Hall, 2006). Os povos originários enfrentam uma série de desafios e travam batalhas incansáveis em busca de reconhecimento e justiça. Ao longo da história, têm enfrentado a perda de suas terras ancestrais, a destruição de seus modos de vida tradicionais e a negação de seus direitos fundamentais (Silva, 2018b).

No entanto, os povos nativos cultivam uma estreita conexão com a natureza, adotando práticas sustentáveis para sua subsistência, nas quais o respeito pelo meio ambiente é essencial tanto em sua sobrevivência física quanto cultural. Com a degradação do ecossistema e a escassez de acesso aos recursos naturais, as comunidades ribeirinhas e indígenas confrontam desafios cada vez mais significativos na preservação de seu modo de vida tradicional, sua língua materna e seus saberes ancestrais (Davis, 2008).

Os(as) benzedores(as) sejam eles indígena ou não-indígena, são significativos na preservação da cultura e na construção de suas identidades, tanto para eles mesmos quanto para as comunidades que atendem, especialmente na contemporaneidade (Carniell, 2019). A prática do benzimento, realizada por essas entidades, não apenas perpetua tradições culturais, mas

também contribui para a formação de identidades coletivas (Eckel, 2020). Os(as) benzedores(as), ao exercerem suas práticas na atualidade, conectam as gerações passadas com os presentes, mantendo viva sua cultura (Souza; Cândido; Curado, 2017). Essa atuação contínua é fundamental para a transmissão de saberes tradicionais e para a preservação da riqueza cultural, atendidas pelos(as) benzedores(as) (Silva, 2010b).

Este saber adquirido através do empírico possibilita às pessoas simples, ocupar um lugar de destaque diante de seus contemporâneos, que as procuram sempre que necessitam de seus saberes. Esse reconhecimento e lugar social que ocupam na localidade onde moram constituem em um fator de identidade. [...]. Assim, a construção da identidade se dá a partir da forma como se vêem e como são vistos/vistas por seus contemporâneos (Silva, 2013. p.13).

Com base no conhecimento adquirido empiricamente, um indivíduo pode se destacar no ambiente em que está inserido, tornando-se uma referência quando seus “pacientes” necessitam de assistência. Esse reconhecimento e prestígio social que conquistam em sua localidade são fundamentais na construção de sua identidade, principalmente para aqueles que ainda não têm conhecimento de suas origens, mas que aprenderam ou adquiriram o dom de se tornarem benzedores(as) (Guerra; Amaral, 2014). Portanto, as práticas dos(as) benzedores(as) ainda não perderam o ponto central de realizar uma prece com gestos, utilizando, ou não, plantas e ervas medicinais (Di Stasi, 1996; Araujo *et al.*, 2013). Em virtude da eficácia simbólica de suas ações e saberes, ocupam uma posição única no meio em que residem, sendo admirados por seus talentos e pela solidariedade que oferecem (Silva, 2013; Santos, 2021).

É nesse contexto de diversidade e intercâmbio cultural que os(as) benzedores(as) desenvolvem suas práticas e conhecimentos (Silva, 2010a). A relação com a natureza e o meio ambiente, característica dos povos amazônicos, desempenha o papel na construção da identidade do povo amazônico e, por extensão, nas identidades dos(as) benzedores(as) (Borchardt; Colvero, 2013). Sua vida cotidiana é entrelaçada com os elementos naturais, como as florestas, rios e animais, que se tornam parte essencial de sua cultura e espiritualidade (Maganhini, 2022; Melo *et al.*, 2015). Dessa forma, a conexão com o ambiente natural enriquece e molda a identidade dos(as) benzedores(as), refletindo a unicidade da região amazônica e de seu povo (Borchardt; Colvero, 2013).

Apesar das pressões externas e dos desafios enfrentados ao longo da história, os(as) benzedores(as) indígenas amazônicos têm resistido com tenacidade, preservando suas tradições e modos de vida (Mondardo; Nascimento, 2023). A luta constante pela afirmação de sua identidade cultural e pela proteção de seus territórios é um testemunho da importância dos seus

ancestrais. Muitas comunidades indígenas buscam ativamente a valorização de suas atividades ancestrais e conhecimentos tradicionais (Silva, 2013).

Esse esforço não apenas conecta o presente ao passado, mas também representa uma preocupação futura para os(as) benzedores(as) indígenas em relação à construção da identidade no processo de benzimento na atualidade. Isso confirma como o passado está cruzado ao presente e como as ações do presente moldarão o futuro. Assim, a preservação das tradições e dos saberes ancestrais se torna uma herança viva das gerações, enriquecendo não apenas o presente, mas também as possibilidades que o futuro reserva (Dias; Caetano, 2022).

Ao reconhecer a identidade dos(as) benzedores(as) indígenas amazônicos, destaca-se a valorização das riquezas da diversidade cultural (Pereira; Gomes; Castro, 2019). Essas culturas possuem uma contribuição valiosa para oferecer ao mundo, proporcionando ensinamentos sobre a importância da harmonia com a natureza, o respeito pelos antepassados e o valor da coletividade na construção de uma sociedade mais equilibrada e sustentável. Essa relevância torna-se ainda mais clara diante das questões contemporâneas relacionadas à espiritualidade e à busca por conexões com seres divinos (Silva, 2013).

Ao abordar o tema da resistência, é crucial reconhecer que as tradições populares e as crenças relacionadas ao benzimento não representam necessariamente um movimento politicamente organizado (Silva, 2022). A prática e o uso do benzimento variam amplamente, sendo adotados de maneiras diversas. Pode-se entender a resistência no contexto do modo de vida e na persistência do uso de costumes que remontam à ancestralidade (Silva, 2022).

A fé dos(as) benzedores(as) até mesmo daqueles que buscam ajudar são uma forma incondicional a uma hipótese da resistência, especialmente entre a população ribeirinha amazônica (Delani; Mendonça, 2020). Através da fé, essas populações conseguem enfrentar desafios como doenças e desigualdades sociais, através do conhecimento dos(as) benzedores(as), principalmente com auxílio a saúde. Conforme abordado por Silva (2022) ao tratar do senso comum e do uso de práticas rituais populares, não se trata apenas de um elemento de descrédito, mas sim da expressão de uma coletividade de ideias e crenças.

Os(as) benzedores(as) são cruciais nas tradições das comunidades amazônicas. Por meio do conhecimento transmitido por gerações e o uso de plantas medicinais, eles têm sido um recurso para aqueles que, muitas vezes, carecem do suporte adequado da saúde pública (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020; Braga *et al.*, 2023). Em diversas circunstâncias, a benzeção representa não apenas uma opção, mas muitas vezes a única forma disponível de tratamento, recorrendo a ervas, cascas, chás e sucos medicinais como ferramentas terapêuticas (Souza; Rodrigues, 2016).

Eu também ajudando com o sara-tudo, kava-kava, capim-santo, erva-de-passarinho e mais outra casca de canela, eu não tô lembrada de outras, tem várias plantas. Também faço com jenipapo e beterraba, que ajuda a dar sangue e também tem o boldo para dor no estomago. Hoje em dia eles ficam melhor, com a ajuda de Deus e das plantas medicinais (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha destaca não apenas a aplicação prática dessas plantas, mas também a importância da fé, expressa na referência à ajuda de Deus. Essa combinação de elementos naturais e espirituais destaca a cosmovisão integrada que muitas vezes permeia as práticas de cura tradicionais, onde a conexão entre o físico e o espiritual é própria. Ao abordar a continuidade dessas práticas ao longo do tempo, destaca-se que, tanto antes quanto na contemporaneidade, a busca pela cura mantém a mesma. A confiança depositada pelos buscadores nos(as) benzedores(as), e a escolha consciente de recorrer a práticas tradicionais, ressalta a persistência dessas tradições na sociedade.

Portanto, tanto no passado quanto nos dias atuais, a busca pela cura permanece constante. Pois, quando as pessoas procuram os(as) benzedores(as), elas já estão familiarizadas com suas práticas e depositam confiança nas suas orações. Esse processo estabelece uma relação de troca, onde a busca pelo benzimento não é apenas uma solução para questões específicas, mas também reforça sua identidade coletiva, mantendo vivas as tradições e crenças transmitidas ao longo das gerações (Silva, 2022).



**CAPÍTULO II – OS(AS) BENZEDORES(AS) DE
TEFÉ: FÉ E SABERES**



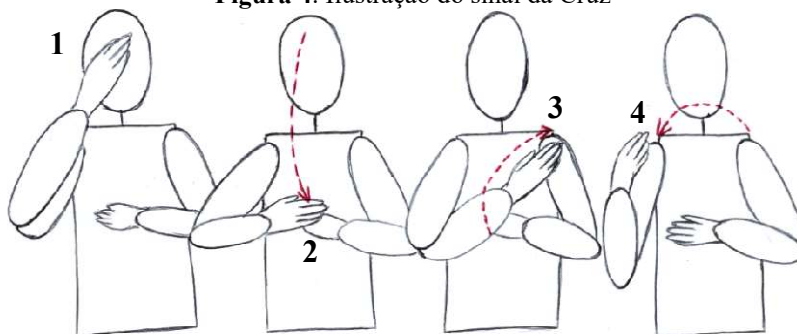
CAPÍTULO II – OS(AS) BENZEDORES(AS) DE TEFÉ: FÉ E SABERES

Este capítulo tem como objetivo apresentar a interseção entre fé e saberes dos(as) benzedores(as) de Tefé, destacando o benzimento como uma prática ancestral. Visando explorar a dinâmica entre fé e conhecimentos entre os(as) benzedores(as) de Tefé. Na seção 2.1 é apresentada a interação entre a fé e a natureza no rito do benzimento será examinada, destacando como esses praticantes incorporam elementos da natureza em seus rituais terapêuticos. A seção 2.2, demonstra as crenças fundamentais que permeiam a prática da benzedura. Abordando a dimensão espiritual e as perspectivas dos(as) benzedores(as) sobre a conexão entre o divino e o ser humano, oferecendo uma compreensão espiritual que sustentam suas atividades. Além disso, na seção 2.3 traz a benção como parte intrínseca da cultura dos povos amazônicos que a praticam, analisando como essa prática se integra aos valores e tradições locais.

2.1 A interação entre Fé e Natureza no Rito do Benzimento

A prática do benzimento é uma interação entre a fé e a natureza, sendo moldada pelas perspectivas religiosas individuais dos(as) benzedores(as) (Eckel, 2020), assim como Seu Mesquita, Dona Dinha e Seu Milton, cada um representando uma vertente religiosa distinta: catolicismo, evangelismo e espiritismo, respectivamente. Seu Mesquita, alinhado com a fé católica, integra elementos da tradição católica em seus rituais de benzedura. Suas práticas envolvem gestos sacramentais, como o sinal da cruz (Figura 4), água benta e orações específicas da tradição católica. O conjunto de rituais católicos com elementos naturais destaca a harmonia entre a fé e a natureza, destacando a crença na intercessão divina por meio de gestos e substâncias simbólicas.

Figura 4. Ilustração do sinal da Cruz



Legenda: (1. Na testa) **Em nome do Pai**, (2. No peito) **do Filho**, (3. No ombro esquerdo) **do Espírito**, (4. No ombro direito) **Santo**. (Mão juntas) **Amém!**

A figura 4 descreve a sequência de gestos realizados pelos(as) benzedores(as) ao fazer o sinal da cruz antes de iniciar o rito do benzimento. Cada parte do corpo tocada durante esse ritual tem uma representação simbólica. Monserrat *et al.* (2018) e Bernardes, M.; Bernardes, L. (2020), relatam que:

- Na testa: O toque na testa representa a invocação e bênção do Pai celestial, reconhecendo a presença divina e buscando sua orientação e proteção;
- No peito: Ao tocar o peito, os(as) benzedores(as) reconhecem a divindade do filho, simbolizando a aceitação e a conexão espiritual com a figura de Jesus Cristo;
- No ombro esquerdo: Este gesto está relacionado ao Espírito Santo, representando a terceira pessoa da Santíssima Trindade²³. É um momento de buscar a orientação e a influência do Espírito Santo nas ações de bênção;
- No ombro direito: Simboliza a santidade e a purificação que vêm do toque divino. Os(as) benzedores(as) buscam a bênção e a pureza para realizar o benzimento com integridade espiritual; e
- Mãos juntas (Amém!): O gesto final, com as mãos juntas, representa a conclusão da oração e a expressão de fé e concordância com as palavras pronunciadas. “Amém” é uma palavra que indica concordância e aceitação das bênçãos invocadas.

Essa prática do sinal da cruz é parte integrante no início do ritual dos(as) benzedores(as), marcando o começo da benzeção e enfatizando a importância da fé e da conexão espiritual durante o processo de realizar o rito de benzer, acompanhado o uso de erva medicinal.

Dona Dinha, seguidora da vertente evangélica, incorpora em suas práticas o contexto de sua fé. Seus benzimentos são marcados por preces fervorosas e pela aplicação de plantas medicinais, onde a confiança na eficácia do ritual é sustentada por sua fé evangélica. Segundo Cruz (2021), a interação entre sua crença religiosa e o uso de elementos naturais mostrar-se uma abordagem singular que combina a espiritualidade evangélica com os recursos da natureza.

Seu Milton, benzedor espírita, apresenta uma perspectiva onde a interação entre fé e natureza é influenciada pela espiritualidade e comunicação com entidades espirituais. Sua prática, gestos físicos e das ervas, incorporando a presença e orientação de entidades espirituais, como “Marizinha” e “Petro-Velho”. Essa dimensão espiritual acrescenta uma camada adicional à interação entre fé e natureza, sugerindo uma colaboração entre o mundo espiritual e o material na busca pela cura (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020).

²³ A Santíssima Trindade é um enigma de um único Deus manifestado em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020).

O benzedor expõe que: “As entidades chegam e pega na pessoa com problema, a reza só é três Deus pai, e Ave maria três vezes, expulsando todos o mal, dor ou outras coisas, em nome de Jesus” (Entrevistado Seu Milton). As entidades agem por meio de Seu Milton de uma maneira singular e enigmática. Durante o processo de benzeção, ele relata que as entidades se aproximam e, com a imposição de mãos, realizam a oração composta por três vezes a invocação do Deus-Pai e Ave Maria. Essa prática específica é executada com o propósito de expulsar todo mal, dor ou qualquer outra influência negativa, tudo em nome de Jesus. Essa simplicidade na forma de rezar destaca a confiança e a eficácia que Seu Milton atribui à oração, demonstrando uma crença no poder divino dessas palavras. O relato enfatiza a natureza direta e enérgica das ações das entidades por meio do benzedor, destacando como a benzeção opera por meio de rituais simples, mas carregados de significado espiritual.

De acordo com Friedrich (2012, p. 94), “As orações do benzedor são mais livres e incluem expressões e palavras com grande desenvoltura e pouco formalismo, às vezes, de forma incompreensível para os ouvintes menos familiarizados”. Essa descrição se alinha com a abordagem de Seu Milton, que, ao adotar uma linguagem simples e despojada, buscando estabelecer uma conexão direta com as entidades e, assim, facilitar o processo de cura espiritual. A benzeção de Seu Milton não reside apenas na palavra em si, mas na ligação espiritual que ele cultiva durante esse ritual, tornando as práticas acessíveis para aqueles que buscam ajuda.

Em todos os casos, a atividade do benzimento é marcada por gestos, ervas e preces que refletem a crença na eficácia desses elementos para promover a cura. A prática, muitas vezes rotulada como curandeirismo, destaca a convergência de elementos sobrenaturais e naturais, buscando equilibrar a confiança na intervenção divina com o poder das plantas medicinais (Cavalcante, 2020). Todavia, a interação entre fé e natureza no rito do benzimento se desdobra de maneiras distintas, moldadas pelas convicções religiosas individuais dos(as) benzedores(as) (Delani; Mendonça, 2020). Cada um incorpora elementos específicos de sua fé em suas práticas, destacando a riqueza e diversidade dessas abordagens dentro do contexto do benzimento.

Dona Dinha, em sua prática de benzimento, revela uma rica interação entre sua fé e a natureza, proporcionando um olhar único sobre o rito do benzimento. Em sua abordagem, Dona Dinha destaca a dualidade de sua experiência religiosa, abraçando tanto a fé católica, sua religião anterior, quanto a evangélica, sua religião atual, com a convicção de que Deus é único.

O benzimento, na nossa igreja eles não querem mais que a gente reze né, eu oro só, que agora eu faço orar e endireitar, benzer as vezes eles vão lá e eu oro a palavra de Deus com a folha de pinhão-roxo sabe, mas graças a Deus tudo o que eu oro fica bom, graças a Deus, tanto na católica quanto na evangélica, porque Deus é só um. E na católica a gente pede a Deus, porque o que cura é a fé, sem fé não cura. Mesma coisa

a gente ser crente e não crer em Jesus, aí a gente não é salvo, então hoje em dia existe várias igrejas, mas Deus é só um (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha relata que, na igreja evangélica, enfrenta restrições quanto à realização de benzeduras, sendo mais incentivada a orar. Dona Dinha destaca, no entanto, que a oração é uma parte essencial de seu benzimento, onde invoca a palavra de Deus enquanto utiliza elementos naturais, como as folhas de pinhão-roxo²⁴ (Figura 5), reforçando a fusão entre sua fé e o ambiente natural. A benzedora compartilha uma história sobre o poder da fé ao mencionar o caso de uma mulher que, de maneira aparentemente lúdica, tirou o olho de uma sardinha e ofereceu como remédio a um homem com febre. A surpreendente recuperação do homem é atribuída à fé, reforçando a convicção de Dona Dinha de que a cura está ligada à fé, independentemente da denominação religiosa.

Figura 5. Pinhão-roxo, com ênfase em suas folhas



Fonte: <https://x.gd/rbfr0>

Dona Dinha destaca que, embora existam diversas igrejas, sua fé permanece centrada em um único Deus. Ela enfatiza a importância da crença em Jesus para a salvação, enfatizando a sua fé, independentemente das diferenças religiosidades. A interação entre a fé de Dona Dinha e a natureza no rito do benzimento emerge como uma expressão holística de sua espiritualidade. Sua prática excede as fronteiras religiosos, unindo elementos religiosos com recursos naturais, onde a fé atua como o elo fundamental para a eficácia do benzimento. Sendo assim, Dona Dinha, ao compartilhar sua experiência, oferece um vislumbre fascinante da interação entre fé e natureza no rito do benzimento, destacando a unidade de Deus em meio à diversidade religiosa e a crença no poder da fé para promover a cura (Miranda; Fonseca, 2020).

Seu Mesquita compartilha uma experiência singular em que realizou o benzimento em uma pessoa evangélica. A narrativa revela a complexidade e a diversidade de crenças, especialmente quando se trata de práticas de cura tradicionais. Sendo assim:

²⁴ O pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*), é aplicado na medicina tradicional e em práticas mágico-religiosas. Nas religiões de matriz africana, é utilizada na purificação e bênção, enquanto na cultura popular em geral, é utilizado para afastar o olho-gordo, mau-olhado (Araujo, 2013).

Uma mulher que é evangélica me perguntou o que eu fazia, foi uma outra que levou ela lá comigo, essa outra era evangélica também, e chamou a outra e a outra não queria ir, porque ela era crente e não gostava de reza nem de benzedor, só que o filho dela estava, ruim, quase morrendo aí o filho da outra mulher tinha ficado doente também e ela levou ele pra mim, eu rezei 3 vezes nele e a criança ficou boazinha, aí depois ela ficou falando para essa que era crente ir lá também, e ela diz que não ia porque não acreditava nessas coisas (Entrevistado Seu Mesquita).

Seu Mesquita destaca uma perspectiva interessante sobre o benzimento, que essa prática pode ultrapassar as fronteiras das religiões ou crenças individuais quando se trata de buscar auxílio para situações de enfermidade, embora ainda enfrente resistências. O episódio revela que, embora tenha havido resistência inicial, uma não foi por parte da segunda mulher devido às suas crenças e descrença na eficácia das rezas, a cura da criança ocorre após três sessões de benzimento. Isso sugere que a prática do benzimento pode superar barreiras religiosas ou resistências pessoais, promovendo a cura mesmo quando confrontada com crenças diferentes (Eckel, 2020).

Essa narrativa ressalta a natureza inclusiva e generalista do benzimento, indicando que a busca pela cura pode unir pessoas independentemente de suas afiliações religiosas ou convicções pessoais. Ao focar na necessidade de ajuda para uma criança doente, Seu Mesquita destaca que a eficácia do benzimento trata-se das diferenças individuais e pode ser acessível a todos que buscam alívio em momentos de enfermidade. Assim, o benzimento, conforme exemplificado por Seu Mesquita, proporciona um espaço comum onde a busca pela cura e bem-estar pode unir pessoas de diversas crenças. No contexto, da fé dos povos indígenas da Amazônia os(as) benzedores(as) é um elemento essencial que permeia suas crenças, práticas espirituais e o vínculo com o divino. A religiosidade desses grupos se manifesta de maneiras diversas, e cada benzedor(a) traz consigo uma perspectiva única, muitas vezes estabelecida em sua afiliação religiosa específica.

Quanto aos benzedores(as), a fé está interligada com suas práticas de benzeção (Trindade, 2011). Cada benzedor(a) traz consigo sua bagagem religiosa, seja no contexto católico, evangélico ou de outras tradições espirituais. A fé é o alicerce que sustenta suas ações de benzer, proporcionando-lhes a confiança necessária para realizar essas práticas. A fé exerce a função na manutenção e continuidade das práticas de benzeção na atualidade (Dadalto, 2023). Os benzedores(as) acreditam na eficácia de suas ações, guiados por uma fé sólida no poder divino. Essa convicção não apenas fortalece suas próprias crenças, mas é transmitida para aqueles que buscam ajuda. A fé é um elo que une as práticas de benzeção às crenças mais amplas, garantindo a perpetuação dessas tradições ao longo do tempo (Silva, 2015).

Durante a entrevista com Dona Dinha, foi possível capturar não apenas suas palavras, mas registrar a energia de seu processo de benzimento. Através desses registros, testemunha-se não apenas um ritual, mas uma conexão entre sua fé e elementos naturais. Ao observar o processo de benzer, pôde-se perceber a intensidade do momento em que a benzedora canalizava suas habilidades, transmitindo cura e proteção. Em observar o seu processo de benzer, há uma atmosfera carregada de espiritualidade, onde a energia fluía entre a benzedora e aquele que recebe suas bênçãos.

A percepção visual do processo de benzimento foi marcada por gestos precisos, cada movimento carregado de significado simbólico e sussurros em forma de orações. A benzedora utilizava suas mãos com destreza, enquanto uma erva específica em seus ritos, faz com seja eficiente sua benzeção. A presença da erva no ritual não apenas realçava a conexão com a natureza, mas ressaltava a importância dos elementos naturais no processo de cura. Através das imagens capturadas, foi possível sentir a força da crença da benzedora na capacidade transformadora da natureza, em uma tradição que busca equilíbrio e harmonia.

Figura 6. Benzedora Dona Dinha, benzendo.



Fonte: Acervo da autora

Figura 7. Benzedora Dona Dinha, final a benzeção



Fonte: Acervo da autora

Em cada imagem a expressão no rosto daqueles que estavam sendo benzidos refletia uma mistura de devoção e esperança. A fé manifestava-se não apenas nas palavras, nas imagens que capturavam o momento em que a benzedora canalizava a energia positiva, proporcionando alívio espiritual e emocional aos que a procuravam. Dessa forma, as imagens com Dona Dinha não apenas documentaram um ritual ancestral, mas revelaram a beleza da interação entre fé e natureza. As imagens (Figura 6 e 7) são testemunhas visuais de um processo de cura que passa do físico, permeando os âmbitos espirituais e mostrando como a tradição e a natureza podem coexistir em perfeita harmonia.

Ao registrar as imagens com Dona Dinha, surgiu o interesse em compreender como outros benzedores conduzem suas práticas de benzeção, investigando como cada um deles se relaciona com suas crenças e como suas práticas evoluíram ao longo do tempo. Diante desse interesse, foi elaborado um quadro com o intuito de investigar e analisar as diferentes abordagens e conexões entre os(as) benzedores(as). No quadro 1, é possível destacar as particularidades individuais, proporcionando uma compreensão de suas tradições, conhecimentos e abordagens singulares presentes no contexto do benzimento. Dessa forma, busca-se oferecer um panorama das nuances que caracterizam esses(as) benzedores(as), contribuindo para uma apreciação mais completa da riqueza cultural e espiritual envolvida nessa prática ancestral.

Quadro 1. Quadro Comparativo de Benzedores(as): Tradições e Práticas

Benzedores(as)	Dona Dinha	Seu Milton	Seu Mesquita
Tradição Religiosa	Evangélica	Espírita	Católico
Aprendizado inicial	Aprendeu algumas coisas com seu tio na infância, mas relata que foi um Dom de Deus.	Adquiriu seus conhecimentos através de entidades e interações com indígenas.	Relata que não aprendeu com ninguém.
Abordagem de cura	Combinação de preces evangélicas e práticas tradicionais.	Incorpora elementos espirituais, mediunidade e saberes indígenas.	Utilizando rituais específicos da fé católica, como orações “Pai-Nosso”.
Visão sobre o dom	Percebe seu dom como uma herança familiar e uma bênção divina	Entende sua habilidade como uma ligação com entidades e um aprendizado constante.	Percebe seu dom como um presente divina.
Relacionamento com seu grupo social	Ativa com seu grupo no bairro em que reside, proporcionando conhecimentos e práticas.	Participa em atividades espirituais reservado e tem conexões com seu grupo indígenas.	Ativo no seu grupo local no seu bairro onde reside, principalmente atendendo ao público na Estrada da cidade, todos os dias.
Perspectiva sobre ensinar	Destaca a importância de transmitir conhecimento para as gerações futuras. Ensina os netos e netas.	Valoriza a educação espiritual contínua e o compartilhamento de experiências. Mas, ainda não teve a oportunidade de ensinar.	Ainda não teve a oportunidade de ensinar, mas relata a importância de ensinar.

Evolução da prática	Mantém uma abordagem tradicional na benzeção, mas incorpora elementos evangélicos, como orações.	Adapta suas práticas, integrando conhecimentos espirituais diversos (entidades).	Mantém uma abordagem do catolicismo, acrescentado rezas em seus benzimentos.
---------------------	--	--	--

Fonte: Própria Autora

O quadro 1 oferece uma descrição de Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, destacando suas tradições religiosas, aprendizados iniciais, abordagens de cura, visões sobre o dom, envolvimento com seu grupo social, perspectivas sobre o ensino e a evolução de suas práticas. Cada característica distinta de cada benzedor(a), ilustrando a diversidade cultural e espiritual presente nas tradições de benzimento. Essa comparação proporciona uma compreensão embasadas nas nuances que moldam essa prática ancestral, refletindo a riqueza e a adaptação contínua dessas tradições ao longo do tempo.

Dona Dinha, de tradição evangélica, demonstra uma abordagem híbrida, combinando preces evangélicas com práticas tradicionais. Seu aprendizado inicial, proveniente de ensinamentos familiares e sua visão sobre o dom como uma bênção divina, refletem uma conexão sólida com a religiosidade. Sua perspectiva sobre ensinar ressalta a importância de transmitir conhecimento, reforçando o papel indispensável da tradição na continuidade cultural (Eagleton, 2003). Por outro lado, Seu Milton, oriundo da tradição espírita, destaca-se pela influência de entidades e interações com comunidades indígenas em seu aprendizado. Sua abordagem de cura, incorporando mediunidade e saberes indígenas, reflete uma sinergia entre diferentes esferas espirituais. Valorizando a educação espiritual e o compartilhamento de experiências, Seu Milton destaca a importância do aprendizado contínuo na prática do benzimento. No contexto, o benzimento surge na vida daqueles que têm parentes que o praticam desde a infância. Como afirmou Dadalto (2023, p. 12):

O benzimento se apresentou em minha vida desde muito pequena, sempre tendo a benção das minhas bisavós ou de outras senhoras que praticavam o ofício. [...] em todo meu caminhar minha avó sempre me ensinou sobre como a fé nos cura e pode curar o outro, em meio a este cenário, ela sempre nos diz qual erva é boa para o malefício que estamos, faz chás para o alívio de dores e cura os ferimentos com as famosas garrafadas. Assim como ela me ensina, sua mãe um dia a ensinou e por meio da ancestralidade estamos conectadas nesse aprendizado contínuo.

Dadalto (2023) destaca a importância da ancestralidade em sua prática de benzimento, aprendendo este ofício. Essa conexão contínua através das gerações, onde a fé, o conhecimento das ervas medicinais são formas de cura transmitidas ao longo do tempo. Por outro lado, Seu

Milton, traz uma perspectiva mais ligada à tradição espírita e ao contato com entidades espirituais e comunidades indígenas. No entanto, ressalta a importância do aprendizado contínuo e do compartilhamento de experiências na prática do benzimento. O(a) benzedor(a) se correlaciona com os relatos de Dadalto (2023) destacando a relevância da conexão com as tradições e o aprendizado ao longo da vida para o ato de benzer e da cura espiritual, mostrando como esses conhecimentos são transmitidos e evoluem dentro de contextos culturais diversos.

Seu Mesquita, representante da tradição católica, mantém uma abordagem no catolicismo, incorporando orações como o “Pai-Nosso” em seus rituais de benzeção. Seu aprendizado inicial envolve uma combinação de ensinamentos maternos e a atribuição do dom diretamente a uma dádiva de Deus. Embora ainda não tenha ensinado formalmente, sua visão sobre a importância do ensino ressalta a necessidade de preservar e compartilhar essa prática.

Ao relacionar essas informações com a literatura sobre o benzimento, no caso específico de Dona Dinha, observa-se uma escassez de evidências quanto à presença de benzedores(as) evangélicos, conferindo uma singularidade marcante à sua prática. A escassez de representatividade de benzedores(as) evangélicos ressalta a singularidade e o caráter distintivo da abordagem de Dona Dinha dentro dessa tradição específica. Percebe-se que cada benzedor(a) representa uma prática única dessa tradição, contribuindo para a riqueza e a diversidade cultural do Brasil (Eagleton, 2003). Essa diversidade, ancorada em diferentes tradições religiosas e aprendizados, destaca a adaptação contínua das práticas de benzimento, preservando sua relevância ao longo do tempo (Beltrão Júnior, 2013).

A interação entre fé e natureza no rito do benzimento se manifesta de maneira única no espiritismo de Seu Milton. No âmago dessa declaração está a confiança firme na crença espiritual, que serve como alicerce para suas práticas de cura. O espiritismo, com sua ênfase na espiritualidade, proporciona um contexto significativo para suas atividades de benzedura; onde a fé não apenas coexiste, mas também se interligam com a compreensão da natureza como um componente essencial do processo de cura (Oliveira; Campigoto; Schoerner, 2015).

O benzedor relata que: “Na minha religião não tem problema, eu vou morrer na minha religião, porque eu sou espírita” (Entrevistado Seu Milton). Em sua fala, o benzedor aborda a relação entre fé e natureza no contexto do rito do benzimento. Ao declarar que na sua religião, o espiritismo, não há problema, e que ele viverá e morrerá nessa crença, Seu Milton destaca a integração harmoniosa entre sua fé e o entendimento da natureza como parte fundamental de sua prática espiritual. A natureza, sob a perspectiva do benzimento, é vista como um repositório de energias espirituais e propriedades medicinais. A fé de Seu Milton, ancorada no espiritismo, complementa essa visão, criando um elo simbiótico entre a espiritualidade e os elementos

naturais. A benzeção, então, sobrepõe o simples uso de plantas e ervas, tornando-se um ritual que incorpora a fé como promotora do poder curativo presente na natureza (ECKEL, 2020).

Ao afirmar que viverá e morrerá na sua religião, Seu Milton expressa uma devoção que se estende ao seu trabalho como benzedor. Essa devoção é, ao mesmo tempo, um testemunho da sua fé própria no espiritismo e na convicção de que a natureza, como manifestação divina, assumindo uma posição essencial na jornada espiritual de cura (Oliveira; Campigoto; Schoerner, 2015). Portanto, a fala de Seu Milton destaca a interseção rica entre fé e natureza no rito do benzimento, oferecendo uma perspectiva singular sobre como esses elementos se cruzam para proporcionar uma abordagem holística e espiritual ao processo de cura.

Neste contexto, o benzedor relata que: “Existe outro trabalho que realizo, que é na Selva, mas para a pessoa ir para a Selva tem que tá o nome na lista pra ir. Daí só vai a pessoa que vem aqui no centro espírita, e que a entidade manda para ir para a Selva” (Entrevistado Seu Milton). O benzedor revela uma dimensão intrigante e mística de sua prática, relacionada ao trabalho que ele realiza na Selva. Esse aspecto de seu ofício acrescenta camadas adicionais à sua conexão com o espiritual e destaca a complexidade de suas atividades de benzeção. Ao mencionar que há um trabalho específico que ele realiza na Selva, Seu Milton insere um elemento de natureza e misticismo em suas práticas espirituais. A Selva, não é apenas um cenário geográfico, mas sim um espaço simbólico que excede a realidade física. Ela representa um domínio espiritual, rico em energia e significado.

A condição para uma pessoa ir para a Selva ser incluída em uma lista prévia adiciona uma nuance interessante. Essa lista parece ser uma manifestação prática da interação entre o mundo espiritual e o material (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020). Assim, a entrada de uma pessoa na Selva só ocorre mediante a inclusão de seu nome em uma lista durante as seções no centro espírita. Essa decisão não é tomada de forma arbitrária, mas sim guiada pela intervenção das entidades, as quais se manifestam por meio de Seu Milton.

A fala de Seu Milton nos mostra a autoridade e a orientação direta das entidades espirituais em seu trabalho, ressaltando que apenas aqueles listados pela entidade irão para a Selva. Ele se posiciona como um intermediário, transmitindo as mensagens das entidades e facilitando a jornada espiritual daqueles que são selecionados. A Selva, com sua carga simbólica, adiciona profundidade ao trabalho de Seu Milton, reforçando a ideia de que suas atividades vão muito além do simples benzimento, abrangendo uma esfera espiritual mais ampla e misteriosa. Quando indagado o que é a Selva, o benzedor relata que:

A Selva é uma coisa assim que não tem grito, não tem nada. A Selva ela é um silêncio, ali você pode orar no pé de qualquer árvore daquela, pedi a Deus a Jesus o que quer,

né, naquela hora que a pessoa está fazendo aquilo lá, tem umas entidades que as pessoas não conseguem ver assim como a gente vê a pessoa, só pode ver se a entidade estiver incorporada naquele corpo é não é todo corpo, tem que ser um corpo preparado desde da nascença. Então o trabalho é realizado ali na Selva, com as entidades indígenas (Entrevistado Seu Milton).

Seu Milton sugere a crença na possibilidade de entidades espirituais incorporarem-se em determinado corpo, mas não em todos. A visão das entidades, de acordo com Seu Milton, só é possível quando elas estão incorporadas em uma pessoa específica, e este indivíduo precisa ter sido preparado desde o nascimento. A preparação ao longo da vida pode indicar um processo pelo qual Seu Milton foi gradualmente capacitado ou adequadamente conduzido para permitir a incorporação dessas entidades espirituais. A afirmação sugere que Seu Milton, ao longo do tempo, desenvolveu uma relação especial com essas entidades, permitindo-lhes manifestarem-se por meio dele em suas atividades como benzedor.

A prática do benzimento muitas vezes revela nuances únicas entre diferentes benzedores(as), e no caso de Seu Milton, sua abordagem se destaca pela conexão que ele estabelece com a natureza, em particular, por meio de seus trabalhos na Selva. Ao contrário dos(as) benzedores(as) Dona Dinha e Seu Mesquita, cujas atividades podem estar mais centradas em um contexto de trabalhos realizados em suas residências, Seu Milton excede as fronteiras do seu centro espírita, engajando-se em práticas espirituais diretamente na Selva.

Seu Milton descreve a Selva como um ambiente singular, caracterizado por um silêncio, ausente de qualquer clamor. Esse cenário oferece um espaço propício para a espiritualidade, onde a natureza se torna um altar natural para preces e conexão com forças divinas. Ao destacar a possibilidade de orar ao pé de qualquer árvore na Selva, Seu Milton sublinha a liberdade espiritual proporcionada por esse ambiente, uma liberdade que ultrapassa as paredes do centro espírita. O benzedor ressalta que, durante seus trabalhos na Selva, há entidades presentes, invisíveis aos olhos comuns, e essas entidades só podem ser vistas por médiuns. Essa condição especial destaca a importância da preparação espiritual desde a infância para que um corpo possa servir como canal para a manifestação dessas entidades.

Ao escolher conduzir parte de seus trabalhos na Selva, Seu Milton estabelece uma ligação direta com o ambiente natural, incorporando elementos da natureza em suas práticas espirituais. Essa escolha destaca uma compreensão da interconexão entre o divino e o mundo natural. Portanto, a prática de Seu Milton passa dos limites convencionais do benzimento, destacando-se pela sua relação singular com a natureza, especialmente na Selva. Essa abordagem revela uma busca intensa pela espiritualidade em ambientes naturais, demonstrando a diversidade de perspectivas e práticas dentro da tradição do benzimento.

Devido à natureza reservada das sessões espíritas, não foi possível participar ou registrar fotos do trabalho de Seu Milton. Essas sessões são destinadas exclusivamente à pessoas conhecidas, limitando a participação apenas a membros de sua família ou indivíduos próximos de seus parentescos. A natureza restrita dessas sessões mostra o caráter privado e intimista das práticas espirituais que ocorrem dentro do centro espírita. De acordo com Seu Milton, a impossibilidade de participar dessas seções espíritas decorre do fato de que o benzedor não tem a autoridade para incluir novas pessoas nas sessões sem a prévia autorização das entidades que incorporam no benzedor.

Figura 8. Benzedor Seu Milton



Fonte: Acervo da autora

A ausência de registros fotográficos também reflete o respeito pela natureza confidencial das atividades realizadas durante as seções espíritas, mas foi possível registrar uma foto de Seu Milton (Figura 8). Portanto, entende-se que a captura de imagens pode interferir na atmosfera espiritual e no ambiente de respeito mútuo que caracterizam esses eventos. A confidencialidade é essencial para manter a integridade das práticas espirituais, preservando sua autenticidade e significado para aqueles envolvidos. Embora a falta de acesso visual e documentação fotográfica possa limitar a compreensão externa dessas práticas específicas, ela também ressalta a importância de valorizar os espaços espirituais e reconhecer a necessidade de certos rituais permanecerem fora do escopo público. Essa delicada balança entre a divulgação e a preservação da sacralidade dos rituais destaca a seriedade e a profundidade da prática espiritual de Seu Milton, demonstrando o respeito pelas tradições e pela natureza restrita de certos eventos espirituais.

Por outro lado, Seu Mesquita realiza seu trabalho de benzimento e cura em um local peculiar, localizado na estrada do Aeroporto, na cidade de Tefé (Figura 9). Sua opção por conduzir suas práticas ao ar livre traz uma ligação especial com a natureza, que se reflete em suas ações benevolentes, tornando sua prática mais acessível, considerando que se trata de uma estrada com grande movimento de pessoas em determinado período do dia.

Figura 9. Local onde é realiza as práticas da benzeção, pelo benzedor Seu Mesquita.



Fonte: Própria autora

Observa-se que Seu Mesquita desenvolve suas atividades nas proximidades da Estrada do Aeroporto, um local com vegetação e que costuma trafegar muitas pessoas em certos períodos do dia. Nesse sentido, o benzedor relata que: “não posso negar porque o que eu posso fazer e ajudar aquela pessoa, eu gosto de ajudar sempre as pessoas e digo e dou conselho a todo mundo que me procuram” (Entrevistado Seu Mesquita). Na estrada do Aeroporto, prontamente auxiliando as pessoas, Seu Mesquita manifestar-se não apenas sua dedicação ao ofício do benzimento, mas também seu compromisso em oferecer ajuda em um ambiente que respira liberdade e natureza.

Esse ambiente ao ar livre pode ser interpretado como uma extensão de sua abordagem aberta e acolhedora para as práticas de cura. No contexto urbano, Seu Mesquita realiza suas atividades em um ambiente citadino, sugerindo que o ato de benzer está integrado a uma sociedade urbanizada. De acordo com Nogueira, Versonito e Tristão (2012), os(as) benzedores(as) geralmente não promovem suas práticas publicamente nas ruas; ao contrário, tornam-se conhecidos no meio em que vivem à medida que as pessoas alcançam a cura e as recomendam a outros que possam necessitar de seus serviços. Seu Mesquita, por exemplo, é amplamente reconhecido em Tefé, pois optou por oferecer ajuda a todos que o procuram, construindo assim sua reputação na comunidade.

Seu Mesquita em sua abordagem ultrapassa as barreiras físicas de um espaço fechado, levando-o a atuar em um local mais amplo e acessível, como a estrada do Aeroporto. Essa escolha estratégica reflete sua disposição de ajudar e oferecer conselhos a todos que o procuram. Em última análise, o trabalho do Seu Mesquita na estrada do Aeroporto não apenas destaca sua conexão com a natureza e seu compromisso com a ajuda ao próximo, mas também sugere uma abordagem inclusiva, onde a prática espiritual e curativa excede as fronteiras físicas, abraçando o cenário dinâmico e aberto proporcionado pela Estrada do Aeroporto.

2.2 Crença dos(as) Benzedores(as): Entre o Divino e o Ser Humano

A espiritualidade e a tenacidade dos(as) benzedores(as) são explorados na interseção entre o divino e o ser humano, apresentando ser uma crença que ultrapassa do mundo tangível. Neste contexto, os(as) benzedores(as) são cruciais, pois são figuras que estão entre o sagrado e ao plano material, onde suas práticas de cura incorporam uma mistura de elementos divinos e a experiência humana. A persistência, entrelaçada com essas crenças, emerge como uma força que sustenta a prática da benzedura, refletindo a determinação diante de desafios e a conexão com o divino e o humano.

Os(as) benzedores(as), em sua vertente religiosa, emerge como uma figura conectada ao espiritual. Este praticante assume um papel essencial na transmissão e preservação das tradições espirituais, proporcionando uma ponte entre o divino e o humano (Carniell, 2019; Cunha; Gonçalves, 2018). Seu papel ultrapassa do mero ato de curar; trata-se de um protetor das crenças, um mensageiro entre planos espirituais e um ponto focal de fé.

Na vertente religiosa, o(a) benzedor(a) torna-se um elo entre os ensinamentos sagrados e as práticas cotidianas. Sua ação de benzer não é apenas um gesto curativo, mas um ato sacramental que carrega consigo o fundamento da espiritualidade. A benzedura, nesse contexto, não é apenas um ritual de cura, mas um meio de invocar as bênçãos divinas e alinhar-se com as forças espirituais que permeiam a existência. Portanto, a presença do(a) benzedor(a) é muitas vezes associada à compaixão e ao serviço desinteressado. Ao abraçar sua vertente religiosa, o(a) benzedor(a) não apenas trata doenças físicas, mas também oferece consolo para as aflições da alma. Sua capacidade de discernir e aliviar não apenas sintomas, mas também aflições espirituais, torna-o uma fonte de esperança e conforto para aqueles que buscam cura em diversos aspectos de suas vidas.

O(a) benzedor(a) na vertente religiosa atua como um mediador entre a humanidade e o divino. Sua prática reflete a crença na interconexão entre o espiritual e o terreno. Ele se torna

um canal para a manifestação do sagrado na vida cotidiana, guiando aqueles que buscam orientação espiritual, cura e proteção. Ademais, sua presença é uma expressão viva da continuidade cultural e espiritual. Ao transmitir rituais e conhecimentos ancestrais, o(a) benzedor(a) assegura a preservação de uma herança espiritual que perdura ao longo do tempo (Carniell, 2019). Sua influência, conectando gerações passadas, presentes e futuras através da rede das tradições.

Diante de tudo, Dona Dinha, compartilha sua experiência sobre o que significa ser uma benzedora, especialmente em relação à sua vertente religiosa. Em meio a transformações e desafios, ela descreve a interação complexa entre sua prática de benzedura e as dinâmicas de sua vida pessoal e religiosa. Dona Dinha destaca as mudanças percebidas ao longo do tempo em relação à aceitação da benzedura em seu círculo social e religioso. Ela relata que, inicialmente, enfrentou críticas, mas observa que as críticas diminuíram em sua igreja atual. No entanto, mesmo com uma redução nas críticas, Dona Dinha ressalta uma mudança na dinâmica de apoio em seu casamento atual, contrastando com o apoio que recebeu no primeiro casamento.

Antes criticavam, mas agora já pararam mais de criticar na minha igreja. No meu casamento, no primeiro casamento meu marido me apoiava, nesse meu casamento agora ele não me apoia, e aí minha porta fica fechada, só minha janela aberta, muita gente pensa que eu não tô, e é assim. Na minha igreja eles não aceitam benzer, mas aceitam a oração, ajeitar desmentidora, mas outras coisas assim de cuidar de doente eles não aceitam (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha menciona que, em sua igreja, há uma distinção entre aceitar a oração e permitir práticas específicas de benzedura. Ela aponta que, embora benzer não seja aceita, outras atividades como desmentidoras são permitidas em sua comunidade religiosa. Dona Dinha destaca que, embora alguns aspectos de seu trabalho como benzedora sejam tolerados, cuidar de doentes parece não encontrar aceitação em sua igreja; “sou da igreja evangélica, da Assembleia” (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha descreve sua realidade de ter sua “*porta fechada*”, indicando que certas práticas e crenças não são plenamente compreendidas ou aceitas em seu contexto religioso. No entanto, ela mantém uma “*janela aberta*”, simbolizando sua perseverança e compromisso com a prática da benzedura, mesmo quando enfrenta desafios e resistência em seu ambiente religioso atual. Essa narrativa revela a complexidade da identidade de Dona Dinha, destacando como sua prática espiritual é influenciada por fatores pessoais, sociais e religiosos, e como ela enfrenta as tensões e desafios associados a essas diferentes esferas de sua vida.

A mudança na afiliação religiosa de Dona Dinha, do catolicismo para o evangélico, sugere uma ressignificação em sua vida. A troca de crenças religiosas muitas vezes representa

uma transformação significativa nos valores, nas práticas espirituais e na perspectiva de vida de uma pessoa. A decisão de Dona Dinha em mudar de afiliação religiosa pode indicar uma busca por uma compreensão espiritual diferente, novas perspectivas sobre a fé e uma identificação com princípios e ensinamentos específicos da nova tradição religiosa. Essa mudança pode ser motivada por uma variedade de razões, como a busca por uma experiência espiritual mais pessoal, um grupo religioso mais alinhada com suas convicções, ou mesmo uma resposta a mudanças na sua vida pessoal.

Apesar dessa ressignificação de sua crença religiosa, Dona Dinha mantém sua prática de benzeção, continuando a oferecer auxílio e suporte espiritual às pessoas. Essa dualidade reflete a capacidade de integrar diferentes aspectos de sua jornada espiritual, combinando a transformação em suas convicções religiosas com o compromisso contínuo de ajudar os outros por meio da benzeção.

A diferença agora é que eu oro, mas ainda uso as vezes o galho do pião e os gestos, porque o pião, a pessoa pode tá triste, a criança pode tá doente, a gente pode rezar até o pai nosso, que aquela criança, e tudo o milagre vem de Deus, né maninha, então é isso que eu faço, eu oro (Entrevistada Dona Dinha).

A ressignificação da fé de Dona Dinha sugere que ela passou por uma transformação espiritual, talvez buscando uma compreensão mais de sua prática dentro de sua religião, ou encontrando uma conexão significativa com os princípios e ensinamentos de sua nova tradição religiosa. No entanto, sua persistente prática de benzeção sugere que essa mudança não a afastou do desejo de contribuir para o bem-estar espiritual e emocional daqueles que buscam sua orientação.

O fato de Dona Dinha continuar a oferecer benzeção após sua ressignificação religiosa ressalta a importância dessa prática em sua vida e destaca a flexibilidade em sua abordagem espiritual. Isso também pode indicar que, para Dona Dinha, a benzeção, representa um elo com a espiritualidade e o desejo de auxiliar os outros em suas jornadas de cura. Em última análise, a continuidade da prática de benzeção por parte de Dona Dinha, mesmo após sua ressignificação religiosa, enfatiza a riqueza e a complexidade da experiência espiritual individual, bem como a capacidade de integrar diversas influências e valores em busca de uma compreensão mais completa do sagrado.

A prática da benzeção de Dona Dinha destaca uma mistura entre a oração e o uso ocasional de recursos naturais, como o galho do pião. A benzedora reconhece a eficácia da oração como um canal direto para Deus, mas também incorpora elementos simbólicos, como o pinhão, que podem agregar significado e força à sua prece.

Essa abordagem está alinhada com a observação de Friedrich (2012, p. 94), que menciona que “[...] o benzedor dispõe de orações e técnicas. Reza fazendo o sinal da cruz com o auxílio de “matos” - ervas capazes de prevenir a curar”. No caso de Dona Dinha, o pinhão é mais do que um simples galho; é um instrumento simbólico que potencializa sua conexão espiritual. A prática de Dona Dinha, ao empregar tanto a oração quanto elementos naturais, destaca a complexidade e a riqueza dessa tradição, enfatizando que a benzeção, incorpora elementos simbólicos e espirituais que nutrem a fé.

Seu Mesquita, enfrentou a necessidade de se adaptar à modernidade, ressignificou parte de sua prática espiritual. Ele relata que, tradicionalmente, sempre realizou benzeções e rezas de forma presencial. No entanto, diante das demandas da vida contemporânea, Seu Mesquita viu-se compelido a incorporar inovações em sua abordagem.

Teve uma vez que me procurar pra ajudar uma pessoa que tava doente um homem só que ele não estava aqui, estava em Manaus aí eu falei assim pra eles, traz o nome dele completo para mim, porque esse homem ele tava lá no Cecon, aí ele tava desenganado então é por isso que foram atrás de mim pra mim benzer ele. Mas como ele não tava aqui eu tive que ver um jeito de eu benzer aí eu disse assim me traz o nome dele completo que eu vou benzer daqui mesmo me fala como ele é, então ele foi comigo aí a gente pegou celular e ligou para ele em Manaus. E aí já sabia o nome dele então eu benzi assim mesmo eu aqui em Tefé e ele em Manaus aí assim ele ouvindo pelo telefone e eu já sabia o nome dele e foi assim e deu certo (Entrevistado Seu Mesquita).

A ressignificação de sua prática é ressaltada pelo fato de que, anteriormente, seus atendimentos eram exclusivamente presenciais, mas, diante das mudanças sociais e tecnológicas, Seu Mesquita passou a realizar atendimentos também através de ligações telefônicas. Essa adaptação indica uma abertura para utilizar ferramentas modernas de comunicação, possibilitando que sua benzeção alcance um público mais amplo, independentemente da distância física.

A introdução da tecnologia na prática de Seu Mesquita não apenas apresenta ser uma capacidade de se adaptar às demandas contemporâneas, mas também destaca a relevância constante do processo do benzimento na vida das pessoas. Ao incorporar meios de comunicação modernos, Seu Mesquita mostra uma disposição para preservar e compartilhar suas habilidades espirituais de maneiras que se ajustem ao contexto atual.

Essa ressignificação na prática de Seu Mesquita reflete não apenas uma adaptação pragmática, mas também uma resposta à necessidade de proporcionar apoio espiritual em um mundo cada vez mais conectado digitalmente. Assim, Seu Mesquita continua a desempenhar seu papel como benzedor, reconhecendo a importância de se ajustar aos tempos atuais, mantendo viva uma tradição ancestral de ajuda espiritual e cura.

Seu Mesquita compartilha também sua experiência em relação à sua vertente religiosa, destacando a ausência de preconceito em sua trajetória. O mesmo relata que não sofreu tipo de preconceito, ele responde com uma negativa enfática, afirmando que, até o presente momento, não foi alvo de reprovação ou discriminação. Assim como se segue:

As pessoas me tratam bem, com respeito, as vezes tem quem não acredita, mas aí eu não fico forçando, atendo quem me procura só, que acredita nas rezas. Pra essas pessoas, elas acreditam e tem fé no benzimento, pedem conselho espiritual também além das rezas (Entrevistado Seu Mesquita).

Seu Mesquita expressa sua gratidão, atribuindo esse aspecto de sua vida à graça divina, indicando uma sensação de proteção espiritual. Sua resposta revela uma jornada livre de estigmas e julgamentos em relação à sua prática como benzedor. Ao abordar a aceitação de seu trabalho, Seu Mesquita destaca a compreensão e a consideração recebidas das pessoas ao seu redor. Ele ressalta que nunca foi desaprovado, e as pessoas frequentemente buscam sua orientação e ajuda. Sua perspectiva positiva em relação à sua prática de benzedura reflete a importância que ele atribui ao seu trabalho e a missão que desempenha na vida daqueles que o procuram.

Seu Mesquita enfatiza a falta de reprovação, destacando que seu envolvimento na benzedura não apenas o isentou de preconceitos, mas também gerou uma aceitação significativa. Sua resposta sugere que, para ele, a importância e a utilidade de seu trabalho superam qualquer potencial estigma associado à sua vertente religiosa.

Seu Milton, ao compartilhar sua experiência em relação à sua vertente religiosa, destaca que nunca enfrentou preconceito. Essa dinâmica pode ser atribuída, em parte, à sua natureza reservada. Ao ser uma pessoa de poucas palavras e manter uma postura mais discreta em relação às suas crenças e práticas religiosas, Seu Milton cria uma esfera mais privada em torno de sua vida espiritual. Ele expressa que nunca encontrou um trabalho especialmente difícil e justifica isso assegurando que tudo o que realiza precisa da autorização das entidades espirituais. Essa declaração ressalta a importância das entidades em seu trabalho, sugerindo que sua atuação como benzedor é guiada por forças espirituais e requer uma permissão prévia.

“Nunca tive um trabalho que tive mais dificuldades de fazer, nenhum trabalho foi difícil. Por que tudo aquilo que vou fazer tem que ter autorização das entidades” (Entrevistado Seu Milton). O benzedor não apenas ressalta a ausência de preconceito em sua jornada espiritual, mas enfatiza a relação e dependência das entidades espirituais em seus trabalhos. Sua declaração destaca a complexidade e a sensibilidade da função como benzedor, indo além da

simples execução de práticas, envolvendo a espiritualidade e uma deferência às entidades que o guiam.

Sua reserva pode ter servido como uma forma de autopreservação, permitindo que ele evite possíveis confrontos ou julgamentos relacionados à sua vertente religiosa. O fato de Seu Milton não ter experimentado preconceito pode indicar que ele escolheu cuidadosamente os espaços e contextos nos quais compartilha suas práticas, limitando sua exposição a situações onde se sente confortável e aceito. Além disso, a postura reservada de Seu Milton pode ter contribuído para a construção de relações mais pessoais e íntimas com aqueles que o procuram para benzer. Sua abordagem discreta pode gerar confiança e criar um ambiente mais propício para o entendimento e aceitação de suas práticas, sem despertar potencial resistência por parte daqueles ao seu redor (Silva, 2022).

Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita representam facetas distintas de um universo espiritual, cada um com sua própria vertente religiosa, caracterizada por um conjunto único de princípios e práticas doutrinárias. Suas experiências revelam a diversidade e a riqueza das tradições espirituais, destacando a interconexão entre fé, cura e as complexidades das relações humanas.

Dona Dinha, como benzedora, transita por uma vertente religiosa marcada por uma expressão vívida de espiritualidade. Sua prática, estabelecidas em uma tradição específica, é moldada pelos princípios e rituais que ela abraça. Seu relato sugere uma jornada de aceitação em sua religião, onde a benzedura é gradualmente reconhecida e incorporada como uma forma válida de expressão espiritual. Por sua vez, a postura reservada de Seu Milton pode ser interpretada como uma estratégia consciente para preservar a integridade de suas práticas espirituais, estabelecendo uma conexão mais íntima com aqueles que buscam sua orientação.

Seu Mesquita emerge como uma pessoa que encontra aceitação em sua religião, reforçando a ideia de que suas práticas estão alinhadas com os princípios doutrinários da fé que ele professa. Sua experiência destaca a importância da aceitação e compreensão dentro de um contexto religioso específico, onde a benzedura é integrada como parte do serviço espiritual.

Cada benzedor(a), com sua história única, contribui para a compreensão das diferentes vertentes religiosas que permeiam o campo da benzedura. Essa diversidade destaca a flexibilidade e a adaptabilidade dessas práticas espirituais, que podem coexistir e evoluir dentro de várias doutrinas religiosas. O conjunto de princípios e práticas doutrinárias molda não apenas a experiência religiosa individual de cada benzedor(a), mas também influencia a forma como o grupo percebem e integram essas práticas em seus sistemas de crenças mais amplos.

Contudo os(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita representam testemunhos vivos da interseção entre fé, tradição religiosa e a prática da benzedura. Suas trajetórias destacam a complexidade e a riqueza das vertentes religiosas que permeiam o universo da benzedura, mostrando que, por trás de cada prática espiritual, há uma rede única de crenças, valores e rituais que moldam a experiência espiritual do(a) benzedor(a) (Conceição, 2012; Marinho, 2017).

As crenças dos(as) benzedores(as) e suas resistências emergem como elementos cruciais, pois essas figuras desempenham um papel singular entre o divino e o ser humano, este último sujeito a desafios sociais, incluindo o preconceito. Nessa dualidade espiritual e terrena, os(as) benzedores(as) se destacam como mediadores, enfrentando não apenas as complexidades divinas, mas também os obstáculos sociais presentes na experiência humana.

A crença que permeia as práticas dos(as) benzedores(as) mostra que a sua busca pelo divino, ocorre através da invocação de forças espirituais para auxílio e cura. Essa ligação íntima com o sagrado não apenas guia suas ações, mas também molda a maneira como eles enfrentam os desafios do mundo terreno. A resistência, portanto, surge como uma resposta a esses desafios, uma força que lhes permite ultrapassar, não apenas as barreiras espirituais, mas também os obstáculos sociais, como o preconceito (Silva, 2022).

Ao se posicionarem entre o divino e o ser humano, os(as) benzedores(as) tornam-se testemunhas da dualidade da existência. Enquanto buscam conectar-se com o sagrado, também se deparam com as realidades sociais e enfrentam a resistência que, em alguns casos, se manifesta como preconceito. Sua fé e a convicção em seu papel como mediadores os capacitam a superar esses desafios, resistindo às adversidades sociais que poderiam minar sua prática.

Assim, a crença dos(as) benzedores(as) não apenas os conecta ao divino, mas também fortalece sua capacidade de resistir aos elementos terrenos, incluindo o preconceito. Essas figuras, posicionadas no cruzamento entre espiritualidade e sociedade, oferecem não apenas cura espiritual, mas também uma perspectiva inspiradora sobre como a fé pode ser uma força poderosa na superação dos desafios sociais que permeiam a jornada humana.

A crença dos(as) benzedores(as) é um complexo emaranhado de elementos divinos, místicos e saberes acumulados ao longo dos anos, todos entrelaçados na trama da floresta, da magia e da espiritualidade. Para compreender as crenças dos(as) benzedores(as), é necessário explorar a intrincada relação entre a fé suas práticas de benzeção e o compromisso em ajudar e curar (Trindade, 2011).

Os(as) benzedores(as), ao se envolverem na prática da benzeção, não apenas evocam entidades divinas da floresta, mas também acessam conhecimentos transmitidos por gerações,

acumulando saberes sobre ervas, rituais e técnicas de cura (Cunha, 2018). Essa tradição, permeada por uma rica herança cultural, reflete a ligação dos(as) benzedores(as) com a natureza e os elementos espirituais que a habitam.

A fé dos(as) benzedores(as) é central para a prática da benzeção. Suas crenças ultrapassam as fronteiras religiosas, pois muitos deles se identificam com diferentes correntes, como o catolicismo, espiritismo ou outras vertentes espirituais (Oliveira; Campigoto; Schoerner, 2015). O ato de benzer, nesse contexto, é uma manifestação concreta dessa fé, um elo entre o divino e o humano, onde as preces e invocações se entrelaçam com o desejo genuíno de curar (Pazello, 2020). É importante destacar que, apesar das conexões espirituais e da manipulação de energias místicas, os(as) benzedores(as) são, antes de tudo, seres humanos. Sua humanidade é destacada pelo constante desejo de auxiliar o próximo, de aliviar dores e sofrimentos.

A inter-relação entre a crença dos(as) benzedores(as) e a prática da benzeção é um vínculo indissociável (Cunha, 2018). A fé é o alicerce que sustenta a convicção de que suas ações, guiadas pelo divino, têm o poder de transformar e curar. A devoção a Deus é um fator unificador, uma força motriz que impulsiona os(as) benzedores(as) a prosseguirem, mesmo diante de desafios e incompreensões. Em suma, a crença dos(as) benzedores(as) é um universo rico e multifacetado, onde a floresta, seres místicos, magia e saberes se entrelaçam em uma tapeçaria espiritual única. A fé, como fio condutor, permeia cada gesto de benzeção, reafirmando o compromisso humano desses praticantes, que, guiados por suas crenças, buscam incessantemente aliviar o sofrimento daqueles que os procuram.

Os(as) benzedores(as) não possuem a liberdade de decidir quando ou para quem realizarão suas benções. A visão compartilhada por muitos daqueles que buscam a cura é que o(a) benzedor(a), por meio de seus rituais e preces, tem o potencial de alívio e cura; “eles acreditam, confiam na gente, as vezes não é crente, não é católico, mas acreditam naquela pessoa, que tá fazendo o bem, ainda mais quando cura” (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha mostra uma dinâmica, entre a confiança depositada pelos indivíduos nos benzedores(as), mesmo quando não compartilham necessariamente das mesmas crenças religiosas. A habilidade de realizar o bem e, especialmente, de proporcionar cura, transcende barreiras religiosas. Para aqueles que buscam os(as) benzedores(as), a crença no poder de cura desses praticantes muitas vezes prevalece sobre considerações religiosas formais. A ênfase recai na pessoa que realiza a benzeção, com a esperança de que ela possa oferecer alívio e bem-estar espiritual. Essa confiança e fé na capacidade de cura do(a) benzedor(a) são elementos

fundamentais que motivam muitas pessoas a procurarem esse tipo de tratamento, independentemente de sua afiliação religiosa.

Portanto, o papel do(a) benzedor(a), oferece uma fonte de conforto e esperança para aqueles que buscam cura espiritual. Essa abordagem destaca a importância da confiança e da crença na eficácia das benzeção. A narrativa de Seu Milton revela um episódio marcante em sua vida, no qual a fé e a intervenção das entidades espirituais desempenharam um papel crucial. Aos 20 anos, enfrentou um acidente que o levou a ficar paralisado, uma situação que os profissionais médicos diagnosticaram como irreversível.

Na minha infância foi ótimo, boa, só brincadeira, tive um acidente aos 20 anos atrás, que eu cair, daí fui para Manaus e passei 1 ano e 7 meses. O médico chegou e me disse: o senhor nunca mais no mundo irá andar, porque daqui para baixo você tá paralisado (Entrevistado Seu Milton).

O impacto desse evento foi significativo na vida de Seu Milton. Há duas décadas, ao analisar a gravidade da lesão, o médico afirmou que o benzedor nunca mais seria capaz de andar, declarando que ele estava paralisado da cintura para baixo. Essa notícia poderia ter sido devastadora para muitos, no entanto, Seu Milton encontrou apoio nas entidades espirituais que fazem parte de sua vida como benzedor. A mudança para a cidade de Manaus/AM ocorreu devido à falta de suporte adequado para sua lesão na cidade de Tefé na época. Nesse período, ele precisou passar mais de um ano em tratamento. Mesmo com todo o suporte e os avanços da medicina moderna, não houve uma solução para o seu problema.

O relato indica que, confrontado com uma perspectiva médica desfavorável, Seu Milton buscou auxílio nas entidades espirituais. Sua fé desempenhou um papel crucial em sua recuperação, desafiando as expectativas da medicina moderna. O benzedor atribui a superação do diagnóstico exclusivamente à intervenção das entidades espirituais que o acompanharam durante esse período difícil.

Essa experiência destaca não apenas a resistência pessoal de Seu Milton, mas também a confiança que ele deposita em suas práticas espirituais e na influência positiva das entidades que o orientam. A história ilustra como, em momentos de adversidade, a fé e a espiritualidade podem oferecer suporte e esperança, permitindo a superação de desafios aparentemente insuperáveis. “Minha coluna ficou sem vida, eu não andava, aí os médicos disseram que eu nunca mais, no mundo ia andar. Daí as entidades foram e disseram que eu ia andar. Eles iam fazer eu andar” (Entrevistado Seu Milton). A comunicação direta desses seres místicos, afirmando que ele recuperaria a mobilidade, tornou-se um essencial em seu processo de recuperação.

Essa crença nas entidades não apenas influenciou o estado de espírito de Seu Milton, mas também moldou positivamente sua jornada de reabilitação. A convicção de que as entidades estavam ajudando-o a andar não apenas forneceu a ele um senso de propósito, mas também fortaleceu sua determinação em superar a possibilidade de não andar. O relato de Seu Milton destaca a interseção entre sua fé, sua prática como benzedor e a influência direta das entidades em sua vida. Essa história serve como testemunho do poder transformador da espiritualidade e da conexão com entidades espirituais e o mundo terreno, fornecendo conforto, direção e, no caso de Seu Milton, a recuperação que desafiou as expectativas convencionais. A trajetória de Seu Milton é marcada por uma confiança nas entidades espíritas, conforme relata a ajuda que recebeu: “Me ensinaram remédio da Selva, pra mim fazer, eu fiz e quando foi com um mês e tal eu já me botava em pé, minhas pernas já aquecia meu corpo, eu ia me arrastando, então foi indo, indo, indo, tomando o remédio de Selva, sem gastar nada com farmácia” (Entrevistado Seu Milton).

Nesse relato, Seu Milton destaca a eficácia dos remédios provenientes da selva, ensinados pelas entidades espirituais que o guiam. A referência à sua capacidade de se levantar e fortalecer as pernas realça a crença de que esses remédios naturais, prescritos pelas entidades, foram fundamentais em sua recuperação. A expressão “*sem gastar nada com farmácia*” reforça a confiança de Seu Milton nas práticas de cura proporcionadas pelas entidades e pela medicina tradicional da selva. Ao optar por métodos naturais, ele demonstra uma conexão com a espiritualidade e uma confiança na orientação das entidades que incorpora durante seus rituais.

A narrativa de Seu Milton ilustra a interseção entre a medicina tradicional, a espiritualidade e a confiança nas entidades espirituais. Sua jornada de cura, baseada em remédios da selva e na orientação espiritual, reflete a fusão entre conhecimentos ancestrais, práticas espirituais e uma abordagem holística à saúde. O relato de Seu Milton sobre sua cura através das entidades espirituais revela o modo tradicional de cura. Ele descreve que:

As entidades me ensinaram utilizar o cupim, incendiar a casa do cupim, quando ele estivesse fumaçando derramasse um pouco de farinha branca encima do cupim e colocava o braço encima, para ficar recebendo aquela fumaça. Além disso tomar remédio de três ervas, o nome dessas ervas eram Mastruz, Carrapateira uma erva que se agarra em madeira e outro que chama de João-Mole (Entrevistado Seu Milton).

Nesse contexto, Seu Milton destaca um tratamento incomum que combina elementos da natureza com conhecimentos espirituais. O uso do cupinzeiro, associado à fumaça e à farinha de mandioca branca, sugere uma prática que envolve a utilização de elementos naturais e a aplicação direta na área afetada, neste caso, seu braço. A fumaça do cupinzeiro é apresentada como uma forma de tratamento guiada pelas entidades espirituais. Seu Milton destaca o uso de

um remédio composto por três ervas específicas: Mastruz (Figura 10), Carrapateira (Figura 11) e o João-Mole (Figura 12) Essas plantas desempenharam um papel fundamental O benzedor relata que Mastruz foi utilizado para cicatrização de seus ferimentos, o João-Mole foi para combate o inchaço, enquanto a Carrapateira foi utilizada para auxiliar na luta contra infecções.

Figura 10. Planta medicinal, Mastruz



Fonte: <https://x.gd/iDRbl>

Figura 11. Planta medicinal, Carrapateira



Fonte: <https://x.gd/iunog>

O conhecimento dessas plantas, sobre como utilizar essas ervas foi transmitido a Seu Milton pelas entidades espirituais durante suas seções espírita. Seu Milton destaca a interconexão entre a sabedoria ancestral, a espiritualidade e a natureza, demonstrando como essas ervas são integrados em seu processo de cura, sob a orientação das entidades espirituais.

Segundo Souza e Rodrigues (2016, p.201), destaca que: “A planta João Mole, *Pisonia tomentosa*, foi indicada, por parte dos entrevistados da atual pesquisa, por ser cicatrizante, com sua utilização na forma de pó feito da casca da planta para por sobre a ferida”. Segundo os relatos, a aplicação da planta se dá na forma de pó, preparado a partir da casca da planta, sendo aplicado diretamente sobre feridas.

Figura 12. Planta medicinal, João-mole



Fonte: <https://x.gd/Qvd12>

Essa descoberta é de particular relevância quando relacionada ao conhecimento de Seu Milton. A utilização da planta João-Mole, como mencionado por Souza e Rodrigues (2016), alinha-se ao conhecimento tradicional repassado pelas entidades a Seu Milton. A planta não apenas se torna uma ferramenta terapêutica em seu tratamento, mas também simboliza a interconexão entre o conhecimento ancestral e as práticas contemporâneas do benzedor.

Essa integração de saberes, baseada tanto em pesquisas científica quanto na experiência espiritual de Seu Milton, ressalta a complexidade e a riqueza do conhecimento dos(as)

benzedores(as), que se beneficiam tanto da tradição popular quanto de informações científicas. Essa abordagem holística contribui para uma compreensão mais ampla e eficaz das práticas de benzedura e destaca a importância do diálogo entre diferentes formas de conhecimento.

2.3 A Benzeção como Parte da Cultura dos Povos Amazônico que a Praticam

De acordo com Moser (2019), a presença dos(as) benzedores(as) no Brasil remonta ao século XVII. O crescente interesse em estudos sobre a prática de benzer surge à medida que se percebe um potencial ameaça e competição em relação aos recursos da medicina institucionalizada moderna. Os(as) benzedores(as) destacam-se por possuir um amplo conhecimento etnobotânico, utilizando eficazmente recursos vegetais com expertise e manejo específicos. Esse contexto revela a relevância e a complexidade da interação entre práticas tradicionais de cura e a medicina contemporânea. Neste contexto:

No período colonial, ainda sem o recurso da medicina moderna, as mulheres recorriam às curas informais e, através de gestos, palavras e fórmulas, tratavam as doenças. A visão mágica predominava e a mulher recorria às plantas – em geral ervas – para o cuidado terapêutico, além de se valer de saberes vindos da África (talismãs, amuletos) e dos conhecimentos dos índios (flora medicinal) (Del Priore, 2009, p.43).

No cenário histórico do período colonial, o tratamento terapêutico incorporava elementos naturais, tais como plantas medicinais, e fazia uso de conhecimentos africanos, como objetos considerados mágicos. Além disso, incluía o aproveitamento do conhecimento medicinal dos povos indígenas. Essa prática reflete uma abordagem holística e integrada ao ambiente natural, com a influência de elementos culturais de diversas origens (Braga *et al.*, 2023). Ao relacionando essa abordagem histórica com os(as) benzedores(as) contemporâneos, como Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, é possível perceber uma continuidade de tradições e conhecimentos que remontam a essa época. Os(as) benzedores(as) fazem uso de elementos naturais, como plantas medicinais, e muitas vezes incorporam saberes transmitidos ao longo de gerações. A persistência dessas práticas ao longo do tempo destaca a resistência e a importância cultural dos(as) benzedores(as) na sociedade. No contexto amazônico:

A benzeção tem se caracterizado como elemento predominante de resistência frente ao aspecto cultural do povo amazônico, uma vez que, carregado de simbolismos, elementos do arquétipo feminino, sincretismo religioso, o poder da cura, a subjetividade dos elementos e mistérios, sagrados e profanos, verifica-se que o ritual da benzeção se mantém [...] atuante na sociedade (Moser, 2019, p. 271).

A benzeção emerge como uma prática significativa para a resistência cultural do povo amazônico. Sendo assim, os(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, são

protagonistas nessa tradição. A ênfase no sincretismo religioso pode ser relacionada à diversidade de influências presentes nos rituais de benzeção dos(as) benzedores(as), refletindo a riqueza cultural da região amazônica. O arquétipo feminino mencionado no texto pode ser associado à predominância de mulheres na prática de benzeção, incluindo Dona Dinha. Essa diversidade de gênero nos(as) benzedores(as) contribui para a compreensão da complexidade dessa tradição.

A menção ao rito de cura ressalta a importância dos(as) benzedores(as) como figuras de saúde no contexto amazônico. Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, como praticantes ativos, são fundamentais ao oferecerem seus serviços de benzeção para o seu grupo de pessoas, alinhando-se à ideia de resistência cultural por meio da preservação dessa prática ancestral. Outrossim, os elementos subjetivos e misteriosos, podem ser relacionados à natureza espiritual da benzeção, que muitas vezes envolve crenças e rituais considerados sagrados. Essa dimensão espiritual está presente nas práticas dos(as) benzedores(as), como Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, contribuindo para a relevância do ritual na região amazônica. Portanto, o ato de benzer, vivenciada por Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, ultrapassa o âmbito individual e emerge como uma expressão própria da cultura dos povos que a cultivam (PEREIRA, 2011). Dona Dinha afirma que o conhecimento adquirido não se dissipa, permanecendo uma herança inestimável para as gerações futuras.

“E a gente o que aprende não esquece, é pra vida toda, morre e às vezes não deixa pra ninguém, e se perder, e é triste, porque precisa de rezador, as pessoas precisam e pode ser que acabe não tendo mais” (Entrevistada Dona Dinha). A benzedora destaca a natureza peregrina desse saber, relatando não apenas para ser aprendido, mas de quem o adquire, deve ter o compromisso de repassar seus saberes de benzeção. A ligação entre a benzeção e a cultura é testemunho vivo da transmissão intergeracional desse conhecimento, muitas vezes passado de um rezador para outro (Silva, 2015). Dona Dinha ressalta a importância da função do rezador na população. Sua preocupação com a possibilidade de a prática se perder revela a consciência da necessidade contínua de benzedores(as) na sociedade.

A benzeção, uma prática tradicionalmente realizada na região amazônica, desempenha um papel central na cultura desses povos. Benzer está ligada ao simbolismo de cuidar, curar e ao sagrado, sendo os(as) benzedores(as) detentores(as) desse conhecimento. Esse aspecto reforça a concepção de que a benzeção é uma expressão cultural fundamentada nas tradições amazônicas, permeada pela crença na espiritualidade. Isso significa a convicção nas forças espirituais, na ligação com o sagrado são elementos fundamentais nessas práticas e a transmissão dessas habilidades por gerações ressalta que as competências necessárias para

realizar o benzimento são repassadas de uma geração para outra, constituindo parte essencial da herança cultural e do conhecimento tradicional desses povos.

No entanto, Moser (2019) relata que, com a chegada da medicina moderna, houve uma mudança significativa na percepção da benzeção. A prática foi injustamente associada ao demônio, considerada uma ameaça ao novo paradigma científico e religioso emergente. A visão das autoridades e cientistas desencadeou uma percepção negativa contra os praticantes de benzeção, muitas vezes associando-os à bruxaria e rotulando a prática como herética.

Essa tentativa de eliminar a benzeção do convívio social reflete um conflito entre as tradições culturais na região amazônica e as influências externas da medicina moderna. A resistência observada reflete não apenas a defesa das práticas tradicionais, mas também uma busca por reconhecimento e respeito à diversidade de abordagens terapêuticas. Essa dualidade revela a necessidade de um diálogo intercultural, que valorize tanto os conhecimentos ancestrais quanto as contribuições da medicina convencional, promovendo uma saúde mais integrativa e inclusiva para as comunidades amazônicas e além delas (Moser, 2019).

Apesar das pressões e perseguições, a benzeção permanece como uma parte da resistência da cultura dos povos amazônicos que a praticam. A prática não apenas resisti, mas também continua a desempenhar uma função significativo na preservação da identidade cultural e espiritual desses povos. A riqueza simbólica e espiritual da benzeção destaca-se como um componente vital da diversidade cultural amazônica, desafiando as imposições da medicina moderna e perpetuando-se como uma expressão valiosa da herança cultural amazônica.

Desde modo a benzeção, assim, não é apenas uma tradição, mas uma resposta às necessidades espirituais. A tristeza expressa por Dona Dinha diante da possibilidade a prática desaparecer destaca a relevância cultural e social do benzimento. As pessoas dependem desse conhecimento para enfrentar desafios espirituais e encontrar alívio para suas aflições. Deste modo, a benzeção, como compartilhada por Dona Dinha, surgiu como um elemento central da cultura, conectando a identidade dos povos que a praticam, uma herança que excede o tempo e se mantém como um farol de conforto espiritual na cultura de Tefé.

Portanto, a construção da identidade dos(as) benzedores(as) não ocorre automaticamente no momento do nascimento, mas sim é formada por meio das interações com o mundo que nos cerca (Silva, 2010b). Cada aprendizado e experiência contribuem para a formação da personalidade do indivíduo, possibilitando que ele se torne uma pessoa mais completa. O que diferencia é que a identidade de um indivíduo está em constante transformação (Hall, 2006), e esse processo se aplica ao benzedor(a), que, com base em seus conhecimentos, apresenta um papel em seu grupo social (Mondardo; Nascimento, 2023).

As identidades dos(as) benzedores(as), está ligada à sua capacidade de curar e proteger, utilizando rituais e conhecimentos transmitidos por seus antepassados. À medida que continuam a praticar o benzimento, esses indivíduos não apenas mantêm vivas essas tradições, mas adicionam novas camadas à sua própria identidade ao adaptar e evoluir suas práticas de acordo com as mudanças do mundo moderno (Guerra; Amaral, 2014; Hall, 2006).

Outrossim, a cultura é fundamental na conexão entre a herança ancestral e a construção da identidade de cada povo, inclusive dos(as) benzedores(as) da atualidade (Delani; Mendonça, 2020). Esses indivíduos de saberes ancestrais são oriundos dessa rica tapeçaria cultural (Silva, 2018b). Por outro lado, a preservação e valorização da cultura dos(as) benzedores(as) indígena são essenciais para afirmar e perpetuar suas tradições, conhecimentos e modos de vida singulares, dos quais os(as) benzedores(as) se tornam herdeiros e continuadores desta prática (Carvalho, 2013; Carniell, 2019).

Apesar de ser evangélica, Dona Dinha é membro da etnia Kokama, o que a torna uma benzedora indígena. No entanto, de acordo com Albuquerque *et al.* (2016), a prática da benzeção no contexto amazônico mostra que os(as) benzedores(as) podem ser identificados(as) como curandeiros(as) indígenas, também conhecidos como Sacacas, que se destacam por suas habilidades curativas, caracterizadas por uma sensibilidade e percepção extraterrenas.

Enquanto Seu Mesquita e Seu Milton se identificam como pardos, Dona Dinha emerge como uma figura que reconhece sua ancestralidade, conectando-se com os valores e a fé dos povos originários. Sua prática de benzedura está conectada à preservação da cultura Kokama e à transmissão dos conhecimentos tradicionais, proporcionando não apenas cura física, mas também fortalecendo os laços espirituais e culturais de sua comunidade.

Dona Dinha observa uma redução perceptível na demanda por seus serviços de benzedura, com algumas pessoas deixando de procurar sua ajuda. Esse cenário levanta preocupações sobre a continuidade e preservação da prática de benzedura, que desempenha um papel significativo na cultura Kokama e na transmissão de conhecimentos tradicionais. A mudança nas preferências das pessoas, optando por soluções convencionais, como medicamentos, contribui para essa diminuição na procura por benzimentos. Assim como é relatado: “Me procuram menos hoje em dia, antigamente vinha bem mais gente atrás da minha ajuda. Acho que por causa que tomam remédio de farmácia e vão na cidade atrás de médico, mas muitos ainda me procuram” (Entrevistada Dona Dinha).

Essa transformação nas práticas de cuidado com a saúde pode estar impactando diretamente a procura por métodos tradicionais, como o praticado por Dona Dinha. Essa situação ressalta a importância de compreender as razões por trás desse declínio e explorar

maneiras de preservar e revitalizar a prática de benzedura, reconhecendo seu valor cultural e espiritual na comunidade Kokama.

Dona Dinha da etnia Kokama, emerge como uma representante única entre os benzedores Seu Milton e Seu Mesquita. Dona Dinha se destaca não apenas como uma benzedora, mas como uma conhecedora de saberes tradicionais indígenas. Sua conexão com a etnia Kokama se traduz não apenas em suas habilidades de cura, mas também na transmissão de conhecimentos ancestrais. Assim, a benzedora representa um elo entre a tradição indígena e a contemporaneidade, mantendo vivos os ensinamentos e práticas de seu povo. A busca contínua por sua evidência a importância de suas habilidades no contexto cultural e espiritual para aqueles que estão em busca de auxílio.

Os benzedores Seu Milton e Seu Mesquita compartilham uma identificação de raça como pardos, um termo que abrange uma mistura de ascendências étnicas, como brancos, negros e indígenas, comum em um contexto de miscigenação histórica no Brasil. Embora Seu Milton mencione ter alguns registros indígenas em suas práticas, ele não se identifica como indígena. Esse reconhecimento da diversidade étnica destaca a complexidade da identidade parda, que ultrapassa os rótulos simplistas e reflete a riqueza da herança cultural brasileira.

É interessante observar que Seu Mesquita, ao se identificar como pardo, não relata ter aprendido sua prática de benzeção com indígenas, diferenciando-se da experiência de Seu Milton e Dona Dinha. Isso ressalta a diversidade de influências e trajetórias individuais mesmo dentro do grupo étnico pardo. A identidade parda, portanto, revela uma ampla gama de experiências e heranças, moldadas pela complexidade da história e da miscigenação brasileira.

Friedrich (2012), ao abordar a visão dos xamãs sobre uma “teia da vida”, enfatiza a interdependência e interconexão entre todas as coisas no cosmo, incluindo diferentes dimensões, forças e entidades. Essa concepção xamânica pode ser associada à perspectiva de Seu Milton, que reconhece a presença e influência das entidades em seu trabalho de benzeção.

“Eu ajudei toda minha família, realizei alguns remédios com autorização das entidades, comigo não aconteceu nada durante as seções, eu espero que as entidades me salvassem, tanto eu quanto a família” (Entrevistado Seu Milton). A prática de Seu Milton, ao mencionar a ajuda das entidades em suas sessões de benzeção, pode ser relacionada ao conceito xamânico explorado por Friedrich em sua obra. Ao destacar que realizou remédios com autorização das entidades e esperava que elas o salvassem, Seu Milton demonstra uma conexão espiritual e a crença na influência de entidades no processo de cura. Sendo assim, “os xamãs acreditam em uma "teia da vida" onde todas as coisas são interdependentes e interconectadas, havendo uma

relação de causa e efeito entre as diferentes dimensões, forças e entidades no cosmo” (Friedrich, 2012, p. 76).

Ambos os contextos sugerem uma compreensão espiritual que excede a realidade material, enfatizando a importância das relações entre seres humanos, entidades espirituais e o cosmos. Essa interação é crucial tanto para os xamãs, conforme explorado por Friedrich (2012), quanto para os(as) benzedores(as) como Seu Milton, que confiam nas entidades para guiar e facilitar o processo de cura.

A trajetória de Seu Milton como benzedor é fortemente marcada pela presença e influência das entidades espirituais que o orientam e o guia-o. Embora o benzedor revele pouco sobre a identidade específica das entidades, uma declaração sua destaca que se trata de entidades indígenas. Ao mencionar que as entidades são indígenas, Seu Milton sugere uma ligação espiritual com as tradições e crenças dos povos nativos. Essa conexão ultrapassa o âmbito cultural e se entrelaça com a esfera espiritual, onde entidades indígenas são significativas em suas práticas de benzeção.

É importante destacar que a referência as entidades indígenas destacam a diversidade espiritual dentro do contexto da benzeção, reconhecendo a presença e a contribuição específica das entidades associadas aos povos originários. Essa interação espiritual, com a ancestralidade na espiritualidade indígena, enriquece a prática de Seu Milton, conferindo-lhe uma dimensão espiritual e cultural única.

Os curandeiros kokama, como Dona Dinha, “[...] são de suma importância para muitas pessoas, pois o trabalho feito com as plantas medicinais faz com que a cultura desses indígenas siga dando continuidade” (Cavalcante, 2020, p. 42). Seus conhecimentos sobre plantas medicinais e habilidades de cura são valorizados não apenas como uma expressão espiritual, mas também como uma forma indispensável de cuidado (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020). Dona Dinha personifica, assim, a herança cultural e espiritual dos Kokama, contribuindo para a perenidade de sua rica tradição.

Seu Mesquita, embora não se identifique como indígena, compartilha semelhanças na prática do benzimento como Dona Dinha. Ambos incorporam características similares ao utilizar ervas medicinais como parte essencial de seus rituais de benzeção (Silva, 2014). Tanto Seu Mesquita quanto Dona Dinha reconhecem o valor dessas plantas na promoção da saúde e na condução de seus rituais de benzeção. Essas ervas, muitas vezes, são consideradas portadoras de propriedades medicinais e espirituais, contribuindo de maneira significativo na eficácia do processo de cura.

A prática de benzer, manifestada tanto por benzedores(as) indígenas quanto por aqueles que não se identificam como pertencentes a uma etnia específica, destaca-se como a ancestralidade que excede as fronteiras culturais (Eagleton, 2003). Apesar de Seu Mesquita não se encaixar na identidade indígena, suas práticas refletem uma conexão com os conhecimentos tradicionais, sugerindo que a utilização de ervas medicinais ultrapassando as fronteiras culturais e étnicas (Araujo *et al.*, 2013). Esse ponto de convergência destaca como a sabedoria das plantas é um elemento unificador nas práticas dos(as) benzedores(as), independentemente de sua origem étnica ou identidade cultural.

O benzimento, como prática ancestral, não tem uma origem claramente definida, mas remonta aos primórdios da humanidade. Desde os primeiros dias, os seres humanos buscavam na natureza, especialmente na floresta, recursos para a cura de doenças e para entender fenômenos que muitas vezes eram interpretados como sobrenaturais. Nesse contexto, Seu Mesquita, embora não se identifique como indígena e não tenha aprendido diretamente com uma cultura indígena, compartilha práticas que se assemelham às dos Sacacas, Xamãs e Pajés, conforme descrito na literatura por diversos autores como Cavalcante (2020), Friedrich (2012), Guerra e Amaral (2014), Kopenawa E Albert (2015), Mondardo e Nascimento (2023), Salgado (2016).

A convergência de práticas entre Seu Mesquita e os curandeiros indígenas destaca a a totalidade de certos conhecimentos e técnicas de cura presentes em diversas culturas. Mesmo sem uma identificação direta com uma tradição indígena específica, Seu Mesquita incorpora elementos que se assemelham as práticas de cura desses grupos étnicos. Isso sugere que, ao longo dos séculos, as práticas dos(as) benzedores(as) têm transcrito fronteiras culturais, mantendo uma ligação com a natureza e os elementos espirituais, independentemente da origem étnica do praticante.

A prática do benzimento emerge como uma expressão própria à cultura dos povos, independentemente de sua origem étnica (Eckel, 2020; Pereira, 2011). Benzedores(as) como Seu Mesquita e Dona Dinha compartilham uma característica comum ao relatarem que seus dons foram adquiridos de Deus. Essa conexão direta com o divino destaca ao conjunto da benzeção como parte integrante da cultura espiritual de diferentes comunidades ribeirinhas da Amazônia.

Enquanto Seu Mesquita enfatiza que seu dom foi concedido por Deus, sem a necessidade de aprendizado específico, Dona Dinha também atribui seu dom diretamente a Deus. Ambos os(as) benzedores(as), apesar de suas origens diferentes, compartilham a crença fundamental de que a capacidade de benzer é uma dádiva divina.

Por outro lado, a trajetória de Seu Milton apresenta uma nuance interessante, pois ele relata que adquiriu seu dom na fase adulta por meio de entidades indígenas e a interação com entidades que remetem a tradições do Candomblé e a Umbanda adiciona camadas complexas à sua prática de benzeção, destacando a riqueza e diversidade de influências espirituais que permeiam a cultura dos(as) benzedores(as) (Miranda; Fonseca, 2020; Eagleton, 2003). Portanto, a benzeção, ao ser parte da cultura espiritual desses povos, rompe as barreiras étnicas, revelando-se como uma manifestação compartilhada da busca espiritual e do reconhecimento do divino.

Dona Dinha, além de ser indígena, incorpora características evangélicas em seus rituais, estabelecendo uma junção entre as práticas de cura tradicionais dos povos indígenas e os ensinamentos cristãos presentes nas escrituras sagradas, como a Bíblia. Dona Dinha relata que, durante suas benzeções, invoca Jesus, figura central no cristianismo, mencionando os relatos bíblicos de cura realizados por ele. Assim como relata:

“Porque Jesus curou muitas pessoas, aleijado, tuberculoso, então a gente deve pedir a mesma palavra que Jesus pediu” (Entrevistada Dona Dinha). Essa integração de elementos indígenas e evangélicos na prática de benzeção de Dona Dinha trata-se de uma abordagem sincrética, na qual elementos de diferentes tradições espirituais são combinados. Ao reconhecer a eficácia da cura realizada por Jesus, Dona Dinha incorpora uma dimensão cristã à sua prática, buscando unir as crenças indígenas com a mensagem evangélica.

A prática de benzer de acordo com as tradições indígenas dentro da igreja cristã pode ser vista com desconfiança. No caso de Dona Dinha, essa prática dentro do grupo evangélico não é bem vista, o que a levou a buscar justificativas nas escrituras sagradas para continuar sua atividade de benzer. Ao se considerar evangélica, Dona Dinha enfrenta um dilema, pois a prática de benzeção muitas vezes não é aceita dentro desse contexto religioso.

Diante desse cenário, Dona Dinha encontrou nas escrituras sagradas semelhanças e referências que a permitem justificar sua prática de benzer. Ao invocar o nome de Jesus e referenciar os relatos bíblicos de cura realizados por ele, Dona Dinha busca alinhar sua atividade com elementos cristãos, procurando conciliar sua fé evangélica com a prática tradicional de benzeção.

Apesar das possíveis críticas dentro da igreja, Dona Dinha persiste em sua benzeção, mantendo a conexão com elementos naturais, como as ervas dos grandes curandeiros indígenas. Essa abordagem sincrética reflete a complexidade da identidade espiritual de Dona Dinha, que busca integrar suas crenças indígenas com a fé cristã, encontrando justificativas nas escrituras para continuar a exercer sua prática de benzeção.

“Continuo rezando, tô com dois anos que passei pra igreja Assembleia, mas vai gente em casa e eu oro, oro nas pessoas, na enfermidade” (Entrevistada Dona Dinha). A prática de oração é uma expressão religiosa que visa estabelecer uma conexão com o divino, manifestando reconhecimento, devoção e louvor a seres divinos. No caso de Dona Dinha, essa prática de oração é uma parte essencial de sua vida espiritual, mesmo após dois anos de sua adesão à Igreja Assembleia de Deus. A peculiaridade está na forma como Dona Dinha associa suas orações ao ato de benzer, mencionando que continua orando, inclusive em sua residência, e direcionando essas preces e às pessoas e enfermidades. Esse comportamento ressalta um conjunto entre sua fé evangélica na Igreja Assembleia e a prática de benzeção que, de acordo com a sua narrativa, persiste mesmo após sua inserção na igreja.

Por outro lado, a prática de benzer, mencionada por Seu Milton, estabelece uma conexão com as tradições dos grandes curandeiros indígenas, cujas práticas espirituais estão fundamentadas na relação equilibrada com a natureza. Os povos indígenas, ao dependerem da floresta e de seus habitantes para manterem o equilíbrio espiritual, desenvolveram uma série de rituais, incluindo o curandeirismo, para promover a harmonia entre os seres humanos e o ambiente natural.

O benzedor menciona que: “Vem gente de vários cantos eu nunca nem vir, mas as pessoas vêm me procurar e perguntam. O senhor que é o Seu Mesquita? Sou eu mesmo, rezador. Pois é as pessoas me procuram e ver se eu faço alguma reza e se eu rezo pelas pessoas” (Entrevistado Seu Mesquita). Ao se autodenominar “rezador”, Seu Mesquita indica uma atividade que muitas vezes é associada aos curandeiros indígenas, um termo que engloba práticas de cura tradicionais presentes em diferentes culturas. Nesse contexto, é possível perceber uma sobreposição entre as práticas de Seu Mesquita e as dos Xamãs, que são médicos-pajés na cultura indígena.

A narrativa de Seu Mesquita sobre pessoas de diferentes lugares procurando por suas rezas destaca a procura constante por seus serviços. Essa demanda sugere que, independentemente da origem geográfica, as pessoas confiam na capacidade de Seu Mesquita como rezador para realizar práticas espirituais benéficas. Essa situação destaca como a prática de Seu Mesquita é enfatizada pela relevância de suas atividades no contexto mais amplo da busca por cura e espiritual.

A prática do benzimento na região amazônica, realizada pelos(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, representa uma expressão cultural rica e diversificada. Apesar das diferenças em suas abordagens e técnicas de benzer, todos compartilham uma motivação comum: o desejo de cuidar daqueles que os procuram em busca de ajuda.

A presença de entidades indígenas na narrativa de Seu Milton adiciona um elemento místico à prática, criando uma conexão especial entre o mundo espiritual e o benzimento (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020). A falta de conhecimento detalhado sobre essas entidades sugere que a compreensão completa de sua natureza pode não ser essencial para o processo de tratamento. Deixar essa lacuna no desconhecido pode conferir a esses seres um poder sobrenatural, tornando-os agentes eficazes no cuidado das pessoas.

A diversidade nas formas de benzer destaca a riqueza cultural da região amazônica. A abordagem de Seu Milton e Dona Dinha, que se assemelha a práticas de curandeiros indígenas, e a utilização de elementos naturais, como ervas, demonstram a influência da natureza na busca por equilíbrio espiritual e cura. Essa interconexão entre as práticas de benzimento e a cultura local reflete a importância desses rituais na preservação da identidade cultural e na busca pelo bem-estar das comunidades amazônicas (Beltrão Júnior, 2013).

A prática da benzeção tem sua importância na região amazônica, sendo essencial para compreender as nuances e peculiaridades presentes nas abordagens dos benzedores retratados (Delani; Mendonça, 2020). Este estudo se propõe a analisar as características distintivas da benzeção dos povos amazônicos, considerando suas práticas, influências culturais, e a relação com o sagrado e seres místicos associados à vastidão da floresta.

Os(as) benzedores(as), Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, emergem como representantes dessa tradição na Amazônia, cada um carregando consigo elementos singulares que refletem a riqueza da diversidade cultural e espiritual da região. As práticas de benzeção desses indivíduos não apenas refletem uma conexão com o divino, mas também incorporam influências culturais (Trindade, 2011). A relação estreita com a floresta, frequentemente mencionada por esses(as) benzedores(as), destaca a importância do ambiente natural na formação de suas práticas. A floresta não é apenas um cenário físico, mas uma entidade viva, repleta de seres místicos e energias que exercem um papel essencial em sua benzeção. Essa relação é crucial para entender a cosmologia e espiritualidade subjacentes à benzeção na Amazônia.

A presença de entidades místicas na narrativa de Seu Milton revela uma dimensão espiritual única. A falta de conhecimento sobre essas entidades, porém, não diminui sua importância no processo de cura. Esta falta de conhecimento destaca a complexidade e mistério que envolvem a prática da benzeção na região. A convergência de influências culturais, religiosas e espirituais se faz presente nas práticas dos(as) benzedores(as), como Dona Dinha, que, apesar de se identificar como evangélica, incorpora elementos indígenas em suas benzeções.

Isso reflete a combinação presente nas tradições amazônicas, onde diferentes crenças coexistem e se entrelaçam.

Diante de tudo, a benzeção dos povos amazônicos é um fenômeno complexo e multifacetado, ligado às origens culturais, espirituais e ambientais da região. O estudo desses(as) benzedores(as) proporciona informações sobre as práticas de cura e a compreensão do sagrado na Amazônia, destacando a importância de preservar essas tradições no contexto da diversidade cultural brasileira.



**CAPÍTULO III – ENTRE REZAS E EXPERIÊNCIAS:
BENZER A PARTIR DA TRAJETÓRIA DOS(AS)
BENZEDORES(AS)**



CAPÍTULO III – ENTRE REZAS E EXPERIÊNCIAS: BENZER A PARTIR DA TRAJETÓRIA DOS(AS) BENZEDORES(AS)

Este capítulo tem como objetivo explorar a rica história dos(as) benzedores(as) na Amazônia, mergulhando nas narrativas de suas trajetórias de vida e práticas. Na seção 3.1, são apresentadas a visão das experiências de vida dos(as) benzedores(as), destacando como suas histórias pessoais se entrelaçam com a prática da benzedura. Buscamos compreender os eventos e contextos que moldaram suas jornadas e contribuíram para a formação de suas identidades como benzedores(as) na região amazônica. A seção 3.2 traz uma investigação sobre as plantas medicinais utilizadas pelos(as) benzedores(as), explorando a riqueza do conhecimento tradicional relacionado à flora amazônica no contexto das práticas de cura. Por fim, na seção 3.3, expõem como os(as) benzedores(as) articulam a cura, o benzimento e as práticas de oração, considerando a sacralidade envolvida nesse encontro de elementos. Esses componentes se entrelaçam nas práticas cotidianas dos(as) benzedores(as), influenciando suas abordagens terapêuticas e proporcionando uma compreensão mais holística de sua atuação.

3.1 Histórias de Vida dos(as) Benzedores(as) na Amazônia

Os(as) benzedores(as), figuras da cultura da Amazônia, são portadores(as) de histórias vivas e suas trajetórias de vida se entrelaçam com as vivências da região norte do Brasil (Albuquerque *et al.*, 2016). Nesse vasto território, a diversidade natural e cultural, bem como os conhecimentos dos(as) benzedores(as) tornam-se fundamentais na preservação de práticas ancestrais de cura e espiritualidade (Carniell, 2019).

Cada pessoa constrói sua própria trajetória, um caminho que reflete sua percepção de mundo e carrega consigo as experiências vividas ao longo do tempo até a contemporaneidade. Trata-se de um conjunto de vivências, eventos e escolhas que compõem a jornada de um indivíduo. As trajetórias dos(as) benzedores(as), como a de qualquer outra pessoa, é composta por diversos aspectos, a exemplo, a educação, o trabalho, os relacionamentos, os desafios superados, as conquistas alcançadas e outras experiências que moldam a história única de cada indivíduo. Compreender a trajetória do(a) benzedor(a) torna-se fundamental para entender suas atividades na atualidade, uma vez que esses fatores podem ter sido influenciados por aspectos culturais, sociais, econômicos, familiares e pessoais, contribuindo para a formação da identidade e das perspectivas individuais ao longo dos anos.

Nesse cenário, é relevante conhecer a origem do(a) benzedor(a), sendo assim, Dona Dinha (Figura 13), nasceu em 16 de agosto de 1946, na comunidade de São Raimundo,

município de Marã/AM. Atualmente, reside em Tefé/AM, no Bairro Santa Rosa, onde estabeleceu sua residência e construiu sua família, relatando que tem 8 (oito) filhos, mais ou menos 31 (trinta e um) netos e alguns bisnetos. Durante um longo período de sua vida realizou atividades como agricultora, garantindo seu sustento, e hoje é aposentada²⁵.

Figura 13. Benzedora Dona Dinha



Fonte: Acervo da autora

Durante boa parte de sua vida, desde a juventude até a fase adulta, Dona Dinha foi devota da religião católica. Entretanto, em sua atual fase de vida, ela se converteu e passou a seguir a fé evangélica, tornando-a uma parte essencial de seu cotidiano. Desde os primeiros anos, Dona Dinha cultivou uma conexão com sua espiritualidade e com Deus. A prática de benzer, que Dona Dinha iniciou aos 10 anos, foi um dom que ela afirma ter recebido diretamente de Deus, e desde então, ela não parou de exercer essa atividade ao longo de sua juventude. No entanto, ao se tornar crente na religião evangélica, Dona Dinha enfrentou um dilema, pois essa prática não era bem vista dentro dessa nova fé.

Porém, diante da necessidade de cura de um membro de sua família, Dona Dinha sentiu-se compelida a retomar suas atividades de benzedura, mesmo que isso implicasse em abrir mão das doutrinas de sua nova religião para auxiliar seu parente. Essa escolha revela o conflito entre suas crenças religiosas e o chamado para ajudar aqueles que ela ama. Ao longo de sua trajetória, Dona Dinha enfrentou uma série de desafios e situações diversas, cada uma moldando a pessoa amorosa e prestativa que é hoje. Uma parte significativa desse percurso foi marcada pelo confronto com as doutrinas de sua igreja, uma jornada espiritual que exigiu dela escolhas difíceis e a adaptação a novas crenças.

²⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de setembro de 2023, na cidade de Tefé, Amazonas.

Essas experiências, entretanto, contribuíram para a formação da mulher admirada e querida por seus familiares. Sempre pronta para estender uma mão amiga, Dona Dinha tornou-se uma presença constante na vida daqueles que a procuram em busca de ajuda. Seu rosto sorridente reflete não apenas a benevolência que oferece, mas também a gratidão pela vida. Em suas palavras, é Deus quem oferece a essência da existência, e essa convicção é destacada em sua disposição contínua em ajudar e sorrir diante das adversidades. Sua trajetória é um testemunho de fé e generosidade, elementos que continuam a moldar a mulher inspiradora que ela é hoje.

As informações que narram a trajetória do indivíduo, detalhando eventos, experiências e circunstâncias, constituem uma fonte para compreender sua história e identidade. Born (2001, p. 243), descreve: “A trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida.” Diante disso, uma trajetória de vida, é essencial incluir uma descrição detalhada. Por outro lado, Marinho (2017) afirma que uma trajetória de vida é o produto das interações materiais e simbólicas estabelecidas entre os indivíduos que atuam nesse processo, por meio das quais elaboram seus próprios percursos de vida em relação uns aos outros.

Neste contexto, as trajetórias de vida desses(as) benzedores(as) muitas vezes se inicia na infância, quando, por vezes, atribuem seus dons à intervenção divina. A ligação com o sagrado se aprofunda ao longo dos anos, guiando-os na aprendizagem das rezas, práticas curativas e conhecimentos tradicionais transmitidos por seus antepassados. No contexto social a qual faz parte, as experiências de vida desses(as) benzedores(as) são moldados por um entendimento da interconexão entre o divino, a natureza e a saúde.

Por outro lado, existem benzedores(as) que iniciaram suas atividades na fase adulta, como é o caso de Seu Milton (Figura 14). Antes de nos aprofundarmos em sua trajetória até este ponto, é relevante descrever os eventos que o conduziram o início dessa prática. Assim, Seu Milton nasceu em 14 de dezembro de 1943, na cidade de Tefé. Ao longo de sua vida, permaneceu na cidade, mais especificamente no bairro Centro, onde constituiu sua família. Ele relata que se casou três vezes, tendo 9 filhos com a primeira esposa, 3 filhos com a segunda e 2 filhos com sua esposa atual, além de ter netos e bisnetos. Estabelecendo vínculos com sua religiosidade e com aqueles que o procuram, Seu Milton continua suas atividades como benzedor e médium, realizando parte de seus rituais e atendimentos em sua própria residência²⁶.

²⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 24 de outubro de 2023, na cidade de Tefé, Amazonas.

Figura 14. Benzedor Seu Milton



Fonte: Acervo da autora

Durante grande parte de sua vida adulta foi proprietário de uma Olaria (destinada a fabricação de tijolos). Desde sua infância até a atualidade sempre exerceu atividades agrícolas, atualmente, encontra-se aposentado. Essa diversidade de experiências moldou a singularidade de Seu Milton, contribuindo para sua atuação como benzedor e para a riqueza de sua trajetória de vida. Durante sua juventude firmou residência no centro da cidade, onde até hoje se faz presente, criou seus filhos.

O mesmo relata que durante sua juventude era constantemente incomodado por entidades espirituais que para que o mesmo iniciasse suas atividades de benzer. O mesmo relata que teve certo dia que “não teve jeito” (Entrevistado Seu Milton), teve que aceitar iniciar suas atividades como benzedor e médium. O benzedor traz consigo uma vida repleta de experiências e saberes, sendo uma figura atuante dentro do espiritismo, relatando que sua religião espírita orientou toda a sua trajetória, exercendo uma influência direta em suas práticas como benzedor. Dentro da sua experiência como benzedor, busca sempre ajudar aqueles que o procuram.

Seu Milton se destaca como um benzedor singular, diferenciando-se de outros praticantes, como Dona Dinha e Seu Mesquita. Sua figura está intrinsecamente ligada às forças sobrenaturais, e ele relata que essas entidades sempre o guiaram ao longo de sua vida, orientando-o no cumprimento de suas atividades espirituais. Para Seu Milton, a influência dessas entidades, molda sua trajetória de vida de maneira única. Sua jornada é permeada por uma conexão com o sobrenatural, refletindo não apenas sua devoção, mas também função ativa que essas forças desempenham em suas práticas espirituais. Essa relação especial com o mundo espiritual acrescenta camadas de complexidade à sua identidade como benzedor, tornando-o uma figura extraordinária dentro desse contexto.

Dessa forma, a busca pela cura frequentemente impulsiona as pessoas a explorarem centros espirituais, uma prática que é comum para Seu Milton. Esses saberes representam um ato de resistência cultural, pois Seu Milton relata que, ao ser incorporado por entidades, se torna uma figura conectada aos Pajés. Diante da pressão da modernização, os(as) benzedores(as) resistem ao esquecimento, compartilhando suas histórias e conhecimentos com as gerações mais jovens. Em suma, encontram-se em uma encruzilhada entre tradição e contemporaneidade, adaptando suas práticas para permanecerem relevantes nas dinâmicas sociais em constante mudança (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982).

O(a) benzedor(a) no contexto amazônico é uma figura comum, e Seu Mesquita (Figura 15) representa um exemplo dessa prática na região. O benzedor já teve residência em diversos locais da Amazônia. Essa movimentação geográfica pode estar relacionada à dinâmica de sua prática de benzedura, permitindo-lhe atender a diferentes comunidades e experienciar diversas realidades culturais dentro da vasta região amazônica. Seu Mesquita, assim, incorpora não apenas saberes do catolicismo, mas também se conecta com a diversidade cultural presente nos locais por onde passou, enriquecendo sua experiência como benzedor.

Figura 15. Benzedor Seu Mesquita



Fonte: Acervo da autora

Seu Mesquita, natural da cidade de Guajará, interior do Amazonas, nasceu em 9 de junho de 1955, e lá passou sua infância e adolescência. Em uma fase posterior de sua vida, decidiu mudar-se para a cidade de Eirunepé/AM, estabelecendo sua vida ao lado de sua mãe. Após essa etapa, Seu Mesquita fixou residência na cidade de Tefé, onde continua a residir até os dias atuais, especificamente no bairro São José, o benzedor relata que tem 4 filhos e alguns netos. Em sua trajetória geográfica de Seu Mesquita destaca-se como um aspecto significativo

de sua jornada, abrangendo diferentes localidades amazônicas e refletindo sua conexão com as diversas comunidades ao longo do tempo²⁷.

Seu Mesquita, devoto da religião católica, carrega consigo uma história de aprendizado espiritual significativa. Ele descreve sua habilidade de benzer como um presente de Deus, uma dádiva que o acompanha desde tenra idade. Além disso, absorveu valiosas rezas de sua mãe, contribuindo para seu enriquecimento espiritual. Já aos 12 anos, começava a oferecer suas rezas, trazendo uma ligação precoce com as práticas de benzedura.

A presença de Mesquita representa um conforto espiritual não apenas para sua família, mas também para aqueles que o procuram em busca de auxílio. Diariamente, à tarde, realiza suas atividades na Estrada do Aeroporto, oferecendo cuidado e assistência a muitas pessoas. Sua vida é permeada por uma profunda devoção religiosa e um compromisso inabalável com o serviço à comunidade tefeense. Seu Mesquita se tornou um farol de apoio espiritual, irradiando compaixão e amparo àqueles que buscam seus cuidados.

As vivências e experiências únicas de vida moldaram profundamente os(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, transformando-os nos cuidadores dedicados que são hoje. Cada um traz consigo uma bagagem única de aprendizados, desafios e conexões espirituais que contribuíram para a formação de sua abordagem particular no processo de benzedura. Em seus contextos religiosos, eles se conectam profundamente com suas crenças, formando práticas de benzedura que vão além da cura física, oferecendo uma fonte de equilíbrio e cura espiritual para aqueles que buscam seus cuidados. Esses(as) benzedores(as) representam a riqueza da diversidade espiritual na Amazônia, onde tradições ancestrais e crenças contemporâneas se entrelaçam para proporcionar um apoio holístico.

Albuquerque *et al.* (2016), menciona que esses(as) benzedores(as), no contexto amazônico, não apenas realizam rezas e rituais, mas também são conselheiros(as) espirituais e curadores(as), conectando-se de maneira única às comunidades que atendem. Sua trajetória de vida é marcada por um compromisso com a preservação cultural, a espiritualidade e o bem-estar das pessoas que buscam suas bênçãos na imensidade da Amazônia.

Um aspecto significativo na trajetória de Dona Dinha, marcada pelo dom do benzimento que, conforme relata: “Na minha infância, Deus que me deu o dom, de eu endireitar, de eu rezar” (Entrevistada Dona Dinha). A manifestação do dom de cura entre os(as) benzedores(as) é uma narrativa que se entrelaça com a diversidade de experiências e trajetórias de vida (Born, 2001; Marinho, 2017). Enquanto alguns desses praticantes ancestrais relatam terem recebido o

²⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Tefé, Amazonas.

dom desde a infância, como é comum em muitas histórias, outros, como Seu Milton, adquiriram essa habilidade em uma fase adulta de sua vida.

Esse fenômeno aponta para a variabilidade e singularidade do chamado espiritual, destacando que não há uma narrativa única que defina a aquisição desse dom. Essa diversidade de trajetórias ressalta a complexidade e a subjetividade envolvidas nos processos de desenvolvimento do dom de cura (Conceição, 2012; Born, 2001). Cada benzedor(a) carrega consigo uma história única, e a forma como seu dom se manifesta está ligada às circunstâncias de sua vida, influências espirituais e suas experiências (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012).

Assim, Seu Milton destaca que o dom de cura pode se revelar em diferentes estágios da vida, sublinhando que a espiritualidade e a capacidade de cura ultrapassam as limitações temporais. Essa diversidade de caminhos enriquece a riqueza cultural e espiritual dos(as) benzedores(as), tornando cada história uma contribuição única para a compreensão e preservação dessas práticas tradicionais na sociedade contemporânea (Carniell, 2019).

No entanto, Seu Milton relata que não escolheu conscientemente possuir o dom médium que o caracteriza, mas foi compelido por forças espirituais. “Eu não queria ser médium, mas as entidades foi agonizando e chegou um momento que não deu mais, tive que fazer os trabalhos espíritas” (Entrevistado Seu Milton). O benzedor expressa uma relutância inicial em abraçar o papel de médium. Ele revela que, em um primeiro momento, resistiu ao chamado espiritual que o designava a esse dom específico. No entanto, conforme as entidades espirituais persistiam e o instigavam, chegou um ponto em que a resistência se tornou insustentável, levando-o a aceitar e abraçar sua mediunidade (Silva, 2022).

A narrativa de Seu Milton destaca a complexidade e muitas vezes a natureza desafiadora do chamado espiritual. A agonia mencionada sugere uma pressão persistente das entidades espirituais, indicando que o dom médium não é apenas uma habilidade desejada, mas também uma responsabilidade imposta por forças além do controle humano. O relato de Seu Milton destaca a inevitabilidade desse despertar espiritual, sublinhando que, em face da incessante insistência das entidades, ele foi compelido a realizar os trabalhos espíritas. Isso mostra a ligação entre o(a) benzedor(a) e as forças espirituais que o orientam, uma conexão de desejos pessoais e impõe uma missão espiritual específica.

Essa narrativa revela não apenas a jornada única de Seu Milton em aceitar seu dom médium, mas também realça a dinâmica complexa entre os(as) benzedores(as) e as entidades espirituais que os guiam. Essa relação, muitas vezes marcada por um chamado resistido, destaca ser de natureza complexo e, por vezes, desafiadora das interações entre o plano espiritual e o humano. O benzedor relata que:

Rapaz eu não queria, eu chorava, mas não tinha jeito eu tinha que seguir, as coisas da lei espírita, mas, nada era para o mal, tudo era para o bem. Daí eu recebia as pessoas no meu centro espírita e fui entendendo que aquilo era para ajudar o próximo, e fui seguindo. Mas, não tem mal algum no que eu faço (Entrevistado Seu Milton).

Ao seguir as orientações da espiritualidade, percebeu que sua prática era destinada a ajudar o próximo, e que suas ações visavam exclusivamente o bem. Sua experiência revela uma aceitação gradual e um entendimento sobre a natureza benevolente de sua habilidade. Por outro lado, Dona Dinha e Seu Mesquita são indivíduos que nasceram com o dom de benzer. Dona Dinha menciona que: “Eu comecei a benzer porque as pessoas acreditavam em Deus e em mim também, e todas crianças, graças a deus, que mesmo desenganada do hospital com a minha reza, abaixo de Deus, ficavam boa, por isso que eu continuo rezando” (Entrevistada Dona Dinha).

Isso ressalta que, segundo Dona Dinha, a continuidade de suas orações e sua fé em Deus a impulsionaram a persistir na prática de seu dom de cura, auxiliando crianças em processos de recuperação. A experiência positiva de cura em crianças que enfrentavam desafios médicos intensos, graças às suas preces, fortalece ainda mais seu comprometimento contínuo com a benzeção. Seu Mesquita compartilha que a prática de benzer sempre fez parte de sua vida, persistindo até os dias atuais. Essa constância destaca sua dedicação em utilizar o dom de benção para o benefício das pessoas, ressaltando uma predisposição espiritual que o acompanha desde o nascimento. “Até o presente eu nunca desenganei ninguém, eu juro perante a lei de Deus, sempre que quando rezo na pessoa ela fica bom, pego desmentidura, e da reza não cobro nada de ninguém” (Entrevistado Seu Mesquita).

A afirmação de Seu Mesquita, ao jurar pela lei de Deus, reforça a integridade de suas ações como benzedor. Ele enfatiza que, até o momento presente, nunca desapontou ninguém em suas práticas de benzeção. Ao mencionar que, quando reza pela pessoa, ela se recupera, Seu Mesquita destaca a eficácia de suas ações na promoção da cura. A expressão “*pego desmentidora*” indica que Seu Mesquita lida com casos além do benzimento. No entanto, ao mencionar que cobra “*nada de ninguém*” por suas rezas, ele enfatiza a natureza altruísta de sua benzeção, em seu propósito é oferecer auxílio espiritual e cura, sem buscar compensações financeiras. No entanto, o benzedor relata que recebe ajudas financeiras das pessoas que ele ajuda. No caso da desmentidura, cobra valores para se sustentar, explicando: “minha aposentadoria já está comprometida, porque recebo uma mixaria, que não é muito e tenho que pagar água, luz e pagar gás e sustentar a família” (Entrevistado Seu Mesquita).

Enquanto Seu Milton destaca sua jornada de aceitação e compreensão do dom médium, Dona Dinha e Seu Mesquita representam exemplos de indivíduos que, desde o nascimento, manifestam seus dons de benzeção, todos compartilhando o propósito comum de utilizar suas habilidades para o benefício do próximo. Essas diferentes perspectivas destacam a diversidade de experiências e caminhos na prática do benzimento (Eckel, 2020).

Seu Milton, no início de sua jornada como benzedor, relata experiências oníricas influentes. Esses sonhos, envolvendo figuras positivas e benevolentes, desempenharam um papel significativo em sua formação espiritual. Embora a ciência estude os sonhos sob a perspectiva da psicologia e neurociência, a interpretação espiritual ultrapassa essas abordagens. Pesquisas antropológicas indicam que, em diversas culturas, os sonhos são percebidos como mensagens divinas (Silva, 2015). A experiência de Seu Milton destaca como a narrativa onírica pode moldar a identidade espiritual, ressaltando a complexidade entre a ciência e a espiritualidade.

“Eu sonhava com um homem e uma mulher, uma mulher de manta bem grande, e não existia coisa mal assim, não faziam mal assim para o próximo, isso para a gente não existe, só coisas boas” (Entrevistado Seu Milton). O benzedor descreve seu sonho com a presença de figuras que tem o propósito de ajudar as pessoas. A ênfase recai na natureza positiva desses sonhos, nos quais não havia a presença de malevolência. Ele destaca que, na concepção desse contexto espiritual, não há espaço para ações prejudiciais em relação ao próximo, apenas coisas benevolentes.

Esses sonhos foram catalisadores significativos no início da trajetória de Seu Milton como benzedor. A presença de figuras humanas associadas a elementos positivos, como a mulher com uma manta grande, parece ter moldado a percepção inicial de Seu Milton sobre o propósito de suas práticas espirituais. Essa visão onírica reforçou a ideia de que seu caminho como benzedor seria guiado por princípios benevolentes, centrados na promoção do bem em suas ações. Outrossim, Seu Mesquita, cuja sua trajetória se assemelha à de Dona Dinha, destaca-se como um exemplo de como o dom de cura muitas vezes se manifesta na infância. Diferentemente de Seu Milton, que recebeu seu dom quando adulto, Seu Mesquita experimentou os primeiros sinais de sua habilidade desde os primeiros anos de vida.

Por outro lado, Seu Mesquita cresceu em um ambiente permeado por práticas e crenças ancestrais, tendo adquirido parte do conhecimento atual por meio de sua mãe: “Deus me deu esse dom, a minha mãe ela sabia rezar também, ela rezava muito. Aí ela me falou algumas coisas” (Entrevistado Seu Mesquita). Ao contrário de Seu Milton, Seu Mesquita teve a oportunidade de integrar a espiritualidade e a prática de benzedura desde cedo. Sua história

ressalta a importância de um ambiente cultural e espiritual rico na infância, onde as sementes do dom espiritual oriundas de Deus.

Embora não seja possível afirmar com certeza a presença de benzedores(as) em todos os territórios da Amazônia, pois há poucas informações na literatura, as trajetórias dos(as) benzedores(as) (Marinho, 2017). como Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita expõe sobre a dispersão dessa prática em algumas das cidades por onde passaram. Um exemplo é o percurso de Dona Dinha, cuja jornada começou na cidade de Maraã, e de Seu Mesquita, inicialmente na cidade de Guajará e posteriormente estabelecendo-se em Eirunepé, municípios do interior do Amazonas.

Essas histórias destacam como o benzimento pode estar presente em diversas localidades da Amazônia, com benzedores(as) atuando e contribuindo para essa prática em diferentes comunidades e municípios (Albuquerque *et al.*, 2016). Cada trajetória, como a de Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, oferece uma perspectiva única sobre como o benzimento se entrelaça com as tradições, gerando e sendo criado pelos diversos contextos em que é praticado.

Portanto, quando se trata de trajetórias deve-se saber o início de suas manifestações divinas (Conceição, 2012; Marinho, 2017), assim, desde cedo, Dona Dinha percebeu que possuía um dom especial para endireitar e rezar. Sofrendo com enfermidades na infância, ela buscou auxílio no centro espiritual. Foi lá que aprendeu uma variedade de rezas destinadas a aliviar dores específicas, como dor de dente, dor de cabeça, febre, e até mesmo para tratar crianças com derrame. Assim como se relata:

Passei pelo centro também, porque eu vivia doente, passei pelo centro e no centro aprendi muitas rezas pra dor de dente, dor de cabeça, febre, criança que tá doente com derrame, e eu passo remédio, ponho álcool, aguardente, alcânfora, arruda numa garrafa e passo no corpo da criança e a criança fica boa, graças a Deus (Entrevistada Dona Dinha).

O centro espiritual, conforme descreve Dona Dinha, trata-se de um local de cura especialmente voltado para aqueles que estavam com enfermidade. A benzedora enfrentou suas próprias enfermidades, buscando na reza a cura. Essa experiência não apenas proporcionou alívio para suas dores, mas também inspirou Dona Dinha a aprender diversas outras práticas da benzeção. Dona Dinha também aprendeu com o tio: “Aprendi a rezar com meu tio, ele já é morto já, aprendi muitas coisas com ele, seu Martin o nome dele, ele morava na mesma comunidade que eu. A minha reza e como a dele, como ele me ensinou, igual, até hoje em dia rezo da mesma forma” (Entrevistada Dona Dinha).

A história de Dona Dinha destaca a transmissão de conhecimento e habilidades dentro de um contexto familiar e comunitário. O aprendizado da reza com seu tio, Seu Martin, indica a passagem de saberes ancestrais e a importância de manter as práticas espirituais de forma fiel à tradição. O fato de Dona Dinha ter aprendido com seu tio, que já faleceu, destaca a conexão entre gerações e os membros mais experientes da comunidade, que desempenham na formação espiritual dos mais jovens. Essa transmissão de conhecimento não se limita apenas à técnica da reza, mas abrange a preservação do significado subjacente das práticas (Carniell, 2019).

O uso da expressão “igual, até hoje em dia rezo da mesma forma” (Entrevistada Dona Dinha), ressalta a fidelidade de Dona Dinha à tradição que lhe foi transmitida. Esse compromisso não apenas mantém viva sua cultura e espiritualidade, mas também serve como uma forma de honrar e preservar a memória de seu tio. Além disso, a narrativa sugere que o dom de rezar pode ser aprimorado ao longo do tempo, incorporando não apenas a técnica ensinada, mas também conhecimentos adicionais adquiridos ao longo da vida (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012). Isso destaca a ideia de que a prática do benzimento pode ser enriquecida por experiências pessoais, aprendizados e conexões espirituais que se desenvolvem ao longo do tempo (Eckel, 2020). Essa evolução contribui para a singularidade e a profundidade dos(as) benzedores(as), refletindo a interseção entre tradição, aprendizado contínuo e espiritualidade.

A trajetória do benzedor trata-se de uma jornada de aprendizado e desenvolvimento de suas habilidades de benzimento. Ao afirmar que: “Não aprendi com ninguém. Tudo foi dom” (Entrevistado Seu Mesquita), destaca-se que a natureza inata e divina de seu Dom. Sua experiência inicial, limitada às orações tradicionais como o “Pai-Nosso²⁸” e “Ave Maria²⁹”, sugere um começo modesto em sua prática espiritual, predominantemente centrada nas rezas comuns.

O relato de ter vivido muitos anos em Eirunepé com sua mãe, após a separação de seus pais, mostra uma fase crucial em sua vida onde assumiu a responsabilidade pela família. Assim como relata: “Em Eirunepé trabalhei muitos anos, o meu pai e deixou minha mãe, aí eu tive que a responsabilidade da família, criei meus irmãos, depois de lá me mudei pra cá, pra Tefé hoje cuido da minha própria família, filhos e netos” (Entrevistado Seu Mesquita).

²⁸ O “Pai-Nosso”, também conhecido como “Padre-Nosso”, é a prece mais reconhecida no contexto do cristianismo. Encontramos duas versões dessa oração no Novo Testamento, uma registrada no Evangelho de Mateus e no Evangelho de Lucas (Vaz Filho, 2016).

²⁹ A Ave Maria, conhecida também como a Saudação Angélica, é uma oração que reverencia a Virgem Maria, fundamentada nos relatos da Anunciação e Visitação conforme descritos em Lucas 1:28-42 (Vaz Filho, 2016).

Essa experiência de liderança e responsabilidade familiar colaborou para o amadurecimento de Seu Mesquita não apenas como indivíduo, mas também como benzedor. A mudança para Tefé representou um novo capítulo em sua jornada, marcado pela busca por novas experiências. O fato de o benzedor afirmar que: “o que eu sei sobre reza tudo foi dom” (Entrevistado Seu Mesquita), destaca a importância do elemento divino em sua prática. Seu dom, além de ser uma expressão inata, parece ter se expandido para além das orações básicas, abraçando um conhecimento mais amplo sobre o ato de benzer. Esse desenvolvimento pode ter sido influenciado por suas experiências pessoais, desafios familiares e a interação com diferentes grupos sociais ao longo de sua trajetória (Conceição, 2012).

Seu Milton, é bastante reservado, sempre viveu na cidade de Tefé. Sua trajetória é marcada por uma ligação com a cidade onde nasceu, onde ele escolheu permanecer ao longo dos seus anos, resistindo à tentação de se aventurar por terras desconhecidas. Nas palavras cautelosas de Seu Milton, revela-se uma história que ultrapassa as fronteiras físicas, imergindo nas esferas espirituais que permeiam sua existência.

Seu Milton encontrou seu caminho na benzedura na maturidade. Ele relata com simplicidade que aprendeu a benzer como adulto, guiado por entidades espirituais, notadamente a “Mulher do Centro”, na qual trata-se de uma entidade que se manifesta no seu Centro espírita. Entre essas entidades, figuras como “Mariazinha³⁰” e “Petro-Velho³¹” exerceram funções fundamentais na transmissão dos dons que agora fluem através dele. O misterioso “Flecheiro”, trata-se de uma entidade espiritual indígena, também se destaca como um guia espiritual essencial em sua jornada.

Seu Milton não se limita às paredes de sua residência ao praticar seus rituais. Sua conexão com o mundo espiritual se estende a trabalhos como médium, abrindo espaço para entidades espirituais se manifestarem. Ainda mais intrigante é sua incursão na floresta ou como o mesmo denomina “Selva”, onde ele se torna um canal, acolhendo e interagindo com entidades indígenas, como o já mencionado “Flecheiro”. Essa dualidade de práticas reflete a diversidade espiritual que permeia a vida de Seu Milton.

A religiosidade de Seu Milton é uma rede complexa de crenças que se entrelaçam, incluindo elementos da Umbanda afro-brasileira, representada por figuras como Mariazinha, tradições indígenas, mencionadas pelo benzedor ao falar do Flecheiro, e espiritismo, abordando

³⁰ Mariazinha é uma entidade crianças da Umbanda, onde realiza auxílio àqueles que necessitam de ajuda espiritual (Miranda; Fonseca, 2019).

³¹ O Preto-Velho é uma entidade da Umbanda, manifestando-se como espíritos, idosos africanos que viveu nas senzalas (Miranda; Fonseca, 2019).

entidades espirituais. Essa combinação de influências resulta em uma espiritualidade singular que vai além das fronteiras convencionais das religiões organizadas. Essa diversidade de inspirações religiosas reflete a riqueza e a complexidade da religiosidade brasileira, que muitas vezes se caracteriza pelo sincretismo e pela coexistência de diferentes tradições e práticas espirituais.

Para Seu Milton, a espiritualidade é uma jornada pessoal, guiada pelas experiências vividas e pelas entidades que o escolheram estarem neste plano entre o mundo material e espiritual. Assim, a história do benzedor, trata-se de uma narrativa de transcendência e síntese espiritual. Sua vida é entrelaçada com seres sobrenaturais invisíveis que conectam o divino à este plano terreno, demonstrando ser um benzedor cuja fé é tão diversificada, com o espiritismo, quanto ao mundo sobrenatural, além da própria riqueza cultural da região amazônica.

Dona Dinha por outro lado, trata-se de uma benzedora da etnia Kokama que desenvolveu habilidades durante sua trajetória, incluindo a preparação de garrafadas e remédios. Seus conhecimentos não se limitaram apenas a rezas; ela aprendeu a utilizar plantas medicinais e a realizar rituais de cura para diferentes enfermidades. Dona Dinha destaca a eficácia percebida em suas rezas; uma única oração muitas vezes era suficiente para proporcionar alívio e recuperação. Ela expressa o agradecimento à Deus a oportunidade de utilizar seu dom para ajudar os outros.

E também, quando eu era católica, eu rezava muito nas crianças pra quebranto, vento caído, mau olhado, todas as qualidades de doença eu rezava, pra dor de cabeça. As pessoas quando iam lá comigo, graças á Deus, coma a ajuda de Deus, rezava uma vez e era bastante, pra ficar boa assim, então agradeço muita a Deus essa oportunidade pra mim ter meu dom (Entrevistada Dona Dinha).

A vida de Maria é um testemunho da dedicação ao benzimento, uma jornada que se entrelaça com a espiritualidade, o aprendizado constante e a busca incessante pela cura e bem-estar daqueles que a procuram. Outrossim, a trajetória de Seu Mesquita é marcada por uma vida dedicada ao auxílio às pessoas por meio de suas práticas de benzimento. Em suas próprias palavras, ele compartilha: “Então vivo batalhando e sempre orientando as pessoas, e o meu ramo da minha vida só é esse, sou aposentado” (Entrevistado Seu Mesquita).

Seu Mesquita é uma figura comprometida com a missão de orientar aqueles que buscam sua ajuda espiritual. A trajetória de Seu Mesquita ultrapassa as fronteiras tradicionais do término da jornada de trabalho formal. Mesmo aposentado, ele mantém uma participação ativa em seu “*ramo de vida*” na prática da benzedura. Essa dedicação não se limita a um mero ofício; representa uma verdadeira vocação que perdura além do período formal de um trabalho.

Ao permanecer ativo em seu “*ramo de vida*” como benzedor, Seu Mesquita revela que sua aposentadoria não é suficiente para garantir seu sustento. Assim, ele transforma seu conhecimento e habilidades em uma fonte contínua de auxílio espiritual, buscando uma outra forma de renda, desta forma. Seu Mesquita expressa sua abordagem ao afirmar que: “cobro pra pegar desmentidura, não cobro muito não, também vendo as vezes garrafada, mas benzer eu não cobro não” (Entrevistado Seu Mesquita). Quando se trata de benzeção, Seu Mesquita estabelece uma distinção clara em relação à compensação financeira. Ele compartilha que:

Agora o benzimento eu não cobro, faço, mas se a pessoa quiser me dar alguma coisa, me dá um açúcar, um café, me dá alguma coisa, tudo bem dali se ver a vontade de Deus, e outros só me dão um obrigado e tudo bem. Porque se eu cobrar, eu mesmo cobrar aquela reza não serve, se eu rezar e cobrar, estou vendendo a palavra de Deus (Entrevistado Seu Mesquita).

Contudo, Seu Mesquita encontrou uma forma de melhorar seu sustento por meio de suas habilidades, ressaltando que quando se trata do dom de Deus (o benzimento), não realiza cobranças, mas aceita ajuda daqueles que desejam fazer doações. Isso reflete que na sua trajetória, Seu Mesquita passou por dificuldades, assim como qualquer outra pessoa, seja ele financeira ou não. No entanto, sua fé contínua o guiando. Dessa maneira, a história de Seu Mesquita é um testemunho vivo de sua persistência no serviço espiritual e dedicação em auxiliar as pessoas. Mesmo nas tardes em que não há eventos naturais, como chuvas, ele permanece às margens da Estrada do Aeroporto na cidade de Tefé, sempre pronto para oferecer suas habilidades em benefício daqueles que buscam sua ajuda.

As trajetórias dos(as) benzedores(as), bem como suas influências de suas religiões moldaram quem são na atualidade, benzedores(as) estes que são figuras distintas, cada um com uma jornada única (Born, 2001; Dadalto, 2023). Dona Dinha, por exemplo, passou pela religião católica em sua juventude, e posteriormente para a evangélica na fase adulta. Essa transição religiosa impactou diretamente suas práticas de benzeção, refletindo uma síntese de crenças e rituais que caracterizam sua abordagem espiritual na atualidade. Seu Milton, em sua trajetória é fortemente influenciada por entidades espirituais, influências estas que somadas às suas experiências como médium, moldaram sua compreensão única da espiritualidade, das tradições locais e indígenas.

Apesar que eu passei pra outra crença, quando eu era católica, minha experiência era de ajudar mesmo o tempo todo, todas as pessoas, eu enfrentava tudo, de frente, de primeiro eu não tinha medo de nada, eu era rezando, era ajudando, era puxando, era pessoa que estava ali pra ter neném e eu ajudava a endireitar a criança, a minha porta só pra endireitar fazia fila, não sei, diziam que minha mão e a santa, eu não sei, eles que falam (Entrevistada Dona Dinha).

A história de Dona Dinha mostrar ser uma trajetória marcada por transformações religiosas e uma dedicação singular ao auxílio às pessoas que a procuravam. Sua transição do catolicismo para ser evangélica trata-se de um aspecto de mudança espiritual, onde suas práticas e crenças foram redirecionadas, essa mudança não alterou sua disposição inata para ajudar.

No período em que Dona Dinha era católica, sua experiência era relacionada a serviços e assistência às pessoas. Ela descreve um comprometimento em enfrentar desafios e em auxiliar aqueles que buscavam sua ajuda. Sua atuação como parteira, além de benzedora, representava ser diversidade de atividades que desempenhava em prol da população. A habilidade em endireitar crianças durante o parto, conforme mencionado, demonstra não apenas sua devoção espiritual, mas também suas habilidades práticas na área da saúde e assistência materna.

A popularidade de Dona Dinha como benzedora era tão significativa que as pessoas que a procuravam a denominavam como “santa”. Essa designação não apenas reflete a reverência e gratidão das pessoas em relação a ela, mas também sugere que sua atuação transcendia o âmbito do meramente espiritual. A crença de que suas mãos possuíam características santificadas ilustra a percepção coletiva de sua capacidade extraordinária para curar e oferecer amparo.

A transição religiosa de Dona Dinha pode ser interpretada como uma reconfiguração de suas práticas espirituais, mas a constância em sua disposição de ajudar destaca-se como um fio condutor em sua jornada. A multiplicidade de papéis desempenhados por Dona Dinha, vai desde parteira até benzedora, revela a complexidade e a amplitude de suas contribuições para sua “clientela”³². Essa variedade de funções ressalta a importância e a abrangência do seu trabalho em atender às necessidades diversas daqueles que buscam seus serviços. Em última análise, Dona Dinha personifica uma figura indo além dos rótulos religiosos, sendo reconhecida e reverenciada pelas pessoas por sua dedicação em aliviar as dores e dificuldades enfrentadas por aqueles que a procuravam.

Por sua vez, Seu Mesquita, acrescenta à dinâmica entre os(as) benzedores(as) sua influência religiosa católica. Todos, independentemente de suas crenças individuais, compartilham algo em comum: a fé. Essa fé, que os guia e une como benzedores(as), ultrapassa as diferenças de práticas e crenças específicas, sendo a força por trás de suas ações benevolentes. Assim, apesar das distintas influências religiosas e experiências pessoais, desses(as) benzedores(as) convergem em sua fé, compartilhando o compromisso de utilizar

³² O termo “clientela”, empregado neste contexto, refere-se àqueles que buscam o benzimento ou algum tratamento para enfermidades, bem como àqueles que procuram melhorias em seu bem-estar. Essa designação abrange indivíduos que buscam os serviços do(a) benzedor(a) não apenas em situações de enfermidade física, mas também como uma busca por alívio espiritual e emocional (Braga, 2021).

seus dons de benzedura para auxiliar aqueles que buscam sua ajuda espiritual. Esses(as) benzedores(as) reflete a diversidade espiritual presente nas suas práticas de benzeção, ilustrando como a fé pode ser um ponto comum, transcendendo as fronteiras das crenças (Silva, 2015).

3.2 As Plantas Medicinais Utilizadas pelos(as) Benzedores(as)

A humanidade, tanto no passado quanto na atualidade, sempre enfrentou as adversidades que afetam a saúde física e espiritual (Braga *et al.*, 2023). Nesse contexto, o benzimento trata-se de uma ferramenta para atenuar tais adversidades. Essa prática ancestral emergiu como uma manifestação da medicina popular, uma resposta própria à condição humana de ser suscetível a males e infortúnios desde tempos imemoriais. Nesse sentido:

É provável que a Medicina tenha surgido com a humanidade. Vítima e testemunha do sofrimento, o ser humano deve, desde logo, ter-se debruçado sobre os doentes, com o desejo de curá-los. É possível que encarasse a doença como ocorrência sobrenatural, tal como os ventos, as tempestades ou as manifestações de deuses malévolos. A doença, com suas dolorosas conseqüências, seria obra de algum espírito, cuja ira importaria aplacar com os sacrifícios, ou seria obra de algum inimigo, dotado de poderes especiais (Hegenberg, 1998, p. 18)

Desde que a humanidade começou a experimentar enfermidades, dores, angústias e aflições de todos os tipos, surgiu a necessidade de encontrar alívio e cura. Os(as) primeiros(as) praticantes de cura, se deve aos magos, feiticeiros(as) e bruxos(as) (Di Stasi, 1996), alguns deles(as) perceberam que suas palavras e gestos poderiam trazer conforto e alívio às pessoas que sofriam. Assim, o benzimento se tornou uma forma de canalizar a sabedoria ancestral, a conexão com a espiritualidade e a ligação com a natureza para promover a cura (Hegenberg, 1998; Melo *et al.*, 2015).

É inegável que o benzimento, ao longo dos séculos, passou por transformações e se adequou às diferentes culturas e cenários, preservando sua base fundamental de aliviar o sofrimento humano. Por meio de rituais, orações, gestos simbólicos e a utilização de plantas medicinais, os(as) benzedores(as) são cruciais na promoção da saúde e do equilíbrio emocional das pessoas ao longo da história (Borchardt; Colvero, 2013; Braga *et al.*, 2023; Maciel; Guarim Neto, 2006).

A utilização de plantas medicinais pelos(as) benzedores(as) representa uma tradição ancestral da natureza (Cruz, 2021). Essas figuras, que atuam como intermediários entre o divino e o humano, incorporam em suas práticas a riqueza terapêutica das plantas, que há séculos têm sido reconhecidas por suas propriedades medicinais. As plantas medicinais tornam-se essenciais nas práticas de benzedura, contribuindo para rituais de cura e proteção (Cavalcante, 2020). A

seleção específica de plantas muitas vezes reflete o conhecimento transmitido ao longo de gerações, com os(as) benzedores(as) aprendendo a identificar, colher e utilizar as plantas de acordo com as necessidades espirituais e de saúde. Sendo assim:

A arte dos benzedores, curandeiros e xamãs, herdada dos magos e feiticeiros de outrora, pode ser vista hoje, em teste, nos laboratórios científicos, os quais passaram a avaliar experimentalmente a veracidade destas informações, tendo em vista a descoberta de novos medicamentos, com base justamente nos conhecimentos que foram adquiridos durante milhares de anos e repassados de geração em geração por aqueles que são os ancestrais da ciência moderna (Di Stasi, 1996, p. 18).

O benzedor relata que: “São as entidades que passam as ervas e os nomes, muitas ervas para remédios são antibióticos, se a pessoa quiser remédio, a entidade indicando erva tal e erva tal” (Entrevistado Seu Milton). Assim, a dualidade de abordagens entre Dona Dinha, Seu Mesquita e Seu Milton destaca a riqueza e diversidade dos caminhos trilhados pelos(as) benzedores(as) na busca pelo conhecimento medicinal. Seja através da transmissão ancestral ou por seres espirituais, esses praticantes desempenham um papel significativo na preservação e evolução dos saberes tradicionais que continuam a influenciar e inspirar a pesquisa científica contemporânea (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982; Cunha; Gonçalves, 2018).

A diversidade botânica da região onde os(as) benzedores(as) atuam muitas vezes influencia suas escolhas. Cada planta é considerada única em suas propriedades e capacidades de cura, e os(as) benzedores(as) desenvolvem uma compreensão íntima de como combinar esses recursos naturais para obter resultados específicos. Além da cura física, a utilização de plantas medicinais está ligada às crenças espirituais dos(as) benzedores(as) (Braga *et al.*, 2023; Cavalcante, 2020; Di Stasi, 1996). Muitas vezes, as plantas são vistas como portadoras de energias espirituais e simbolismos, ampliando o significado e a eficácia dos rituais.

A relação entre o(a) benzedor(a) e as plantas medicinais, incorpora uma conexão espiritual com a natureza. Como relata o benzedor:

Olha, as ervas não precisa ser o pinhão-roxo, erva de passarinho ou erva e tal. Em primeiro lugar se eu tiver qualquer erva por perto, quando eu pegar aquela erva para eu benzer, aquela erva irá representar a Selva. Então qualquer, folha, mato ou erva no momento que eu pegar já tá representando a Selva Indígena. E aquele mato que eu pegar já tá representando a Selva para o benzimento (Entrevistado Seu Milton)

A benzeção de Seu Milton, não se restringe as fronteiras do mundo material, trazendo consigo uma conexão entre o plano espiritual e simbólico. Para ele, as ervas utilizadas não se restringem à simples materialidade do pinhão-roxo, erva de passarinho ou qualquer outra planta específica. Em sua prática, cada erva adquire um significado que ultrapassa sua forma física. Uma vez que, ao segurar qualquer erva durante o benzimento, Seu Milton enxerga para além

da aparência botânica. Ele eleva a erva a um patamar simbólico, representando a vastidão da Selva. Seja uma folha, um arbusto ou uma simples planta, no momento em que Seu Milton a segura para realizar seu ritual, ela se transforma em um elo com a Selva Indígena. Essa abordagem transmite mais do que a utilização de recursos naturais, pois cada elemento vegetal torna-se um portal para a riqueza espiritual e simbólica da natureza.

Nesse contexto, Seu Milton atribui a cada “mato” que utiliza durante o benzimento a capacidade de representar a própria natureza da selva. Cada folha, carrega consigo a carga simbólica e espiritual de um ecossistema inteiro. Essa percepção expandi a compreensão convencional das ervas como meros ingredientes, elevando-as a símbolos de uma conexão com a natureza e com o universo espiritual. Assim, Seu Milton não apenas cura através do conhecimento empírico das plantas, mas também incorpora em seus rituais uma compreensão enriquecida, indo além do tangível para explorar os reinos simbólicos e espirituais que permeiam o universo das ervas e da selva indígena.

Essa prática também destaca a importância da sustentabilidade e do respeito ao meio ambiente. Benzedores(as) frequentemente desenvolvem um entendimento da ecologia local, promovendo a colheita ética e a preservação das plantas medicinais para garantir a continuidade desses recursos (Cruz, 2021). Contudo, a utilização de plantas medicinais pelos(as) benzedores(as) não apenas representa uma abordagem eficaz para a cura física, mas também ressalta a integração da sabedoria natural nas práticas espirituais (Braga *et al.*, 2023; Cavalcante, 2020). Essa conexão íntima com a natureza não apenas enriquece as tradições de benzedura, mas também reforça a ideia de que, ao nos sintonizarmos com a harmonia da natureza, pode ser alcançada cura e equilíbrio em todas as dimensões da existência.

Dona Dinha compartilha sua sabedoria sobre a preparação de remédios utilizando plantas medicinais, ressaltando a importância de criar tratamentos específicos para cada condição. Segundo ela, a chave está em fazer o remédio certo, ajustado conforme a natureza da doença a ser tratada. Essa prática reflete não apenas a conexão de Dona Dinha com a natureza, mas também sua compreensão da importância de um conhecimento específico para cada situação.

“Tem que fazer o remédio certo, dependendo do que for, que a gente conhece né, o que é aquela doença, pra fazer o remédio certo, não tem que fazer o remédio errado, porque as vezes até os médicos erram remédio” (Entrevistada Dona Dinha). Ao mencionar que “*a gente conhece né, o que é aquela doença*” Dona Dinha destaca a importância do discernimento na escolha das plantas. Sua experiência e conhecimento empírico a capacitam não apenas as plantas apropriadas, mas a dosagem e a combinação corretas para maximizar os benefícios terapêuticos.

A ênfase de Dona Dinha na precisão na preparação dos remédios reflete uma abordagem cautelosa e responsável. Ela destaca que não se deve cometer o erro de fazer um remédio inadequado, ressaltando a complexidade envolvida na preparação de tratamentos à base de plantas. Sua observação de que “às vezes até os médicos erram remédio” sugere uma compreensão pragmática de que, em alguns casos, a medicina tradicional pode oferecer alternativas eficazes e seguras.

Ao partilhar sua visão sobre a confecção de remédios, Dona Dinha realça a importância da individualização do tratamento, reconhecendo que cada condição requer uma abordagem única. Sua prática destaca a riqueza do conhecimento transmitido ao longo das gerações e a habilidade de adaptar métodos tradicionais para atender às necessidades contemporâneas. Portanto, Dona Dinha enfatiza a necessidade de preparar os remédios de forma cuidadosa e específica, demonstrando a sua conexão com as plantas medicinais e sua dedicação em oferecer tratamentos eficazes e seguros aos que buscam sua orientação (Cruz, 2021).

Senso assim, quando se aborda a medicina popular, é importante reconhecer que, por um longo período, ela representou a única forma de tratar e prevenir doenças. Essa prática está ligada ao conhecimento sobre plantas medicinais, e muitos estudos detalhados foram conduzidos para identificar as espécies de plantas com propriedades terapêuticas mais utilizadas (Silva, 2018a). Isso levou a um extenso estudo sobre o uso de plantas medicinais, o qual está bem documentado na literatura, preservando assim esses conhecimentos tradicionais (Di Stasi, 1996). Em contraste, o benzimento é uma área que carece de estudos global sobre as práticas e crenças dos(as) benzedores(as) (Teixeira, 2022).

Neste contexto, um dos assuntos mais intrigantes e fascinantes da pesquisa com plantas medicinais reside na origem desse conhecimento, nas formas e nos procedimentos que o homem utilizou para descobrir as virtudes terapêuticas das espécies vegetais. Quais foram os recursos e as técnicas utilizadas pelo homem, durante toda a evolução, para descobrir que determinada espécie seria útil como medicamento? Sem dúvida, a origem dessas descobertas se encontra na observação constante e sistemática dos fenômenos e características (Di Stasi, 1996, p. 19).

Neste cenário intrigante e cativante da pesquisa com plantas medicinais, a diversidade de abordagens entre os(as) benzedores(as) revela-se ainda mais fascinante. Enquanto os benzimentos da(o) Dona Dinha e Seu Mesquita são fundamentados no/a conhecimento por gerações, sem a necessidade de uma autorização, Seu Milton provém de entidades espirituais, na qual precisa ter uma autorização para realizar esse tipo de trabalho, como realizar remédios, por outro lado, trilha um caminho singular, desprovido dessa outorga celeste.

Contudo, a narrativa toma um rumo distinto quanto a Seu Milton, cuja jornada não é delineada por uma autorização específica concedida por entidades espirituais. Ao contrário de

Dona Dinha e Seu Mesquita, cujas práticas são guiadas por uma conexão espiritual que confere legitimidade aos seus benzimentos, Seu Milton confia em sua própria compreensão prática. Dessa forma, o contraste entre Dona Dinha, Seu Mesquita e Seu Milton acrescenta camadas de complexidade à exploração das origens do conhecimento sobre plantas medicinais. Enquanto um contam com a benção das entidades espirituais para validar suas práticas, outros, como Dona Dinha e Seu Mesquita, trilham um caminho, ancorado na observação cuidadosa e na compreensão prática das virtudes terapêuticas das plantas.

“As entidades durante as seções espirituais no centro espírita, quando eles realizam as consultas com as pessoas, as entidades deixam anotadas os remédios para cada pessoa, e eu somente realizo o preparo dos remédios, erva tal, para doença tal” (Entrevistado Seu Milton). O benzedor, tem uma conexão única com seres sobrenaturais durante suas seções espirituais no centro espírita. Nessas ocasiões especiais, quando as consultas com as pessoas são conduzidas, entidades espirituais são cruciais ao deixar anotadas as prescrições medicinais específicas para cada indivíduo. Nesse cenário espiritual, Seu Milton assume a responsabilidade de realizar o preparo dos remédios, com as orientações recebidas, utilizando ervas específicas para a cura.

Essas entidades, dotadas de sabedoria excede o mundo físico, tornando guias espirituais para Seu Milton. Através das anotações feitas pelas entidades durante as consultas espirituais, esses seres fornecem não apenas diagnósticos, mas também receitas precisas, indicando as ervas e ingredientes necessários para a confecção dos remédios. Esse intercâmbio entre o plano espiritual e o mundo material destaca a interconexão entre os dois domínios na prática do benzimento de Seu Milton.

Ao seguir as orientações das entidades, Seu Milton confirma sua confiança nas forças espirituais que o guiam em sua jornada de cura. A preparação meticulosa dos remédios, com base nas instruções deixadas pelas entidades, reflete a importância atribuída ao alinhamento espiritual no processo de cura. Essa colaboração entre os(as) benzedores(as) e as entidades cria uma ligação única, onde o conhecimento terapêutico rompe a esfera terrena, estabelecendo uma ponte entre o visível e o invisível.

Dona Dinha compartilha uma visão sobre as seções espíritas, descrevendo-as como um espaço sagrado de cura destinado àqueles que enfrentam desafios no âmbito espiritual. Segundo ela, o centro espírita é um refúgio para pessoas cujas energias espirituais estão desequilibradas. Dona Dinha enfatiza a natureza transformadora desse ambiente ao relatar sua própria experiência pessoal. Ela confessa ter enfrentado adversidades em sua vida e, em busca de alívio, procurou o centro espírita, encontrando não apenas cura, mas também aprendizado importantes.

“O centro espírita é um local de cura, para as pessoas que estão com espírito, aí as pessoas vão lá. Eu também sofria e fui lá e fiquei boa, e aí eu aprendi, fazer muitas coisas, mas não pro mal, pro bem” (Entrevistada Dona Dinha). Ao mencionar que *“não pro mal, pro bem”*, Dona Dinha destaca a ética e a intenção positiva que permeiam suas práticas como benzedora, afirmando seu compromisso com o bem-estar e a harmonia das pessoas que buscam sua ajuda. Ela destina suas habilidades não apenas para aliviar o sofrimento, mas para promover o bem-estar e a harmonia espiritual. Essa abordagem ressoa com a noção de que as seções espíritas não apenas oferecem cura, mas também representam um caminho para a evolução espiritual e o cultivo de energias positivas.

A experiência pessoal de Dona Dinha traz uma perspectiva autêntica sobre a importância dos centros espíritas, ressaltando-os como um refúgio para aqueles que buscam cura e crescimento espiritual. Embora conheça o centro espírita, Dona Dinha relata que não participa das sessões espíritas, enfatizando que seu conhecimento se limita a essa observação. No entanto, ela reforça a ideia de que o centro espírita é um ambiente onde as pessoas podem encontrar não apenas alívio para suas aflições espirituais, mas também uma jornada de descoberta e transformação para o bem.

Antes da medicina moderna, a medicina popular e o benzimento praticado pelos(as) benzedores(as) eram cruciais no cuidado com a saúde dos enfermos, principalmente dentro das comunidades longínquas (Silva, 2010a). Esses indivíduos eram os principais prestadores de cuidados de saúde em suas respectivas áreas (Assunção; Querino; Rodrigues, 2020). Entretanto, à medida que o tempo avançou, novas abordagens no campo da saúde surgiram, incluindo o desenvolvimento da medicina moderna, que incorporou o uso de medicamentos farmacêuticos, avanços tecnológicos em exames médicos e um acesso mais fácil a hospitais e profissionais de saúde (Teixeira, 2022).

Essa evolução da medicina moderna pode representar um desafio em relação à preservação das tradições dos(as) benzedores(as), principalmente no conhecimento das plantas medicinais (Di Stasi, 1996). Segundo Silva (2010a), com o avanço da tecnologia e a crescente disponibilidade de cuidados médicos convencionais, houve uma diminuição no interesse ou na adesão de futuros(as) benzedores(as) em assumir o papel de curandeiros(as). Isso resultou em uma perda progressiva do conhecimento e das práticas de benzeção e nas plantas medicinais, à medida que as gerações mais jovens talvez não vejam a continuação desse legado como uma prioridade (Rosa, 2013).

No entanto, apesar dos avanços na área da saúde, o benzimento e a utilização de remédios caseiros através de plantas medicinais não caiu em desuso (Cruz, 2021). Pelo

contrário, ele persiste desempenhando uma grande importância como um ato de fé e esperança para aqueles que enfrentam enfermidades (Braga *et al.*, 2023). Esse contínuo respeito pela prática da cura, mesmo em meio aos progressos da medicina moderna, destaca sua relevância cultural e espiritual. Isso reforça a necessidade de preservar essa tradição como uma parte integral da cultura do Brasil (Teixeira, 2022). Posto isso, o benzedor relata que:

Sempre teve a mesma procura, quando o problema das pessoas é realizado as entidades se tem 10 ou 20 pessoas, eles ali mesmo em cada seção, as entidades, os Pajés, dali eles mesmo falam: você está liberado, tá liberado, eles mesmo realizam os despachos das pessoas, caso contrário continuar aqui a visitando o centro espírita (Entrevistado Seu Milton).

Seu Milton compartilha que, ao longo de sua trajetória, tem mantido uma demanda constante por seus serviços, observando que o número de pessoas permanece estável ao longo do tempo. Ele destaca a presença essencial das entidades espirituais, especialmente os Pajés, nas seções de espírita. A cada sessão, essas entidades discernem a situação de 10 ou 20 pessoas, proferindo a liberação daqueles cujos problemas foram solucionados. Essa prática eficiente, conduzida pelas próprias entidades, ressalta a continuidade do fluxo de pessoas que buscam auxílio espiritual com Seu Milton.

Seu Mesquita também relata uma constância na procura por seus serviços. Assim como Seu Milton, Seu Mesquita vivencia um fluxo que aumenta a cada dia de pessoas que buscam as bênçãos e orientações espirituais oferecidas em suas seções de benzimento. A estabilidade ou aumento desse número de clientes ao longo do tempo destaca a confiança contínua que as pessoas depositam em Seu Mesquita e Seu Milton como benzedor.

“Digo com sinceridade que diariamente 5 pessoas me procuram por dia. É mais que antigamente, cada dia tá aumentando mais uma” (Entrevistado Seu Mesquita). Sendo assim, Dona Dinha compartilha que, assim como Seu Milton e Seu Mesquita, ela também é procurada por muitas pessoas em busca de suas bênçãos e orientações espirituais. A razão para essa procura intensa é apontada por Dona Dinha ao revelar que sua origem indígena e o fato de seu esposo ser o Tuxaua, uma liderança indígena, que conferem a ela uma posição de destaque em sua comunidade. Esse contexto cultural e social fortalece a conexão que as pessoas têm com Dona Dinha, mantendo a procura por suas práticas benzedoras. “Vai muita gente atrás de mim lá onde moro, porque sou indígena e meu esposo é o Tuxaua, aí as pessoas sempre vão lá” (Entrevistada Dona Dinha).

Essa diversidade de experiências entre Seu Milton, Seu Mesquita e Dona Dinha destaca a complexidade e a individualidade das jornadas de benzedores(as). Essas nuances enriquecem

a compreensão do papel do(a) benzedor(a) no grupo a qual faz parte, e ressaltam a importância da adaptação às circunstâncias que moldam suas práticas ao longo do tempo.

Apesar de encontrar-se em diferentes regiões do Brasil, o benzimento, assim como a utilização de remédios caseiros está amplamente difundida em todo o país. Não existe uma região específica onde essa tradição seja mais ressaltada, pois ela está presente em grupos sociais distintos, abrangendo todo o território brasileiro. O benzimento, bem como a utilização de ervas medicinais torna-se assim uma parte da cultura brasileira, manifestando-se tanto em áreas rurais quanto urbanas e englobando uma multiplicidade de tradições e expressões culturais (Rubem, 2022; Di Stasi, 1996).

Embora cada região possa apresentar suas particularidades e variações nas técnicas de produção de remédios caseiros e crenças associadas ao benzimento, sua presença e importância permanecem significativas em todo o Brasil. Portanto, é crucial estabelecer um processo mais rigoroso de registro e salvaguarda desse dom que os(as) benzedores(as) afirmam ter recebido de Deus, a fim de garantir que essa valiosa tradição seja devidamente reconhecida e preservada para as futuras gerações (Braga, 2021; Dias; Caetano, 2022).

Dessa forma, os(as) benzedores(as), por gerações, demonstraram a capacidade de adaptação diante do surgimento de novas doenças. Os fundamentos das tradições espirituais e no conhecimento das propriedades medicinais das ervas, esses praticantes incorporaram a evolução das condições de saúde, ajustando suas práticas de benzedura para lidar com desafios contemporâneos.

À medida que novas enfermidades surgiam na sociedade, os(as) benzedores(as) se mostravam flexíveis e receptivos à compreensão dessas condições. Sua abordagem holística, ultrapassa os limites da medicina convencional, permitiu que eles oferecessem respostas adaptadas e personalizadas. A fusão de saberes tradicionais com a compreensão das complexidades das novas doenças reflete a persistência e a habilidade de adaptação dos(as) benzedores(as) ao longo do tempo.

Essa capacidade de se ajustar a contextos em constante transformação destaca não apenas a eficácia contínua da benzedura, mas também a importância cultural desses praticantes. Em um mundo em constante evolução, os(as) benzedores(as) permanecem como pontes entre o conhecimento ancestral e as demandas contemporâneas de saúde, oferecendo uma perspectiva única e valiosa para lidar com as complexidades do bem-estar humano. Seu Mesquita compartilha sua prática na utilização de plantas medicinais para a produção de remédios, enfatizando a eficácia de suas garrafadas, preparações à base de ervas, que oferece às pessoas.

Ele destaca a ausência de reclamações sobre seus remédios, ressaltando a confiança que as pessoas depositam em suas habilidades na manipulação de plantas para fins terapêuticos.

Nunca ninguém reclamou dos meus remédios, das garrafadas para as pessoas que eu faço. As vezes a pessoa tá com dor e vai no médico, o médico passa um remédio, a pessoa toma todo o remédio e não resolve a dor, aí a gente ver que médico também erra, porque nem sempre sabe a doença que você tem aí passa remédio que não ajuda, eu antes de fazer remédio vejo o que a pessoa tá sentindo e qual a doença dela, pra dá certo (Entrevistado Seu Mesquita).

Ao mencionar que nunca ninguém reclamou dos seus remédios, Seu Mesquita transmite a ideia de que suas garrafadas são reconhecidas como eficazes e capazes de proporcionar alívio às pessoas que as consomem. Sua prática envolve a criação de formulações específicas para diferentes necessidades, atendendo tanto às mulheres quanto aos homens em diversas situações de saúde.

A analogia que Seu Mesquita faz entre os remédios convencionais prescritos por médicos e suas garrafadas destaca uma abordagem mais personalizada e empírica em sua prática. Ele ilustra um cenário em que uma pessoa, ao seguir a prescrição médica e não encontrar alívio, descarta o remédio. Em contrapartida, Seu Mesquita argumenta que suas garrafadas são formuladas com base em um entendimento das dores e problemas específicos que as pessoas enfrentam, sugerindo uma abordagem mais individualizada e focalizada nas necessidades de cada indivíduo.

A crítica sutil de Seu Mesquita ao método convencional reforça a confiança que ele deposita em suas próprias habilidades e conhecimentos tradicionais. Sua observação de que o médico “não descobriu sua doença” implica uma crença na capacidade da medicina tradicional de abordar não apenas os sintomas, mas também as causas subjacentes dos problemas de saúde.

Dessa forma, Seu Mesquita emerge como um benzedor que não apenas benze, mas também produz remédios à base de plantas, incorporando a sabedoria ancestral em sua prática. Sua narrativa sugere uma abordagem holística e personalizada, refletindo a confiança e a eficácia percebida em suas garrafadas, que continuam a desempenhar um papel significativo no contexto da medicina tradicional.

O benzimento, embora está centrado na tradição e espiritualidade, pode se configurar como uma prática que eventualmente chega ao seu fim para o(a) benzedor(a). Essa perspectiva indica que o conhecimento e as habilidades associadas ao benzimento podem ser sujeitos a uma espécie de aposentadoria por parte do praticante. No caso específico de Seu Milton, esse encerramento pode ocorrer mediante a autorização ou orientação das entidades espirituais que o guiam.

Essa abordagem destaca a dinâmica singular do papel dos(as) benzedores(as), sublinhando que a prática pode ter uma trajetória que envolve início, desenvolvimento ativo e eventual conclusão (Conceição, 2012). A possibilidade de ser liberado pelas entidades espirituais sugere uma conexão própria entre a prática do benzimento e as forças espirituais que os(as) benzedores(as) invoca, conferindo um caráter sagrado e guiado espiritualmente.

O benzimento as entidades vão mandar eu parar de fazer esse tipo de trabalho, por que eu estou com uma idade e eles vão me liberar, daí não vou mais trabalhar, porque só vou poder no tempo determinado pelas entidades. Então daqui a 1 ano ou 2 anos, não sei parece que eles vão cortar, então eu vou ficar liberto. Ou seja, minha promessa, minha sentença já concluir (Entrevistado Seu Milton).

No contexto dos povos indígenas, estes possuem um entendimento da interdependência entre os seres humanos e o ambiente que os cerca (Mondardo; Nascimento, 2023). Por meio de rituais, cânticos e preces, buscam harmonizar-se com as forças divinas e estabelecer um sagrado equilíbrio com o mundo natural (Cunha, 2018). Diante disto, os pajés, curandeiros(as) e xamãs desempenham papéis essenciais, em tratamento físicos e emocionais. São os conhecedores dos saberes ancestrais, detendo uma sabedoria sobre ervas medicinais (Araujo *et al.*, 2013), rituais de cura e a conexão com os espíritos (Di Stasi, 1996). Através de gestos e rituais, imposição de mãos e invocações, canalizam energias para restaurar a saúde e o equilíbrio das pessoas, ou seja, realizam o benzimento naqueles que necessitam (Vaz Filho, 2016).

Na maioria dos rituais de cura, o uso de ervas (plantas medicinais) é comum (Silva, 2018a). No entanto, é crucial que o conhecimento sobre essas plantas medicinais seja transmitido de maneira precisa, uma vez que muitas delas contêm substâncias em sua composição química que podem acarretar problemas de saúde (Di Stasi, 1996). Sendo assim, “Os jovens são aparentemente menos motivados para aprender a utilizar os remédios à base de plantas e as práticas de cura em comparação aos idosos” (Sganzerla *et al.*, 2021, p. 5).

A diferença na motivação entre os jovens e os idosos para aprender sobre remédios à base de plantas e práticas de cura tradicionais pode ser atribuída a uma combinação de experiência, necessidade, educação e exposição a essas tradições. É importante reconhecer que essa diferença não é necessariamente uma falta de interesse por parte dos jovens, mas sim uma questão complexa relacionada a fatores culturais, contextuais e de experiência de vida (Sganzerla *et al.*, 2021; Rosa, 2013).

Mesmo na fase adulta, Seu Milton empreendeu uma jornada singular na aquisição de seus conhecimentos na benzedura. Sua decisão de adentrar esse universo não foi guiada por influências externas ou tradições familiares, mas sim por uma escolha pessoal e própria, destacando a autonomia e a capacidade de tomar decisões independentes ao longo de sua

trajetória (Conceição, 2012). Ao optar por trilhar o caminho da benzedura como adulto, Seu Milton demonstrou uma busca ativa pelo saber, decidindo mergulhar nos segredos e práticas desse ofício tradicional. Sua jornada autoimposta revela um desejo intrínseco de compreender e dominar as habilidades necessárias para se tornar um(a) benzedor(a), ressaltando sua autonomia na construção de sua identidade profissional.

A autonomia de Seu Milton como adulto na busca pelo conhecimento também destaca a maturidade e a capacidade de discernimento inerentes a essa fase da vida. Sua decisão de explorar a benzedura como uma prática de cura revela não apenas sua liberdade de escolha, mas também uma consciência das responsabilidades e desafios associados a esse caminho. A trajetória de Seu Milton enfatiza que, mesmo na idade adulta, é possível iniciar jornadas de aprendizado e autodescoberta, desafiando convenções e explorando novos horizontes. Sua autonomia na tomada de decisões representa não apenas uma escolha pessoal, mas um testemunho de como a busca pelo conhecimento excede as expectativas convencionais, formando sua identidade como benzedor(a) (Carniell, 2019).

Contudo, Seu Milton se destaca entre seus pares ao adotar uma abordagem única e espiritual para a prática de cura. Em contraste com outros(as) benzedores(as), Seu Milton não apenas se apoia nas propriedades medicinais das plantas, mas também busca a assistência de entidades espirituais em seu trabalho de benzedura. Seu Milton, ao longo de sua trajetória, desenvolveu uma relação estreita com entidades espirituais que o orientam na preparação de remédios e na execução de rituais de cura. Essas entidades, como “Mariazinha” e “Petro-Velho”, tornaram-se guias espirituais em sua jornada de benzedor, transmitindo-lhe conhecimentos e direcionamentos sobre as práticas a serem realizadas.

A utilização dessas entidades como fonte de orientação e assistência ressalta a fusão de elementos espirituais e naturais na abordagem de Seu Milton. Ao criar remédios, ele não apenas confia nas propriedades terapêuticas das plantas, mas também busca a influência e sabedoria espiritual para aprimorar seus métodos de cura. A presença constante de elementos da natureza, como o uso de plantas medicinais, indica a crença de Seu Milton na harmonia entre o mundo espiritual e o terreno. As plantas, além de suas propriedades físicas, são consideradas portadoras de energias espirituais, enriquecendo a abordagem holística de Seu Milton para a cura.

A prática de Seu Milton destaca a diversidade de abordagens dentro da benzedura, onde cada benzedor(a), de acordo com suas experiências e crenças, desenvolve métodos únicos. A presença de entidades espirituais em seu processo de cura acrescenta uma camada espiritual e uma dimensão sagrada à sua prática, expandindo o entendimento tradicional da benzedura.

Todavia, Seu Milton personifica a integração entre o espiritual e o natural, onde a utilização de plantas medicinais coexiste harmoniosamente com a invocação de entidades espirituais. Sua abordagem única destaca a riqueza e a complexidade das práticas de benzedura, oferecendo uma perspectiva distinta e enriquecedora no cenário da medicina tradicional.

Tendo em vista tudo o que foi mencionado, no ritual de benzeção, uma variedade de plantas é utilizada, a exemplo o pinhão-roxo e a vassourinha³³ (Figura 16). Essas são algumas das plantas que desempenham um papel tanto na preparação de remédios caseiros usados no processo de cura pelos(as) benzedores(as), quanto durante a própria cerimônia de benzeção, outrossim, será discutido em outro capítulo sobras as plantas medicinais mais utilizados pelos(as) benzedores(as). Portanto, os(as) benzedores(as) não apenas ensinam e aprendem sobre a religiosidade associada à benzeção, mas também sobre a prática da cura por meio das plantas medicinais (Silva, 2013; Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982).

Figura 16. Vassourinha



Fonte: <https://x.gd/HVA29>

A habilidade de identificar, colher e preparar as plantas medicinais, bem como entender suas propriedades terapêuticas, é uma parte própria do papel do(a) benzedor(a) (Cavalcante, 2020). Essa expertise com as plantas medicinais não apenas fortalece sua capacidade de cura, mas também molda sua identidade como tutores da cultura e da sabedoria tradicional (Cruz, 2021). Portanto, as plantas medicinais são parte significativo na construção da identidade dos(as) benzedores(as) (Silva, 2013; Vaz Filho, 2016).

Alguns(as) benzedores(as), descendentes diretos dos povos indígenas, incorporaram em suas práticas o uso de plantas medicinais que eram tanto um legado de seus antepassados indígenas quanto um testemunho do hibridismo cultural que caracteriza a história do Brasil (Maciel; Guarim Neto, 2006; Bethencourt, 2004). Eles(as) são intermediários entre as tradições

³³ A vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) é uma espécie, encontrada em áreas tropicais e subtropicais. Conforme Cruz (2021) afirma, se uma curandeira acredita nas propriedades curativas da vassourinha, é provável que seus métodos de cura estejam mais fundamentados em conhecimentos indígenas (Cruz, 2021).

indígenas e os rituais de cura portugueses, desenvolvendo um sistema único de benzimento que combina conhecimento ancestral com elementos mais recentes (Eagleton, 2003).

Os(as) benzedores(as) possuem um vasto conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, e Dona Dinha é um exemplo desse entendimento. Ela compartilha suas práticas, e sua rica variedade de plantas que utiliza em suas produções de remédios, cada uma desempenhando funções específicos em seus tratamentos.

É porque não é com todas as plantas, e com as folhas da vassourinha, pião roxo, sara tudo. Faz garrafada de sara tudo, que é pra pedra. O quebra-pedra eu faço a garrafada, faço e a pessoa toma quando tá com dor no rim pra ficar boa, as vezes não pode fazer xixi. O sara tudo eu ponho o sara tudo e às vezes a casca da castanha, castanheira, não muito, só um pouquinho, e do uxi também, daquele amarelo. Vem pra mim de Manaus aquelas cascas, eu tenho de andiroba, copaíba (Entrevistada Dona Dinha).

Dona Dinha destaca a eficácia das plantas medicinais que, segundo ela, possuem propriedades de cura. A produção de uma garrafada é mencionada como um remédio destinado a problemas relacionados aos rins, especialmente para aliviar dores e desconfortos. A referência ao “quebra-pedra” destaca sua aplicação específica para questões renais, enfatizando a especialização das plantas em tratamentos específicos. Foi possível registrar a preparação de uma das garrafadas de Dona Dinha (Figura 17).

Dona Dinha menciona o uso da casca da castanha, particularmente da castanheira, em suas preparações. Essa adição sugere uma abordagem holística, incorporando diferentes partes da planta para aproveitar suas propriedades medicinais. A inclusão da casca do Uxi-Amarelo que normalmente é comercializado (Figura 18), proveniente de Manaus, expande ainda mais a variedade de recursos à disposição de Dona Dinha, indicando sua busca por ingredientes específicos para atender às necessidades de seus pacientes.

Figura 17. Garrafada feita por Dona Dinha



Fonte: Acervo da autora

Figura 18. Casca do Uxi-Amarelo embalado



Fonte: <https://x.gd/Dgf8L>

A menção às cascas de plantas destaca a diversidade botânica presente nas práticas de Dona Dinha. Essas plantas, associadas à região amazônica, enriquecem suas produções com

propriedades terapêuticas distintas, demonstrando uma conexão íntima com o ambiente natural que a cerca. O relato de Dona Dinha revela não apenas seu amplo conhecimento sobre plantas medicinais, mas também sua capacidade de discernir as propriedades específicas de cada uma. Sua prática reflete uma sabedoria transmitida através de gerações, onde a coleta e o uso de plantas medicinais se tornam uma expressão no processo da benzeção. Contudo, a riqueza do conhecimento botânico dos(as) benzedores(as), destacando a diversidade de plantas medicinais utilizadas em suas práticas, enraizando suas técnicas em uma compreensão da natureza e suas potencialidades curativas (Di Stasi, 1996).

Certas ervas pra doenças, as entidades que sabem para que serve cada erva, a mais superior, a melhor, para muito tipo de doenças, porque existe muito tipo de doenças. Daí as entidades explicam tudinho, eles iam perguntar para que é e você dizia para que é, fica mais de acordo. Por que para mim fica difícil (Entrevistado Seu Milton).

Ao contrário de Seu Mesquita e Dona Dinha, Seu Milton compartilha que não tem a capacidade de realizar tratamentos por conta própria, especialmente quando se trata da seleção e uso de certas ervas para tratar doenças específicas. Ele enfatiza que as entidades espirituais são os verdadeiros conhecedores das propriedades medicinais das plantas, pois possuem um conhecimento superior e amplo sobre qual erva é eficaz, em determinada enfermidade.

Seu Milton relata que as entidades espirituais, em sua sabedoria, fornecem orientações precisas sobre o uso das ervas medicinais. Elas explicam detalhadamente as propriedades de cada planta e para qual finalidade ela deve ser utilizada. Essa abordagem baseada nas orientações das entidades espirituais é fundamental, já que ele reconhece suas próprias limitações em compreender plenamente as propriedades das ervas e sua aplicação terapêutica. Ele expressa humildade ao admitir que, para ele, seria difícil realizar esse processo de seleção de ervas e tratamento por conta própria, sem a orientação das entidades.




Essa narrativa ressalta a importância do papel das entidades espirituais na prática do benzimento de Seu Milton. Ele confia em sua conexão espiritual para orientá-lo no processo de cura, reconhecendo a sabedoria superior das entidades em relação ao conhecimento medicinal das plantas. Essa abordagem colaborativa entre o benzedor e as entidades destaca a humildade e a confiança de Seu Milton na orientação espiritual como guia para sua prática de benzimento.






A partir dos conhecimentos de Dona Dinha e Seu Mesquita, elaborou-se um quadro, com o propósito de apresentar as indicações terapêuticas, o formato de como é oferecido para as pessoas e as partes específicas das plantas utilizadas no processo. Esta tabela busca oferecer uma referência clara e organizada para aqueles que buscam orientação terapêutica por meio de plantas medicinais, bem como os nome científicos das espécies vegetais.






Cabe ressaltar que Seu Milton reconhece sua limitação em relação ao conhecimento sobre as propriedades e usos específicos de cada erva medicinal. Ele destaca que se está principalmente na preparação dos medicamentos, enquanto a identificação das plantas a serem utilizadas em tratamentos específicos é atribuída às entidades espirituais, deixando claro que: “não sei, quem sabe são as entidades” (Entrevistado Seu Milton).




Por outro lado, os(as) benzedores(as), são detentores de um amplo conhecimento sobre espécies vegetais. Diante da diversidade botânica e do vasto conhecimento, torna-se essencial organizar e sistematizar essas informações. Com o intuito de compreender de maneira mais abrangente os recursos utilizados por esses praticantes, foi criado um quadro 2 que destaca as espécies vegetais mais frequentemente empregadas em suas benzeções.






Quadro 2. Plantas utilizadas pelos(as) benzedores(as) Dona Dinha e Seu Mesquita

Espécies vegetais	Figuras	Indicações Terapêuticas	Preparações Terapêuticas	Parte da planta
<p>***Capim-Santo (<i>Cymbopogon citratus</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/ameTV</p>	<p>Calmante, analgésico e alívio de dores de estômago</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Laranja (<i>Citrus × sinensis</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/jpuVt</p>	<p>Fortalece o sistema imunológico</p>	<p>Chá</p>	<p>Casca</p>
<p>**Alho (<i>Allium ampeloprasum</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/79511</p>	<p>Alivia a tosse</p>	<p>Chá</p>	<p>Raiz</p>






<p>***Quebra-pedra (<i>Phyllanthus niruri</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/rzRcP</p>	<p>Ajuda na digestão e previne problemas no fígado</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>**Manjeriçõ (<i>Ocimum basilicum</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/KVIIIn</p>	<p>Enxaqueca e insônia</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>***Mucuracaá (<i>Petiveria alliacea L.</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/p11sG</p>	<p>Inalação / ansiedade e nervosismo</p>	<p>Banho / Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>***Arruda (<i>Ruta graveolens</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/cASya</p>	<p>Cicatrizantes, contra gases intestinais e estomacais</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>**Malvariço (<i>Plectranthus amboinicus (Lour.)</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/qvzkr</p>	<p>Analgésico, Dores de Cabeça e Estomago</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>

<p>*Jucá (<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/H0Ows</p>	<p>Diabetes, câncer e dores no estomago</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Sucuuba (<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce ex Müll. Arg.))</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/e4fcw</p>	<p>Tumores</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>***Unha-de-gato (<i>Uncaria tomentosa</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/IIHVR</p>	<p>Artrite, sinusite, bursite, rinite</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>***Andiroba (<i>Carapa guianensis</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/TzHhQ</p>	<p>Vermífugo, inflamação e gripe</p>	<p>Xarope caseiro / Chá</p>	<p>Óleo e Folhas</p>
<p>***Sara-tudo (<i>Justicia acuminatissima</i> (Miq.) Bremek (<i>Acanthaceae</i>))</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/bXINF</p>	<p>Cistos, próstata, diarréia, dores no estômago e intestino.</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>






<p>**Algodoeiro (<i>Gossypium</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/q8f3M</p>	<p>Alívio de dores, na cicatrização de feridas</p>	<p>Chá</p>	<p>Sementes</p>
<p>***Hortelãzinho (<i>Mentha pulegium</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/SCQat</p>	<p>Gripes, resfriados, tosse e dor de garganta.</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Berinjela (<i>Solanum melongena</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/7uG3V</p>	<p>Ajuda no sistema digestivo e o controle dos níveis de colesterol.</p>	<p>Suco</p>	<p>Fruta</p>
<p>*Amora (<i>Rubus subg. Rubus</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/0d6yB</p>	<p>Câncer, diarreia e prisão de ventre.</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Hortelã (<i>Mentha spicata</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/MSNml</p>	<p>Enjoo, vômitos e calmante</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>




<p>*Chicória (<i>Cichorium</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/J1Yuq</p>	<p>Infecções no trato urinário e pedras nos rins</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>**Jambú (<i>Acmella oleracea</i>)</p>		<p>Estimulador de apetite e anestésico bucal</p>	<p>Chá</p>	<p>Flores</p>
<p>*Alfavaca (<i>Ocimum gratissimum Gaertn</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/3cBn7</p>	<p>Gripes e resfriados</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>***Erva-de-passarinho (<i>Struthantus flexicaulis</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/ay3db</p>	<p>Asma, gripe, resfriados e bronquite.</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>**Cumaru (<i>Dipteryx odorata</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/1zMZ5</p>	<p>Sinusite, gripe, asma e bronquite</p>	<p>Chá</p>	<p>Sementes</p>

<p>*Jatobá (<i>Hymenaea courbaril L.</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/QchZP</p>	<p>Dores no estômago, artrite, diarréia, asma, bronquite, tosse e febre</p>	<p>Chá</p>	<p>Casca</p>
<p>**Samambaia (<i>Polypodium subauriculatum</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/DG82F</p>	<p>Bronquite e asma</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Cravo-da-índia (<i>Syzygium aromaticum</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/mwR20</p>	<p>Combatente da diarréia e melhora a digestão</p>	<p>Chá</p>	<p>Flores</p>
<p>***Canela (<i>Cinnamomum verum</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/1EvZB</p>	<p>Diabetes, Alzheimer e tumores</p>	<p>Chá</p>	<p>Casca</p>
<p>***Mastruz (<i>Dysphania ambrosioides</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/VYl0c</p>	<p>Estômago, Câncer, evita crises de gastrite.</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>

<p>***Erva-Cidreira (<i>Melissa officinalis</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/E35Kn</p>	<p>Insônia e calmante</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>***Boldo (<i>Peumus boldus</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/WTAjb</p>	<p>Fígado e digestão</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Açaí (<i>Euterpe oleracea</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/4Zvtl</p>	<p>Anemia, Fígado, Rins e Hepatite</p>	<p>Chá</p>	<p>Raiz</p>
<p>***Gengibre ou Mangarataia (<i>Zingiber officinale</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/v5ViK</p>	<p>Prevenir doenças, auxiliar no emagrecimento e ajudar no tratamento de dores.</p>	<p>Chá / Xarope caseiro</p>	<p>Raiz</p>
<p>***Pinhão-roxo (<i>Jatropha gossypifolia L.</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/Icwas</p>	<p>Diabetes, diarreia e hipertensão, dor de cabeça</p>	<p>Chá / Banho</p>	<p>Folhas</p>

<p>**Pinhão-branco (<i>Jatropha curcas</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/IQMeS</p>	<p>Tratamento de estômago e cicatrizante.</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>**Aranto (<i>Bryophyllum daigremontianum</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/2p8TD</p>	<p>Dores de cabeça e contra inflamação</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Amor-Crescido (<i>Portulaca pilosa</i> L.)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/kK6ZTp</p>	<p>Cicatrizante, analgésica e ajuda na queda de cabelo</p>	<p>Chá / Banho</p>	<p>Folhas e Flores</p>
<p>*Corama (<i>Kalanchoe pinnata</i> Lam)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/effil</p>	<p>Cicatrizante, gastrite, inflamações, anti-bactériante.</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Babosa (<i>Aloe vera</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/luzG3</p>	<p>Calmante, cicatrizante, hidratar o cabelo e cuidar da pele</p>	<p>Chá / Banho</p>	<p>Folhas / Sumo</p>

<p>**Cubiú (<i>Solanum sessiliflorum</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/2UGBq</p>	<p>Anemias, dores de cabeça, diabetes</p>	<p>Suco / Chá</p>	<p>Fruto e folhas</p>
<p>**Goiabeira (<i>Psidium guajava</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/6bLzn</p>	<p>Diarreia e dores estomacais</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas/ casca</p>
<p>*Crajiru (<i>Arrabidaea chica</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/AyZxR</p>	<p>Febre, dores de cabeça</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Kava-kava (<i>Piper methysticum</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/MsdVD</p>	<p>Ansiedade, insônia e dores</p>	<p>Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Jenipapo (<i>Genipa americana</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/QLf0Z</p>	<p>Anemia, hepatites e resfriado</p>	<p>Suco</p>	<p>Fruto</p>

<p>*Beterraba (<i>Género Beta L.</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/IG6dA1</p>	<p>Hipertensão, vesícula, próstata, fígado e pedras nos rins</p>	<p>Suco</p>	<p>Raiz</p>
<p>***Vassourinha (<i>Spermacoce verticillata</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/TU6n0</p>	<p>Problemas de pele, respiratórios e diabética</p>	<p>Banho/ Chá</p>	<p>Folhas</p>
<p>*Copaíba (<i>Copaifera langsdorffii</i>)</p>	 <p>Fonte: https://x.gd/NpmhN</p>	<p>Infecções urinárias, tosse</p>	<p>Xarope</p>	<p>Óleo</p>

Legenda: O quadro 2 apresenta as espécies vegetais, onde (*) indica que Dona Dinha faz referência à planta utilizadas. As espécies marcadas com (**) são aquelas citadas por Seu Mesquita. Por fim, quando há (***), tanto Dona Dinha quanto Seu Mesquita mencionam a planta em questão.

De acordo com Dona Dinha e Seu Mesquita, ambos apresentam semelhanças em suas preparações terapêuticas das espécies vegetais (ver Quadro 2), como chás, é um processo que consiste em ferver água e adicionar diferentes partes da planta, como cascas, folhas, sementes e flores, a um recipiente, ou seja, a depender da planta medicinal. O primeiro passo é aquecer a água até atingir o ponto de fervura. Em seguida, as partes específicas da planta escolhida são adicionadas à água quente. Essas partes podem incluir cascas, folhas, sementes e flores.

O recipiente é coberto, permitindo que a infusão ocorra “Tem que deixar ferver bem” (Entrevistado Seu Mesquita). Durante esse processo, acredita-se que as substâncias presentes nas plantas são liberadas na água, “a água tem que tá bem verdinha” (Entrevistado Seu Mesquita) resultando em um remédio terapêutica utilizados(as) pelos(as) benzedores(as). Após um período adequado de infusão, o chá é coado para remover os resíduos sólidos da planta, deixando apenas o líquido com os benefícios medicinais “é só coar e tomar na medida, pra ficar melhor” (Entrevistada Dona Dinha).

No processo de preparação terapêutica de xaropes, há uma pequena diferenciação de preparo de Dona Dinha e Seu Mesquita, no entanto, uma combinação cuidadosa de óleos, raízes e folhas de diferentes plantas é realizada, variando conforme o tipo específico de xarope desejado (ver Quadro 2). A criação dessa solução viscosa busca extrair e concentrar os benefícios medicinais presentes nas diversas partes das plantas escolhidas, “o xarope é para ficar melhor, principalmente de gripe, porque a andiroba é boa pra isso” (Entrevistado Seu Mesquita). A escolha dos ingredientes é essencial para garantir que o xarope atenda às necessidades terapêuticas desejadas “o xarope mistura várias coisas, com óleo de andiroba com Mangarataia e alho que é bom para gripe” (Entrevistada Dona Dinha). Os óleos provenientes de plantas medicinais são frequentemente incorporados, contribuindo com propriedades terapêuticas, como alívio de sintomas respiratórios ou propriedades calmantes (Silva, 2014).

No caso de xaropes destinados a crianças, a adição de açúcar pode ser considerada para melhorar o sabor e tornar o tratamento mais palatável para os pequenos. Essa medida visa facilitar a administração do xarope e promover a adesão ao tratamento, especialmente em casos nos quais a ingestão por parte das crianças pode ser desafiadora, “como a andiroba é amarga, coloca açúcar” (Entrevistada Dona Dinha). O processo de mistura e preparação é conduzido de maneira a garantir a eficácia terapêutica do xarope, proporcionando uma solução concentrada e equilibrada.

A preparação de banhos, realizada por Dona Dinha e Seu Mesquita, apresenta semelhanças em suas práticas terapêuticas. Ambos adotam uma abordagem que envolve o uso de partes específicas de plantas, como folhas e flores de diversas espécies vegetais. Essas partes vegetais são cuidadosamente trituradas manualmente, incorporando um toque artesanal ao processo, e então são trituradas e colocadas na água em um balde “pra banho só misgalhar com a mão mesmo dentro de um baldo até ficar bem verde a água” (Entrevistado Seu Mesquita).

O cuidado durante a trituração e a seleção das plantas é fundamental para garantir que os princípios ativos e terapêuticos sejam extraídos de maneira eficaz, proporcionando uma base sólida para o banho terapêutico, “tem que ter cuidado pra ver se as flores ou folhas dá planta não tá murcha” (Entrevistada Dona Dinha). Em alguns casos, quando destinado a crianças de colo, a temperatura da água é ajustada para um nível mais ameno, proporcionar uma experiência confortável e segura, “pra criança tem que esquentar a água e dá banho nas crianças de colo” (Entrevistada Dona Dinha); “esquenta a água até fica pouco quente pra bebê” (Entrevistado Seu Mesquita).

Além disso, ambos os(as) benzedores(as) incorporam Leite de Rosas (Figura 19) na mistura do banho, “tem vez que eu coloco Leite de Rosas, aquele rosa que vende na loja, pra

dá cheiro bom” (Entrevistado Seu Mesquita). Esse adicional pode trazer benefícios adicionais à experiência terapêutica, proporcionando uma fragrância agradável e, contribuindo com propriedades suavizantes para a pele, “o Leite de Rosas é bom para pele, por isso eu coloca junto as vezes com a babosa, nos banhos” (Entrevistada Dona Dinha). O uso de banhos terapêuticos, enriquecidos com elementos naturais selecionados, é uma prática que reflete a sabedoria tradicional desses benzedores(as).

Figura 19. Leite de Rosas utilizado por Dona Dinha e Seu Mesquita



Fonte: <https://x.gd/gVivR>

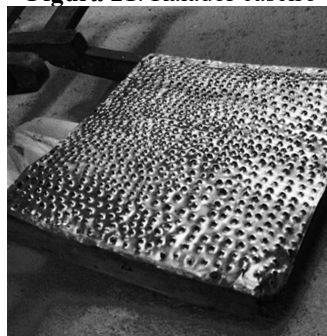
Os sucos terapêuticos são elaborados por meio da trituração de frutas ou folhas, utilizando liquidificador (Figura 20), “Eu sempre faço no liquidificador, eu tenho um aqui que sempre faço os sucos pra pessoas, e elas ficam boa” (Entrevistada Dona Dinha), ou ralador (Figura 21), “eu uso o ralador que eu fiz, para fazer remédios, principalmente com mangarataia” (Entrevistado Seu Mesquita). Posteriormente, o líquido é coado, resultando em uma bebida pronta para o consumo “No final é bom dá uma coada pra não ficar com bagaço” (Entrevistada Dona Dinha). Em algumas preparações, pode-se adicionar açúcar ou mel para ajustar ao gosto pessoal, “eu coloco mel” (Entrevistado Seu Mesquita), “depois é só colocar açúcar” (Entrevistada Dona Dinha). Essas bebidas oferecem uma forma agradável e saudável de aproveitar os benefícios terapêuticos das plantas, proporcionando uma alternativa saborosa para promover o bem-estar.

Figura 20. Liquidificador de Dona Dinha



Fonte: Acervo da própria autora

Figura 21. Ralador caseiro



Fonte: <https://x.gd/zeIYw>

Seu Milton expressa que não possui conhecimento acerca das propriedades e usos específicos de cada planta medicinal, incapaz de relatar para que fins cada uma delas é indicada

“quem sabe é as entidades espíritas” (Entrevistado Seu Milton). A orientação adequada sobre o uso de plantas medicinais requer conhecimento especializado, e Seu Milton reconhece sua limitação nesse aspecto, ressaltando a importância de não indicar qualquer remédio caseiro, “não posso indicar remédios para as pessoas são as entidades que fazem isso” (Entrevistado Seu Milton).

3.3 Cura, Benzimento, Orações e o Sagrado: Um encontro de elementos

A prática do benzimento é um poderoso encontro entre a fé e a cura nas trajetórias dos(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita. Dona Dinha, com toda sua sabedoria, realça sua fé tornando-se um instrumento de cura. Suas orações são consideradas sagradas, e a conexão entre sua devoção e a eficácia do benzimento é palpável. A fé de Dona Dinha não é apenas um elemento periférico, mas um alicerce que permeia todo o rito de benzer.

Seu Milton, com sua prática reservada, revela uma jornada espiritual na fé do espiritismo, atua como um catalisador para a cura espiritual. A ligação entre suas orações sagradas e o benzimento destaca a coexistência harmoniosa de diferentes dimensões espirituais na busca pela saúde integral. Por outro lado, Seu Mesquita, representando a fé católica, destaca a importância da oração como uma ferramenta sagrada em seu ato de benzedura. Sua fé não apenas cura, mas também orienta em ações rituais para oferecer uma bússola espiritual na jornada de cura daqueles que o procuram.

Contudo, as práticas desses(as) benzedores(as) é que a fé não é apenas um complemento no processo de benzimento, mas sim a força principal da cura. Suas orações sagradas não são apenas palavras, mas manifestações de uma conexão com o divino, trazendo cura não apenas para o corpo, mas para a alma. Dessa forma, a jornada espiritual dos(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita revelam que a fé e o benzimento são elementos inseparáveis, formando uma tapeçaria espiritual onde a cura se desdobra em uma dádiva sagrada. As orações de cura tornam-se um poderoso recurso para os(as) benzedores(as) como é o caso de Dona Dinha, cuja prática excede o simples gesto de rito para se tornar um caminho sagrado em direção à restauração. Dona Dinha compartilha sua sabedoria, e a importância das orações em sua jornada de benzimento, especialmente em situações específicas, como o “vento caído³⁴”.

³⁴ Vento caído é um termo utilizado em algumas regiões para descrever a paralisia facial, conhecida como quebranto. Essa condição é caracterizada pela fraqueza súbita e temporária dos músculos de um lado do rosto. Pode ser abordado pelos(as) benzedores(as) como uma condição tratável por meio da benzedura, envolvendo rituais, orações e elementos naturais (Marin; Scorsolini-Comin, 2017).

Pra vento caído eu rezo também, eu boto a criancinha de peito pra cima e aqui a barriguinha tá, tá funda né, então eu tenho que rezar pra poder voltar né, o normal, pra vento caído, pra quebranto, vomitando, ruim da barriga, então a gente tem...eu rezo com vassourinha, com qualquer uma palinha eu rezo (Entrevistada Dona Dinha).

Quanto a enfermidade denominada de “vento caído”, Dona Dinha adota uma abordagem holística, reconhecendo não apenas os sintomas físicos, mas também a necessidade de realinhar a energia vital. Suas orações, sussurradas enquanto realiza gestos rituais com vassourinha ou qualquer pequena palha à disposição, representam uma conexão própria com o divino. Ao colocar a criancinha de peito para cima, Dona Dinha busca alinhar a barriguinha, entendendo a profundidade simbólica desse gesto. Sua prática, adentra no mundo espiritual, onde suas orações são elos que conectam o terreno (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020).

O ato de benzer para diversos males, como quebranto, vômito e desconforto intestinal, revela a versatilidade e abrangência das orações de Dona Dinha. Ela assegura que cada gesto e palavra pronunciada tenham um propósito específico, configurando em energia e invocando a cura com base em uma sabedoria acumulada ao longo de sua jornada como benzedora. A aliança entre as orações de cura e a prática de benzimento de Dona Dinha é uma demonstração vívida de como a espiritualidade se conecta com a ação terapêutica. Suas orações não são apenas palavras vazias, mas rituais cuidadosamente elaborados que ultrapassam o espaço físico, estabelecendo um elo direto com o divino em busca da restauração plena.

O benzimento muitas vezes se concentra nos aspectos psicológicos e socioculturais associados a essa prática. Em relação às doenças tratadas pelo benzimento, é importante observar que muitas delas têm origens diversas, incluindo causas físicas, psicológicas e sociais. Por exemplo, o cobreiro pode ser uma irritação na pele, mas também pode ter uma dimensão psicossomática, relacionada ao estresse ou à ansiedade. O quebranto, frequentemente associada ao mau olhado, é uma condição que envolve crenças culturais e pode estar relacionada ao estresse emocional (Hoffmann-Horochovski, 2015; Marin; Scorsolini-Comin, 2017).

Os(as) benzedores(as), por meio de conhecimentos empíricos transmitidos, possuem uma abordagem holística para o tratamento de doenças. Eles reconhecem a interconexão entre o corpo, a mente e o contexto social, compreendendo que aspectos psicológicos podem desempenhar um papel crucial no bem-estar. Ao lidar com diferentes condições de saúde, os(as) benzedores(as) não se limitam apenas a abordagens físicas, mas também consideram o estado emocional do indivíduo. Acreditam que as energias negativas, traumas emocionais ou desequilíbrios sociais podem contribuir para enfermidades. Portanto, o processo de benzimento não se restringe apenas a rituais físicos, mas também envolve a busca por equilíbrio em níveis psicológicos e sociais.

A abordagem ampla dos(as) benzedores(as) destaca a compreensão de que cada indivíduo é único, e as doenças podem ter origens variadas. Assim, ao proporcionar ajuda, os(as) benzedores(as) expressam a convicção de que, independentemente da natureza da enfermidade, seja ela influenciada por fatores psicológicos ou não, é possível alcançar a cura. Esse comprometimento reflete não apenas uma prática de cura, mas também uma visão de mundo que reconhece a complexidade e inter-relação entre corpo, mente e sociedade.

Acredita-se que a fé, a esperança e o suporte social são significativos nas percepções dos pacientes, embora não haja evidências científicas sólidas que confirmem a eficácia direta do benzimento na cura de doenças físicas. Castro (2020) aborda as implicações da prevalência do conhecimento científico sobre outros tipos de saberes, busca compreender as razões por trás da diminuição da procura de benzimento e ressalta a importância de promover o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, bem como reconhecer o valor do conhecimento (Pereira; Gomes; Castro, 2019; Beltrão Júnior, 2013).

O benzimento, embora não seja considerado um tratamento médico convencional, é uma prática complexa enraizada em aspectos culturais, espirituais e psicológicos. Em diversas localidades onde essa tradição persiste, o benzimento desempenha um papel crucial, proporcionando não apenas um possível alívio para questões de saúde, mas também desempenhando um papel significativo no suporte emocional e espiritual das comunidades (Castro, 2020). Essa prática, abrange elementos culturais que moldam a identidade das comunidades que a praticam. Embora a prática do benzimento possa não ser reconhecida pelos padrões da medicina convencional, sua importância local é inegável.

O(a) benzedor(a) que nasce com o dom de benzer não começam necessariamente a exercer essa prática desde a infância. Pelo contrário, ao longo de suas vidas, passam por um processo fundamental de construção de conhecimento, o qual é essencial para assegurar a continuidade dessa tradição (Oliveira, 2022). Em diversas culturas, a identificação dos(as) benzedores(as) inicia-se precocemente na vida do indivíduo. Muitas vezes, um(a) jovem é reconhecido(a) por possuir uma afinidade especial com a espiritualidade e habilidades de cura, sendo identificado por benzedor(a) mais experiente (Braga, 2021).

Dentro desse contexto da transmissão da espiritualidade, Dona Dinha compartilha um aspecto crucial de sua prática: a transmissão do conhecimento sagrado do benzimento. Com uma reverência pela oração que ela considera pessoal e única, Dona Dinha destaca a capacidade de ensinar o uso dos remédios. “A oração eu não posso ensinar porque é minha e pode não funcionar mais, mas remédio eu posso. A minha mãe ela sabia de um bocado de reza, ela viu que ia morrer e ela passou pra minha filha, a Vera” (Entrevistada Dona Dinha).

Ao afirmar que não pode ensinar sua oração por ser única e pessoal, Dona Dinha destaca a sacralidade envolvida em sua prática espiritual. Isso sugere que ela busca garantir a eficácia constante de sua oração durante os rituais. Essa abordagem parece ser comum entre os(as) benzedores(as), como Seu Mesquita relata: “não posso falar se não, não funciona”. A ideia de que certos elementos, como a singularidade da oração, são essenciais para o sucesso da prática é compartilhada por esses praticantes. Essa abordagem individualizada contribui para a coesão do grupo de benzedores(as), pois cada um respeita a singularidade do método do outro. A oração é ligada à sua experiência de vida, uma manifestação única de sua conexão com o divino.

A preservação desse aspecto exclusivo é uma maneira de respeitar a espiritual que ela traz para o benzimento. Entretanto, o caráter sagrado da cura não é perdido, pois Dona Dinha destaca que pode ensinar o uso de remédios. Essa é uma parte importante de seu conhecimento que ultrapassa os limites do indivíduo, conectando-se à tradição familiar. A benzedora relata que sua mãe, ciente de sua iminente partida, transferiu seu legado espiritual para sua filha, Vera.

Essa transmissão de conhecimento não apenas assegura a continuidade da prática de realizar remédios caseiros (Cunha; Gonçalves, 2018), na família de Dona Dinha. Neste contexto, o benzimento, trata-se de um ato de cura espiritual, carregando consigo não apenas a sabedoria prática, mas também o compromisso espiritual para outras gerações. Essa tradição, marcada pela passagem do conhecimento entre as gerações, é um testemunho da riqueza cultural e espiritual contida no benzimento como prática ancestral.

Assim, os rituais dos(as) benzedores(as) incorporam técnicas, orações, rituais e práticas específicas para a cura, sendo que o benzedor(a) não pode revelar detalhes, sendo a oração um dos aspectos mais cruciais. Essa dimensão talvez represente a maneira de estabelecer uma comunicação entre o mundo terreno e o espiritual. (Cunha; Gonçalves, 2018). Portanto, trata-se de um processo que pode levar muitos anos, pois exige que o aprendiz desenvolva uma compreensão das crenças espirituais e das tradições culturais que sustentam a prática do benzimento (Eckel, 2020).

Além do aspecto técnico, a formação de(as) novos(as) benzedores(as) também envolve o desenvolvimento de atributos pessoais, como empatia, compaixão e uma conexão espiritual genuína com aqueles que buscam ajuda. Oliveira (2022, p. 190) demonstrado que: “A influência que os familiares exercem na formação da identidade dos novos benzedores configura o modo de percepção que eles têm a respeito da prática de benzedura e do seu passado”.

Dessa forma, o aprendizado do benzimento é amplamente difundido, resultando na existência de benzedores(as), cada um com suas abordagens e práticas distintas. Esses indivíduos refinam suas técnicas de benzer a cada sessão de benzeção. Esse processo contribui

para uma ampla variedade de estilos e métodos na execução do benzimento. Como resultado, é comum encontrar uma diversidade de preces e abordagens, influenciadas pela forma como cada benzedor(a) aprendeu o benzimento. “Essa singularidade na prática da benzeção a torna ainda mais fascinante, uma vez que presenciamos várias maneiras de se alcançar o mesmo objetivo: a cura através da fé.” (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012, p. 169). Quando se trata de repassar o conhecimento de gerações, Seu Milton, ao contrário de Seu Mesquita e Dona Dinha, relata:

Não, o que é da pessoa é só da pessoa, não pode sair de uma pessoa para ir para outra não. O conhecimento não pode ser transmitido, a pessoa já nasce com aquele dom. A gente não vai ensinar, por exemplo, chegar e ensinar para aquela pessoa o benzimento, olha, quando chegar uma pessoa com a dor no corpo, dor no braço, dor na cabeça, ou seja lá onde for, se eu rezar na pessoa e faço aquilo ou aquilo, não vai funcionar, porque não é a entidade que está mandando fazer aquilo, sou eu, e por isso não vai funcionar, porque eu sou um pecador (Entrevistado Seu Milton).

Seu Milton expressa a crença de que o conhecimento ligado ao dom de cura não pode ser transferido de uma pessoa para outra. Ele enfatiza que esse dom é inato, algo com que a pessoa já nasce. A perspectiva de Seu Milton sugere que a capacidade de realizar o benzimento está fundamentada na essência individual, e não pode ser simplesmente ensinada como uma técnica formal. Afirmar que ele não pode ensinar, pois a pessoa já nasce com o dom, destaca a natureza intransmissível desse conhecimento, ressaltando a singularidade e a conexão intrínseca entre o benzedor e o dom da cura.

Os(as) benzedores(as) Dona Dinha e Seu Mesquita compartilham a perspectiva de que o dom do benzimento pode ser transmitido de uma pessoa para outra, pois é algo que pode ser ensinado. Eles enfatizam que o conhecimento e as habilidades necessárias para o benzimento são transmitidos, no entanto, alguns dos seus conhecimentos são um presente divino recebido desde o nascimento. Nesta perspectiva, ao relacionar as palavras de Seu Milton, que destaca a singularidade e a natureza pessoal do dom do benzimento, compreende-se que essa prática transcende meramente uma habilidade, transformando-se em uma expressão única de conexão espiritual. O benzedor enfatiza que o que pertence a uma pessoa é exclusivamente seu, não podendo ser transferido para outra. A ideia central é que o conhecimento e a habilidade para realizar benzimentos não podem ser ensinados como uma técnica comum, mas são inerentes à pessoa, uma dádiva divina específica de cada indivíduo.

Seu Milton destaca a importância da orientação das entidades espirituais ao realizar benzimentos, enfatizando que o resultado não será eficaz se não estiver em sintonia com as instruções das entidades. Ele reconhece a natureza pecaminosa da intervenção pessoal, sublinhando que o benzimento autônomo, sem a orientação das entidades, não alcançará a eficácia desejada.

Essas perspectivas convergem para a ideia de que o benzimento é mais do que uma técnica aprendida; é um dom espiritual inato e individual. A visão de Dona Dinha e Seu Mesquita complementa a abordagem de Seu Milton, reforçando a crença de que o conhecimento e a habilidade para realizar benzimentos são divinamente conferidos e não podem ser transferidos ou ensinados de maneira convencional. Portanto, as narrativas conjuntas dos(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Mesquita e Seu Milton destacam a sacralidade do dom do benzimento, enfatizando sua natureza própria e a ligação íntima entre o(a) benzedor(a), bem como as entidades espirituais e a eficácia desse processo espiritual específico.

Os(as) novos(as) benzedores(as) devem compreender que seu papel excede a mera função de rezar ou curar doenças. Para aqueles que estão envolvidos nessa prática, eles serão vistos como indivíduos que mantêm uma conexão próxima com a divindade, assumindo o papel de guias e apoiadores(as) que oferecem muito mais do que simples habilidades de cura (Salgado, 2016). Quando alguém os procura em busca de ajuda, eles se tornam confidentes dispostos a ouvir e aconselhar. Seu objetivo não se limita apenas a aliviar os sintomas físicos, mas também a acalmar e confortar aqueles que estão em necessidade (Oliveira, 2022). Diante disto, ressalta-se que:

O ofício da benzeção não se limita apenas ao ato de benzer, orar, impor as mãos, pois além de benzer, elas exercem também, muitas vezes, a função de conselheira, levando longas e calorosas conversas que expressam ternura e aconchego, de forma a tentar reduzir a angústia de quem as procura, fazendo com que a cura ultrapasse os limites físicos e cheguem a alma (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012, p. 179).

Além de desempenhar a benzeção, os(as) novos(as) benzedores(as) devem reservar tempo e dedicação para oferecer apoio emocional. Eles(as) precisam entender que as enfermidades não afetam apenas o corpo físico, mas também podem impactar o equilíbrio emocional e espiritual das pessoas. Por essa razão, os(as) benzedores(as) se disponibilizam para dialogar, fornece orientações e palavras reconfortantes, buscando amenizar as angústias e reacender a esperança (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012).

A figura dos(as) benzedores(as), como mentores(as) e auxiliadores(as), é valorizada por aquelas que o procura em momentos de dificuldade. Sua presença traz alívio e confiança, sabendo que podem contar com sua sabedoria e compaixão (Rosa, 2013). No entanto, de acordo com Oliveira (2022, p.106) “durante os benzimentos, mesmo com o auxílio desses objetos, a carga de energia causada pelo mal é sentida, por vezes, pelos benzedores se manifestando por meio de bocejos, arrepios, lacrimação e dores no corpo”. Essas manifestações trazem à tona uma interessante reflexão sobre a relação entre a prática do benzimento e a experiência subjetiva dos(as) benzedores(as). Essas aparições evocam discussões teóricas relevantes em diversas

áreas, como antropologia, psicologia e estudos religiosos, e pode ser analisada sob várias perspectivas (Eckel, 2020).

Dona Dinha emerge como uma testemunha viva da continuidade e relevância do benzimento na contemporaneidade. Sua narrativa ressoa como um eco das tradições ancestrais, e a força das orações de fé. O relato de Dona Dinha inicia-se com uma revelação precoce de seu dom, quando aos 14 anos, ela ousou benzer e endireitar pessoas ao seu redor. Essa experiência inaugural, ao devolver a saúde à sua tia, foi o ponto de partida para uma jornada marcada por curas e intervenções espirituais.

A primeira vez foi fora do centro, porque eu pra mim, eu benzo e endireito também, pra mim endireitar as pessoas, eu tinha 14 anos. Eu disse que eu ia botar a minha tia boa e eu botei sabe, então, depois, uma mulher chegou com a filha dela doente lá em casa e eu fui e disse pra ela, tire três raminhas de pinhão roxo que eu vou já botar a sua filha boazinha, aí eu rezei sabe, na menina, e num rezei nem muitas palavras, como agora eu sei, rezei só mesmo o pai nosso pedindo que livrasse aquela criança de tudo quanto era mal e a menina na hora ficou boa. E agora não, eu tenho mais conhecimento, é mais forte minhas orações (Entrevistada Dona Dinha).

A memória nítida de Dona Dinha traz à tona um episódio, no qual uma mãe aflita a procurou com sua filha enferma. A instrução de Dona Dinha para colher ramos de pinhão roxo mostra a integração de elementos naturais nesse ato sagrado. Sua oração, embora concisa, invocou a proteção divina, resultando na cura imediata da criança. Este evento, entre muitos outros, sinaliza não apenas a eficácia das práticas de Dona Dinha, mas também a continuidade do benzimento como uma fonte de esperança e cura.

Ao longo dos anos, Dona Dinha destaca que suas orações ganharam em poder e conhecimento. O aprimoramento constante de suas habilidades e a intensificação de suas preces sugerem um compromisso contínuo com o aprendizado espiritual. Dona Dinha não apenas mantém viva a tradição do benzimento, mas também a aperfeiçoa, enriquecendo-a com sua própria jornada de fé e experiência. A narrativa de Dona Dinha ressalta a vitalidade desta prática, que, nas mãos de indivíduos dedicados como ela, ultrapassa o tempo, continuando a oferecer alívio espiritual e físico aos seus enfermos que buscam suas bênçãos.

A trajetória espiritual de Seu Milton é marcada por uma peculiaridade, pois ele compartilha que suas atividades de benzeção não foram iniciadas durante a infância, mas sim na fase adulta.

Aprendi por volta dos meus 20 e poucos anos, cerca de uns 25 anos quando comecei. Quando as entidades desejam se comunicar comigo, eu sinto, então me preparo e, nesse momento, a entidade se manifesta. Quando elas chegam, tudo se transforma em um ambiente espiritual e eu perco a consciência do meu entorno. É como se eu me tornasse um Pajé (Entrevistado Seu Milton).

Na fala de Seu Milton, há uma narrativa que destaca o início de suas atividades como benzedor, revelando uma experiência que começou por volta dos seus 20 e poucos anos, aproximadamente há 25 anos. Seu Milton menciona que seu contato com as entidades ocorre quando elas desejam se comunicar com ele. Esse aspecto sugere uma relação de reciprocidade e voluntariedade na interação com as entidades espirituais. A sensação de sentir a chegada dessas entidades parece desempenhar um papel crucial no processo, indicando uma sensibilidade espiritual que Seu Milton desenvolveu ao longo do tempo.

Ao mencionar que se prepara quando sente a presença das entidades, o benzedor destaca a importância da ritualização e do estado de prontidão para receber as mensagens espirituais. Esse preparo pode envolver práticas específicas, indicando uma rotina ou cerimônia que antecede a manifestação das entidades. A descrição de Seu Milton sobre a manifestação das entidades cria uma imagem de transformação do ambiente ao seu redor em um espaço espiritual. A perda de consciência do entorno sugere uma imersão no mundo espiritual, onde a comunicação com as entidades se torna predominante.

A metáfora utilizada por Seu Milton, ao comparar-se a um Pajé nesse momento, ressalta a conexão espiritual e a natureza xamânica de sua prática. O Pajé, nas tradições indígenas, é um mediador entre o mundo espiritual e o terreno, atuando como curador e guia espiritual. Essa associação indica a percepção de Seu Milton sobre seu papel durante a manifestação das entidades. Assim, Seu Milton revela uma jornada espiritual marcada por sensibilidade, preparação ritualística e imersão no mundo espiritual, elementos que caracterizam sua prática como benzedor. Quando Seu Milton expressa a ideia de que, durante o momento de comunicação com as entidades espirituais, ele se torna "um Pajé", está fazendo uma associação com uma figura tradicionalmente reconhecida em muitas culturas indígenas brasileiras e outras sociedades indígenas ao redor do mundo.

Nesse texto, Seu Milton utiliza uma metáfora para comunicar uma mudança temporária em sua própria identidade enquanto está em contato com as entidades espirituais. Ao usar essa metáfora sugere que, durante esse contato, Seu Milton se transforma de alguma forma, assumindo um papel diferente ou adquirindo uma nova perspectiva sobre si mesmo e suas atividades espirituais. Essa mudança momentânea pode ser interpretada como uma adaptação às energias e influências espirituais presentes no momento do contato. O Pajé, na tradição indígena, é alguém que possui uma conexão única e especial com o mundo espiritual, muitas vezes desempenhando papéis de cura, aconselhamento espiritual e interpretação de mensagens do além (Vaz Filho, 2016).

Ao se comparar a um Pajé, Seu Milton está sugerindo que, durante esses momentos de manifestação espiritual, ele adquire habilidades e responsabilidades similares às desse líder espiritual tradicional. Ele pode assumir a função de intermediário, transmitindo mensagens, oferecendo cura espiritual e, de certa forma, servindo como um canal para a sabedoria espiritual. Essa comparação destaca a natureza sagrada e especializada de sua prática como benzedor. Ele não se vê apenas como alguém que executa rituais; em vez disso, ele se percebe como um veículo temporário para as energias espirituais, desempenhando um papel significativo na comunicação entre o mundo material e o espiritual. Assim, ao dizer que se torna um Pajé, Seu Milton está comunicando não apenas a intensidade da experiência espiritual que ele vivencia, mas também o comprometimento e responsabilidade que sente durante esses momentos, como um guia espiritual temporário para aqueles que buscam sua ajuda.

Essa narrativa ressalta que o dom da benzeção pode se revelar em momentos específicos da vida de um indivíduo, demonstrando que o chamado espiritual e a conexão com entidades podem amadurecer ao longo do tempo. A trajetória de Seu Milton destaca não apenas a singularidade de sua experiência, mas também a complexidade e diversidade das jornadas espirituais entre os(as) benzedores(as), cada uma delas sendo única e guiada por forças espirituais além da compreensão convencional.

Contudo, há a importância da subjetividade e da experiência pessoal na prática do benzimento (Eckel, 2020). Ela sugere que os(as) benzedores(as) não apenas realizam um ritual mecânico, mas também vivenciam uma conexão com as energias espirituais e emocionais envolvidas no processo de cura. Isso tem implicações significativas para a compreensão da religiosidade e da espiritualidade, mostrando como esses elementos são ligados às experiências humanas (Oliveira, 2022).

Oliveira aborda uma questão relevante relacionada ao trabalho dos(as) benzedores(as) e às precauções que eles devem tomar para não absorver energias negativas. Em sua pesquisa, ele destaca um exemplo particular envolvendo uma benzedora:

D. Léa recomenda estreitar os laços com Deus para evitar pegar “cargas negativas”. Para D. Léa, é preciso se auto benzer (*sic*) para proteger o corpo. Para isso, é necessário também o uso de objetos de proteção, sejam eles terços ou patuás. Independente das crenças que as pessoas acreditam, para D. Léa é preciso ter esses amuletos de defesa. O poder de proteção atribuído a esses objetos irá funcionar de acordo com as práticas e representações que são produzidas a partir das necessidades e motivações desses sujeitos (Oliveira, 2022, p. 122).

Oliveira (2022) aborda indagações concernentes à natureza da energia e das forças espirituais presentes nas práticas religiosas e de cura. Essa perspectiva pode ser examinada sob a ótica de teorias que versam sobre a crença na eficácia dos rituais, onde a observação de

manifestações físicas, tais como bocejos, arrepios e dores corporais, pode fortalecer a convicção na eficácia do ato de benzer. Essa crença pode desempenhar um papel fundamental na resposta do paciente ao tratamento e na própria eficácia do benzimento (Souza; Rodrigues, 2016). Esse conceito trata-se de uma importância da tradição oral e da transmissão intergeracional de conhecimento (Carvalho; Sobrinho; Ravagnani, 1982; Cunha; Gonçalves, 2018). Os(as) benzedores(as) que relatam essas experiências sensoriais estão, de certa forma, validando a continuidade dessa prática ancestral.

De maneira marcante, Seu Mesquita compartilha informações sobre suas práticas espirituais, destacando a sacralidade envolvida em suas orações durante o benzimento. O benzedor esclarece que as rezas proferidas sobre as pessoas são orações de cunho pessoal, que não podem ser ensinadas sem perder sua eficácia na prática, assim como relata:

A reza que eu rezo nas pessoas e que eu não posso ensinar, porque se eu ensinar não vai servir mais para mim. Agora eu posso só falar o pai nosso, que é a oração que eu faço sempre, quando eu acordo, eu já faço logo a oração, antes de dormir eu também tenho uma oração que faço para minha proteção. Essas aí posso até falar, mas as outras eu não posso, se eu falar não vou poder usar elas mais (Entrevistado Seu Mesquita).

A ênfase na individualidade e na singularidade dessas orações ressalta a conexão espiritual de Seu Mesquita com o divino. Cada palavra e gesto ganham significado e poder através dessa abordagem única, forjada ao longo de sua trajetória como benzedor católico. A recusa em ensinar essas rezas específicas destaca a reverência que Seu Mesquita mantém em suas práticas espirituais. Por outro lado, Seu Mesquita demonstra sua disposição em compartilhar parte de suas rezas mais acessíveis, aquelas que envolvem os momentos cotidianos de se levantar e de se deitar. Quando vai dormir, Seu Mesquita professa as seguintes palavras:

Com Deus me deito, Com Deus me levanto, Com a graça de Deus. E do Divino Espírito Santo. Se eu dormir, acorde-me, se eu morrer, me guarde, com sete velas acesas, Três aos pés, quatro à cabeceira E a Nossa Senhora à dianteira. Pela Virgem Maria, Um pai-nosso e uma ave-maria (Entrevistado Seu Mesquita).

Seu Mesquita ensina uma oração que é comum entre os adeptos do catolicismo, trata-se de uma oração conhecida dentro desse grupo. Ao fazer distinção entre as rezas específicas do ritual do benzimento e aquelas que utilizam em seu cotidiano, Seu Mesquita adiciona camadas de complexidade ao entendimento de como sua fé se conecta com suas práticas rituais.

Com Dona Dinha, foi possível registrar imagens do seu processo de benzimento aplicado à sua clientela. As imagens capturadas oferecem uma maneira única e especializada com que Dona Dinha conduz seu rito. Ao longo da seção, percebe-se que Dona Dinha iniciando o ritual com o simbólico sinal da cruz, utilizando a folha do pião-roxo como um instrumento

ritualístico. Essa representação visual destaca não apenas a destreza da benzedora em suas ações, mas a carga simbólica que permeia cada gesto. A figura 21 retrata a atenção cuidadosa da benzedora enquanto ela se dedica a cada etapa do processo e a conexão íntima entre a prática do benzimento e a espiritualidade própria à cultura amazônica.

Na seção de benzeção, com sensibilidade, o momento em que Dona Dinha realiza gestos específicos sobre a testa da pessoa benzida, utilizando a folha de pião-roxo. Essa etapa revela sutis sussurros de orações, ressaltando a atmosfera mística que envolve a prática. Observa-se que Dona Dinha canaliza energia antes da benzeção, utilizando o pinhão-roxo para se auto benzer e finaliza sua prática com a erva medicinal na pessoa que busca essa cura. Assim, cada imagem capturada é um testemunho da conexão entre Dona Dinha, sua fé e a fé depositada na benzedora pela pessoa que busca a cura, buscando alívio e conforto. Essa experiência visual oferece uma riqueza cultural e espiritual único presente nas tradições de benzimento da Amazônia, contribuindo para nossa compreensão e apreciação dessas práticas ancestrais (Albuquerque *et al.*, 2016).

Figura 22. Benzedora Dona Dinha início do benzimento



Fonte: Acervo da autora

Figura 23. Benzedora Dona Dinha no fim do benzimento



Fonte: Acervo da autora

Outrossim, a figura 22 retrata um momento significativo da prática de Dona Dinha, onde ela inicia sua oração realizando o sinal da cruz com o auxílio da folha do pião-roxo. Esse gesto, carregado de simbolismo espiritual, marca o início do processo de benzeção. Na figura 23, a benzedora continua sua benzeção, segurando a folha de pião-roxo sobre a testa da pessoa que está sendo benzida. Nesse momento, percebem-se sussurros de uma oração suave, embora o conteúdo exato permaneça enigmático, já que Dona Dinha afirma não pode ensinar sua oração. Essa aura de mistério em torno da oração contribui para a atmosfera espiritual do momento.

A crença que Dona Dinha deposita na benzeção excede a figura como benzedora, e isso passa confiança as pessoas. A pessoa benzida entra em um estado de transe espiritual,

aguardando cada gesto. Esse processo cria um alívio espiritual perceptível, uma descarga de encosto³⁵, conforme relata a benzedora. A figura ilustra claramente como a fé e a confiança na benção de Dona Dinha geram um ambiente espiritual propício à cura da alma. Dessa forma, é notório que o local onde a benção é realizada transforma-se em um ambiente espiritual, um refúgio que proporciona alívio e conforto espiritual àqueles que buscam a ajuda de Dona Dinha. Esse momento de conexão entre a benzedora, a pessoa benzida e o ambiente ao redor destacam a complexidade e a riqueza dessa prática cultural na Amazônia. Os(as) benzedores(as):

[...] emerge uma profunda relação entre o mundo material e o mundo espiritual, característica marcante do povo brasileiro [...] e que também representa uma forma de concepção da realidade. A presença da esfera espiritual na vida da população [...] não está contida apenas na religiosidade em sentido estreito, da mesma forma que não apenas se embrenha no imaginário coletivo. As representações e as práticas situam-se em um mesmo plano, combinando-se em uma relação de proximidade e conferindo um sentido existencial e social no cotidiano das pessoas (Bernardes, M.; Bernardes, L., 2020, p. 102)

As práticas de benzedura como formas de tratamento terapêutico são valorizadas pelas pessoas de Tefé e representam um aspecto importante da vida na região. Os(as) benzedores(as) locais desempenham um papel crucial nesse contexto, estando presentes tanto na esfera religiosa quanto nas zonas rural e urbana, o que contribui significativamente para a compreensão da vida cotidiana em Tefé. Essas práticas tradicionais não apenas oferecem tratamentos para aqueles que buscam cura, mas também enriquecem a cultura e a identidade da comunidade local.

Bernardes, M. e Bernardes, L. (2020) destacam a presença da esfera espiritual na vida da população, transcendendo a mera religiosidade convencional. Nesse contexto, Seu Milton, Seu Mesquita e Dona Dinha são figuras-chave, oferecendo seus dons e práticas terapêuticas para atender às necessidades desse grupo específico.

Nesse contexto, o grupo de tefeenses que busca essas formas tradicionais de tratamento terapêutico não apenas preserva tradições, mas também contribui para a construção de uma identidade coletiva (Hall, 2006), onde as práticas espirituais e urbanas se aglomeram para conferir significado ao cotidiano das pessoas. A relação de proximidade entre as representações e práticas desse grupo destaca a vitalidade dessa abordagem única para a compreensão e enfrentamento das adversidades da vida.

³⁵ No contexto dos(as) benzedores(as) e práticas espirituais, o termo "encosto" refere-se a uma crença na presença ou influência espiritual negativa que pode afetar uma pessoa. Muitos acreditam que um "encosto" é um espírito ou energia indesejada que se aproxima de alguém, causando desconforto, problemas de saúde ou outros tipos de dificuldades. Os(as) benzedores(as) podem ser procurados para realizar rituais específicas para afastar ou neutralizar essas influências espirituais negativas (Carniell, 2019).

Outrossim, no vasto universo das práticas terapêuticas, os(as) benzedores(as) se destacam ao unir saberes ancestrais, tradições espirituais e elementos sagrados para proporcionar a cura e bem-estar. Dona Dinha e Seu Mesquita são exemplos desse encontro de elementos terapêuticos, cada um contribuindo com sua abordagem única e especializada. Seu Mesquita e Dona Dinha, com suas conexões com a sua religião e a natureza, utilizam ervas medicinais, consideradas sagradas para promover a cura. Seus sussurros em formato de orações ou rezas são carregados de significado, transmitindo não apenas palavras, mas também uma energia espiritual que visa restaurar o equilíbrio. As ervas não são meramente botânicas, mas sim um elemento para a manifestação do sagrado em suas práticas de cura.

Seu Milton traz uma perspectiva complexa e diferente de Dona Dinha e Seu Mesquita, talvez seja devido as influencias de sua religião, indo além do conhecimento físico, se conectando com seres sobrenaturais. Durante o processo de benzeção, ele faz uso de qualquer planta disponível, transformando o ato de benzer em um ritual fora do comum. O ramo de ervas escolhido no momento não é apenas uma seleção casual, mas simbolicamente representa a “Selva”, o local onde Seu Milton também realiza suas sessões espirituais.

Apesar das diferenças nas abordagens de Dona Dinha, Seu Mesquita e Seu Milton, todos compartilham o objetivo comum de auxiliar aqueles que buscam por cura e auxílio. Em meio a essa mistura de cura, benzedura, orações e o sagrado, surge uma energia que transcende os limites do conhecimento humano. Cada um, à sua maneira, contribui para esse encontro de elementos terapêuticos, oferecendo um caminho único para a busca de alívio e equilíbrio espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da benzeção em Tefé ressaltou que os processos de ressignificação, trajetórias individuais e ritos realizados pelos(as) benzedores(as) estão ancorados nas narrativas de Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita. Nesse contexto, foi possível destacar suas histórias, influências, costumes e vivências associados à benzeção. Cada um deles(as) é portador(a) de conhecimentos ancestrais, contribuindo para a riqueza e a profundidade dessa prática.

As identidades de Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita são englobadas na interação entre sua fé, saberes e a importância da conexão com a natureza em seus ritos, uma vez que os(as) benzedores(as) são detentores(as) de conhecimento etnobotânico (Dona Dinha e Seu Mesquita). Assim, a prática de benzeção é um elemento vital da cultura do povo amazônico, sendo praticada na zona urbana e rural de Tefé.

Outrossim, notou-se que as plantas medicinais são frequentemente utilizadas no rito de benzer como forma de tratamento de males, e Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita no seu processo de benzeção específicos utilizam também sussurros para a cura, bem como na produção de remédios caseiros. Dona Dinha e Seu Mesquita, são portadores(as) de conhecimento etnobotânica, pois conseguem produzir medicamentos a partir de ervas medicinais. Por outro lado, Seu Milton não possui este dom, pois são as entidades espirituais que o guiam na identificação do problema e produção dos remédios, fazendo com que seu conhecimento sobre plantas medicinais seja limitado.

A compreensão das rezas e experiências na perspectiva da benzeção constituiu-se em um elemento essencial na trajetória de Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita na construção de suas identidades. Foi possível compreender as crenças desses(as) benzedores(as) que estão ligados ao sobrenatural, em conexão com a natureza. Esses elementos se fazem presentes em seus ritos. Com este estudo, foi possível entender os encontros desses elementos na prática dos(as) benzedores(as).

Com as trajetórias de Dona Dinha, de Seu Milton e de Seu Mesquita, foi possível notar a complexidade de suas experiências de vida, que são marcadas por suas influências religiosas, familiares e culturais, bem como o meio ao qual faz parte. Suas práticas de benzeção, muitas vezes permeadas por elementos naturais e rezas específicas em forma de sussurros, destacam a riqueza da relação entre fé e natureza, indicando uma profunda interação entre o sagrado e a natureza.

A ressignificação da benzeção ao longo do tempo de Dona Dinha destacou-se nas adaptações dos ritos, principalmente, depois da sua mudança da religião católica para a evangélica, pois a benzedora relata que atualmente não reza, mas sim ora, em consequência da

sua nova religião. Essas mudanças nas formas de benzer, significa que a mesma teve que se resignificar, o que sua identidade enquanto benzedora, refletindo não apenas a pluralidade de crenças e práticas, mas também a resistência frente às transformações pessoais. No caso de Seu Mesquita, o mesmo também teve que se adaptar à modernidade e à tecnologia, realizando sua benção através de ligações telefônicas.

Identificamos em nossa pesquisa que os(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita são agentes da cura e orientação espiritual de importância para as pessoas que desejam a cura de suas enfermidades, seja física ou espirituais. Portanto, com este estudo foi possível entender a diversidade cultural e religiosa dos(as) benzedores(as). Sendo assim, a benção, está longe de ser uma prática obsoleta, revela-se como uma expressão viva e dinâmica da espiritualidade local, capaz de ir além das fronteiras religiosas, culturais e do avanço da medicina tradicional.

Outrossim, esta prática não se limita a um único espaço físico; pelo contrário, pode ser realizada em distintos locais, desde que os(as) benzedores(as), como Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita possam proferir o seu ato de benzer; pois trata-se de uma prática que não se limitar as barreiras do mundo terreno. A capacidade de benzer está intrinsecamente ligado ao conhecimento, as habilidades do(a) benzedor(a) e a fé dos envolvidos nesta ritualização, permitindo que esse ritual seja realizado em diferentes ambientes, seja em um local considerado sagrado, nas residências ou até mesmo ao ar livre. Essa versatilidade da benção demonstra a sua adaptabilidade e a sua importância cultural, pois ela pode ser realizada onde houver a presença e a habilidade do(a) benzedor(a), independentemente do lugar físico.

Cada benzedor(a) contribui de maneira única para a compreensão das transformações e adaptações da benção ao longo do tempo. Dona Dinha destaca-se pela transmissão intergeracional de conhecimento tradicional, pois aprendeu com o seu tio, ensina, em certa medida para seus netos(as), enfatizando a importância da preservação das tradições. Seu Milton, de abordagem mais reservada, incorpora elementos espirituais em seus rituais e seções, demonstrando uma resignificação vinculada à espiritualidade. Seu Mesquita, representando a ligação entre a religiosidade católica e a benção, ilustra a complexidade das influências religiosas no processo de resignificação.

Os(as) benzedores(as) Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita, juntamente com suas experiências e crenças, estão intrinsecamente ligados à sua fé, prática espiritual e necessidades individuais. Nesse contexto, as resignificações individuais da benção tornam-se um fenômeno multifacetado que demonstra a plasticidade e vitalidade das manifestações culturais. Essa interação entre experiência pessoal e tradição cultural ressaltou a riqueza e a complexidade

desse aspecto da vida em Tefé, contribuindo para a compreensão e apreciação das práticas da benzeção na região.

Portanto, a importância da benzeção para os(as) benzedores(as) torna-se crucial, pois ressalta como eles(as) são moldados em suas percepções de mundo. Essa prática não apenas faz parte de suas identidades culturais, mas também influencia como veem e interagem com o mundo ao seu redor. Dessa forma, a benzeção se torna fundamental não apenas como um tratamento terapêutico, mas também como um elemento central na formação e na visão de mundo do(a) benzedor(a), Dona Dinha, Seu Milton e Seu Mesquita.

Espera-se que esta pesquisa, venha a ter uma continuidade explorando outros aspectos da prática da benzeção, suas espiritualidades e seus impactos na vida das pessoas que buscam essa prática. Dessa forma, essa pesquisa não só oferece informações valiosas para compreender melhor essa tradição, mas pode ser o ponto de partida para o reconhecimento oficial da benzeção como patrimônio imaterial. Almeja-se que este trabalho sirva como um importante registro dessa manifestação cultural, contribuindo para a preservação e valorização das práticas dos(as) benzedores(as) e seu significado para a identidade cultural amazônica.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Venera. **Manual de História Oral**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas - FGV, 2005.
- ALGAYER, Cecília de Castro; CHAGAS, Afonso Maria das. **O Direito e os Povos Indígenas do Brasil: Uma nova perspectiva de Direitos Humanos**. Revista Direito E Justiça: Reflexões Sociojurídicas, 21(39), 201-220, 2021.
- ALBUQUERQUE, Renan. et al. **Casos de “roubo de sombra” em fronteiras interétnicas: sofrimento mental no Baixo Amazonas/AM, Amazônia Central**. Revista Comunicare. Volume 16 – Nº 1 – 1º Semestre, p. 140-156, 2016.
- AMARAL, Leandro Ribeiro do. **Registro do patrimônio cultural imaterial e povos indígenas no Brasil: crítica sobre a naturalização da noção de patrimônio cultural entre povos indígenas e outras considerações**. Revista Memorare, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 5-18, 2017.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico: Elaboração de Trabalhos na Graduação**. 10ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010.
- ARAUJO, Paloma Andrade Santos. et al. **Pinhão-Roxo (Jatropha Gossypifolia): Uma Revisão de Literatura dos usos Tradicionais, Atividade Biológica e Caracterização Fitoquímica**. Capítulo 8, In: Pesquisas e Avanços em Química dos Produtos Naturais, [livro eletrônico] / (Org. Agron Science). Jardim do Seridó, RN: Agron Science, 2013.
- ASSUNÇÃO, Luiza Maria de; QUERINO, Rosimár Alves; RODRIGUES, Leiner Resende. **A benzedura nos territórios da Estratégia Saúde da Família: percepções de trabalhadores, usuários e benzedores**. Saúde em Debate, v. 44, p. 762-773, 2020.
- BELTRÃO JÚNIOR, Hudson Roberto. **As Práticas de Benzimento em Parintins: Uma Abordagem Folkcomunicação**. Relatório PIBIC. Parintins – AM, 2013.
- BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: feiticeiros, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2004.
- BERNARDES, Marcelo Elias; BERNARDES, Letícia Elias. **Entre o mundo material e o mundo espiritual: magia, religiosidade e catolicismo popular em um município de Minas Gerais**. Sertanias: Revista de Ciências Humanas e Sociais, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 98-114, 2020.
- BORCHARDT, Juliani Ronaldo; COLVERO, Bernardino. **Os Benzedores de São Miguel das Missões-RS: Aspectos de Memória e Identidade**. Estudios Historicos – CDHRPyB- Año V - - Nº 11 – ISSN: 1688 – 5317. Uruguay, Diciembre, 2013.
- BORN, Claudia. **Gênero, trajetória de vida e bibliografia: desafios metodológicos e resultados empíricos**. INTERFACES. Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 5, jan/jun, 2001.
- BRAGA, Adriana Nonato. **A arte de benzer e seus processos de (re)construção na cidade de Tefé-Amazonas**. Monografia. Universidade do Estado do Amazonas, Tefé-AM, p. 52. 2021.
- BRAGA, Ebson Gama et al. **O Poder Terapêutico das Plantas Mediciniais: Um estudo do conhecimento tradicional e cultural**. In: Anais do Congresso Brasileiro Interdisciplinar em

Ciência e Tecnologia. IV Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia. Diamantina (MG) Online, 2023.

BRASIL. **Ritual do Kuarup reforça laços familiares e culturais dos indígenas do Xingu.** Ministério dos Povos Indígenas. Publicado em 26 de outubro, 2022. Disponível em: <<https://x.gd/PWZWk>>. Acesso em: maio de 2023.

BRASIL. **Estratégia Saúde da Família.** Ministério da Saúde. 2023. Acesso em: <<https://x.gd/Spllh>>. Disponível em: setembro de 2023.

CAVALCANTE, Simone Pereira. **Processamento, Usos e Eficácia de Plantas Medicinais dos Curandeiros Kokama na Comunidade Bom Jardim II, Benjamin Constant – AM.** (Monografia), Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Benjamin Constant-AM, 2020.

CARVALHO, Igor Guedes de. **Lavras Enfeitiçadas: curadores, benzedores, adivinhos e feitiçeiros nas Minas Setecentistas.** Dissertação mestrado. Repositório Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2013.

CARVALHO, Silvia Maria Schmuziger de; SOBRINHO, Antonio Talora Delgado; RAVAGNANI, Oswaldo Martins. **Transmissão da Arte de Benzer e Curar com Plantas.** Perspectivas, São Paulo 5: 53-72, 1982.

CARNIELL, Guilherme. **O Que Eu Corto? – Cobreiro Brabo: Um estudo sobre o papel dos sujeitos comunicantes na preservação da cultura do benzimento.** (Monografia), Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2019.

CASTRO, Rita de Cássia de Quadros. **O Ofício de Benzer como Produção de Conhecimento: Etnografando Práticas de Benzeção do Município de Tracuateua – PA – Amazônia – Brasil.** Dissertação de Mestrado. Repositório Universidade Federal do Pará. Castanhal, 2020.

CONCEIÇÃO, Alaíze Dos Santos. **“No Meu Tempo, Quando Eu Era Criança [...] Todo Mundo Era Rezador!”: trajetórias de vida e experiências compartilhadas.** In: Anais do XI Encontro Nacional de História Oral, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). IFCS – IH, 10 a 13 de julho, 2012.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **“A canoa da cura ninguém nunca rema só”: o se ingerir e os processos de adoecer e curar na cidade de Parintins (AM).** Tese, doutorado, Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Manaus – AM, 2017.

CUNHA, Celina Gontijo. **A Prática da Benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras.** Dissertação de Mestrado. Repositório Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Mariana-MG, 2018.

CUNHA, Celina Gontijo; GONÇALVES, Clézio Roberto. **A Tradição Oral das Práticas de Benzeção.** Revista da ABPN. v. 10, Ed. Esp. Letramentos de Reexistência, 2018.

CRUZ, Mirely dos Santos. **Práticas de Benzeduras e Rezas no Brasil Intermediadas por Plantas: Uma Revisão Sistemática.** (Monografia), Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Penedo, 2021.

DADALTO, Steffany Gonçalves. **Religiosidade Popular: As Práticas do Benzimento nas Fendas da Modernização.** (TCC), Monografia - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, 2023.

DAVIS, Shelton Hugh. **Diversidade cultural e direitos dos povos indígenas.** Dossiê - Homenagem aos Fundadores, Mana 14 (2) Out, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Magia e Medicina, uma união obscura.** In: Del Priore, M; M; Bassanezi, C. B. História das Mulheres no Brasil. 9º ed. São Paulo: Contexto, p. 90 – 91. 2009.

DELANI, Daniel; MENDONÇA, Francisco de Assis. **Dimensões Geográficas e Antropológicas das Benzedoiras/ores em Porto Velho, Amazônia Ocidental Brasileira.** Ciência Geográfica - Bauru - XXIV - Vol. XXIV - (2): Janeiro/Dezembro – p. 876-892, 2020.

DIAS, Lucimberg Camargo; CAETANO, Edson. **Valorização e Salvaguarda dos Saberes Ancestrais de Cura e Cuidado no Quilombo de Mata Cavalo.** Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 20, n. 1, p. 45-54, 2022.

DI STASI, Luiz Claudio. **Plantas Mediciniais: Arte e Ciências: Um guia de estudos interdisciplinar.** Editora Unesp Fundação. 1ª Reimpressão, 1996.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura.** Coleção Memórias do Mundo. 1ª edição. Tradução: Sofia Rodrigues, Temas e Debates — Atividades Editoriais, L. ISBN: 972-759-511-1, 2003.

ECKEL, Andresa Josiane. **A Prática do benzimento e o uso de ervas medicinais na comunidade Rio da Areia de Baixo - Mafra (SC).** TCC, Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FEITOSA, Pedro Walisson Gomes. et al. **“Não, eu só rezo em criança”:** Benzedoiras e Construções epistemológicas em saúde no Cariri cearense. Multidisciplinar. ISSN 1981-1179, Rev. Psic. V.16, 60, p. 1120-1129, Maio, 2022.

FRIEDRICH, Neidi Regina. **Educação, um caminho que se faz com o coração: Entre xales, mulheres, xamãs, cachimbos, plantas, palavras, cantos e conselhos.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2012.

GILL, Lorena Almeida. **Benzedeiros em Pelotas (RS): Entre o Dom, a Tradição e a Religião.** X Encontro Nacional de História Oral. Santa Maria - RS. Repositório Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, 26 a 30 de julho, 2010.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais.** Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 2004.

GOMES, Thauana Paiva de Souza. **Das Receitas às Práticas de Benzedura e Cura: Uma Etnografia do Saberes Tradicionais de Mulheres Assentadas.** Retratos de Assentamentos, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 33-74, 2011.

GUERRA, Maria José; AMARAL, Wagner Roberto do. **A Construção da Identidade e os Regimes de Visibilidade dos Povos Indígenas na Universidade.** Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.3, n.1, p. 53-68, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEGENBERG, Leonidas. **Evolução Histórica do Conceito de Doença**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 137 p. ISBN: 85-85676-44-2. 1998.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. **Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da Benzeção**. Revista Guaju, Matinhos, v.1, n.2, p. 110-126, jul./dez. 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama de Tefé**, 2022. Disponível em: <<https://x.gd/OMQS3>>. Acesso em: setembro de 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro (ISBN 978-85-359-2620-0) 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura - Um conceito antropológico**. 14ª ed. — Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

LE VEM, Michel Marie. et al. **História oral de vida: o instante da entrevista**. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, (org.). Os desafios contemporâneos de história oral - 1996. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

LINS, Dalvan Alberto Sabbi. **A benzeção em Santa Maria. A permanência de tradições de cura no contexto da contemporaneidade**. Rev. Latino-Americana de História, v. 2, n. 6, 2013.

MAGANHINI, Thais Bernardes. **Terras indígenas no estado de Rondônia: prioridade no pagamento por serviços ambientais como vetor de desenvolvimento sustentável**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2022.

MACIEL, Márcia Regina Antunes; GUARIM NETO, Germano. **Um olhar sobre as benzedoras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 3, p. 61-77, set./dez. 2006.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedoras**. Psicologia: Ciência e Profissão Abr/Jun. v. 37 n°2, 446-460. 2017.

MARINHO, Marco Antônio Couto. **Trajetórias de Vida: um conceito em construção**. Portal de Periódicos Eletrônicos da PUC Minas, 2017.

MELO, Cynthia de Freitas. et al. **Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura**. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2015.

MIRANDA, Mariana Santos; FONSECA, Vitória Azevedo. **Diversidade Religiosa Diamantinense: a umbanda e o protestantismo**. In: Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congr. Internacional de Linguagem e Tecnologia, 2020.

MONDARDO, Marcos; NASCIMENTO, Rosânia do. **Povos indígenas, comunidades quilombolas e migrações**. Revista Tocantinense de Geografia, v. 12, n. 26, p. 01-21, 2023.

MOSER, Lilian Maria. et al. (Orgs.). **Das matas, rios e cidades: Culturalidades e Historicidades Rondonienses**. ISBN -978-85-5696-752-7. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção**. MNEME – Revista de Humanidades, 11(29), – JAN / JULHO, ISSN -1518-3394. Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Caicó, 2011.

MONSERRAT, Ruth. et al. **O sinal da Cruz em um catecismo na língua geral da Amazônia [175-]**. IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica. Vol. 6 nº 2, julio-diciembre 2018

NASCIMENTO, Luiz Paulo do; SILVA, Giselda Shirley da. **Patrimônio e Cultura: a arte de benzer em Paracatu**. Humanidades e Tecnologia (FINOM), v. 16, n. 1, p. 361-374, 2019.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé**. In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006, Uberlândia/MG. Anais. Uberlândia/MG: 2006.

NOGUEIRA, Léo Carrer; Versonito, Suelen Malheiro; TRISTÃO, Bruno das Dores. **O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – O caso do município de Mara Rasa, Goiás, Brasil**. Élisée, Rev. Geo. UEG, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 167-181, jul./dez. 2012.

NUERNBERG, Adriano Henrique; ZANELLA, Andréa Vieira. **A relação natureza e cultura: O debate antropológico e as contribuições de Vygotski**. Interação em Psicologia, Revista UFPR, 7(2), p. 81-89, 2003.

OLIVEIRA, Camila de; CAMPIGOTO, José Adilçom; SCHOERNER, Anselmo. **Benzedores do Cupim: Narradores de História**. Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.], v. 16, n. 36, p. 149–182, 2015.

OLIVEIRA, Tayane Aparecida Rodrigues. **Reza Antiga, Cura Certa Bênçãos, Memórias e Quebrantos: O Ofício da Benzedura na cidade de São João Del-Rei**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São João Del-Rei. São João Del-Rei/MG, 2022.

PAZELLO, Gabriela Eluiza. **Uma análise sobre a sabedoria tradicional da cura por meio do ato de benzer**. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; GOMES, Daniel Pinto; CASTRO Simone Oliveira de. **Práticas de Lazer do Povo Indígena Tremembé**. Licere, Belo Horizonte, v.22, n.2, jun, 2019.

PEREIRA, Andréia Maria. **A riqueza Sociolinguística e Cultural dos Povos indígenas de Rondônia**. In: Anais do SIELP. Vol. 1, Nº 1. ISSN 2237-8758. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres; CASTRO, Valdiney Valente Lobato de; CALDAS, Yurgel Pantoja. (org.). **Literaturas do Norte: Vozes e escritas da Amazônia**. Fundação Universidade Federal do Amapá, ISBN: 978-65-89517-40-5. Macapá: UNIFAP, 2022.

PELEGRINI, Sandra C.A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Guilherme de Miranda; LILIANE, Karina; VIRGINIO, Roseane Monteiro (org.). **Festival Alagoanes: 100 anos de audiovisual em Alagoas**. ISBN: 978-65-998464-0-3. Maceió/Al: Aka Produtora, 2022.

REIS, Luiza Silva Castro; BRASILEIRO, Ricardo Adriano Massara. **As Benzedoras e o Sagrado como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 32, n. 2 p. 283-292, 2022.

ROSA, Wanderléia dos Santos. **Rezas, rezadeiras e juventude na comunidade Vão de Almas, Cavalcante-GO**. Monografia (graduação). Repositório Universidade de Brasília, Planaltina – DF, 2013.

RUBEM, Erik Gonçalo. **O Benzimento e os saberes tradicionais em saúde no município de Amaturá-AM**. Dissertação de Mestrado. Repositório Universidade Federal do Amazonas – UFAM. p-141, 2022.

SALGADO, Liliane Lizardo. **Mutawarisá: Benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cachoeira - Alto Rio Negro**. Dissertação de Mestrado. Repositório Universidade Federal do Amazonas – UFAM. p-169, 2016.

SANTOS, Carolina Luisa Bastos. **Benza Deus, três vezes no coração: saberes e fazeres das rezadeiras do terreiro Bate Folha como poética de dança afroancestral**. Dissertação (mestrado) Repositório Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2021.

SILVA, Cleonice Maria da. **O desaparecimento das plantas medicinais do Cerrado: as implicações nas práticas de cura dos(as) raizeiros(as), benzedores(as), curandeiros(as) e pajés das comunidades indígenas Pankararu-Pataxó e Aranã**. Monografia, Repositório Universidade de Brasília. Alto Paraíso de Goiás – GO, 2018a.

SILVA, Elizângela Cardoso de Araújo. **Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 133, p. 480-500, set./dez. 2018b.

SILVA, Cilma Laurinda Freitas e. **Uso Terapêutico e Religioso das Ervas**. Caminhos - Revista de Ciências da Religião, volume 12, número 1, página 79-92, 2014.

SILVA, Giselda Shirley da. **A Arte de Benzer e uso das Plantas Medicinais: Práticas e representações orais de benzedores e raizeiros acerca do saber fazer em João Pinheiro (MG)**. X Encontro Regional Sudeste de História Oral. Educação das Sensibilidades: Violência, desafios contemporâneos. Campinas – UNICAMP, 2013.

SILVA, Giselda Shirley da. **Benzedores e raizeiros: saberes partilhados na comunidade remanescente de quilombo de Santana da caatinga – 1940-2011**. Revista Mosaico, v.3, n.1, p.33-48, jan./jun. 2010a.

SILVA, Reijane Pinheiro da. **O índio negado e o índio desejado: a “pacificação” dos indígenas na construção da identidade do Tocantins.** Tellus, Campo Grande – MS, ano 10, n. 19, p. 145-162, jul./dez. 2010b.

SILVA, Giselda Shirley da. **O Significado Cultural e Religioso das Benzeções: Prática e representações de benzedores de João Pinheiro.** XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: Velho e novos desafios. 27 a 31 de julho, Florianópolis-SC, 2015.

SILVA, Verônica Teles dos Santos. **Benzedoras de Goiás: Resistência e Memória Popular.** Monografia, pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2022.

SOUZA, Gisele Luiza de; CÂNDIDO, Gláucia Vieira; CURADO, Maria Eugênia. **Arte Indígena Karajá como Linguagem de Resistência Cultural e Afirmação Identitária.** p. 118-137 – Inhumas/Goiás Brasil. ISSN 1986-6576 v.9 n.3, Set., 2017.

SOUZA, Diogo Rodrigues; RODRIGUES, Elaine Cristina Araújo Medeiros de Souza. **Plantas Medicinais: Indicação de Raizeiros para o Tratamento de Feridas.** Rev Bras Promoç Saúde, Fortaleza, 29(2): 197-203, abr./jun., 2016.

SOUZA, Conceição Rodrigues. et al. **Práticas populares de saúde no cotidiano das famílias Ribeirinhas da comunidade foz do rio Mazagão Velho, Amapá, região Amazônica Brasileira.** Brazilian Journal of health Review, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 6, 1495-1509, 2019.

SCARPIM, Fábio Augusto; TREVISAM, Mariana Bonat. **História e Memória: Diálogos e Tensões.** Editora Intersaberes. 1ª edição, Curitiba, 2018.

SGANZERLA, Camila Mabel. et al. **Aspectos socioeconômicos e culturais de benzedores que utilizam plantas medicinais em suas práticas populares de cura, no Município de Guatambu, Santa Catarina.** Society and Development, v. 10, n. 13, e451101321538, 2021.

TEIXEIRA, Carolina de Castro. **Benzimento: a resistência em forma de cuidado clama por seu espaço nas políticas públicas de saúde integrativa.** Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 9 (20): 41-56, maio a agosto de 2022.

TRINDADE, Deilson do Carmo. **Ainda se benze em Parintins: rezas e simpatias nas práticas das mulheres benzedoras.** Deilson do Carmo Trindade, 2011.

TRINDADE, Deilson do Carmo. **Fé e Cultura Amazônica Na Benção e Rosa Gomes.** In: Anais do III Congresso Pan-Amazônico e IX Encontro Norte de História Oral – “História oral, memória e Interdisciplinaridade”, 2015.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Pajés, Benzedores, Puxadores e Parteiras os Imprescindíveis Sacerdotes do Povo na Amazônia.** Proext/MEC, a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), 2016.

VIEIRA, José Guilherme Silva Vieira. **Metodologia de Pesquisa Científica na Prática.** Curitiba: Editora Fael, 2010.

ANEXOS

Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa intitulada: **A ORAÇÃO QUE CURA: OLHARES E VIVÊNCIAS DE BENZEDEIROS(AS) NO MUNICÍPIO DE TEFÉ/AM, O PODER CURATIVO DA ORAÇÃO**, sob a responsabilidade da pesquisadora Adriana Nonato Braga, mestranda no Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas, situado na Estrada do Bexiga, 1085, Jerusalém, Tefé – AM, com endereço eletrônico anb.mic22@uea.edu.br e telefone celular (97) 9 8424-9157, a qual pretende compreender e identificar o benzimento no município de Tefé - AM, investigando as trajetórias e ritos dos(as) benzedores(as), a partir de suas narrativas.

Esse estudo pretende realizar uma pesquisa de campo sobre a história dos colaboradores da pesquisa; Investigar como se adquire o dom do benzimento apontando quais são suas influências e a importância da prática; Compreender os rituais que fazem parte do ato de benzer; Identificar as ressignificações das práticas de benzimento a partir das memórias dos(as) benzedores(as); Entender a partir da ótica dos(as) benzedores(as) do município de Tefé e Alvarães como é a realidade de quem é adepto desta prática. Sua participação é voluntária e se dará por meio do Questionário com perguntas abertas e fechadas com o intuito de fazer o uso da oralidade para dar-se a abertura a conhecer a história dos participantes, e, conseqüentemente, do grupo em que este se insere.

Conforme em qualquer projeto de pesquisa que envolve seres humanos, é importante destacar que existem alguns riscos potenciais aos sujeitos envolvidos, embora estes serão minimizados ou eliminados durante o processo. Os riscos identificados neste estudo incluem possíveis desconfortos ao responder o questionário, bem como a ocorrência de constrangimentos relacionados às respostas sobre os aspectos culturais, sociais, espirituais, físicos, morais, psíquicos e intelectuais. Pensando nessas possibilidades de riscos, de antemão, será realizada uma apresentação completa da pesquisa ao participante, na qual pretende apresentar os objetivos desta pesquisa sendo ainda apresentado o roteiro com todas as perguntas a serem realizadas posteriormente. Desta forma o(a) participante da pesquisa poderá sanar quaisquer dúvidas e até mesmo optar por não responder alguma das perguntas caso esta questão lhe cause desconforto visando garantir a transparência e o entendimento dos procedimentos envolvidos e o bem-estar do sujeito da pesquisa.

É relevante ressaltar que todos os dados coletados serão estritamente utilizados para fins científicos da pesquisa, assegurando assim o tratamento dos dados de forma ética a fim de evitar possíveis constrangimentos ou danos em diferentes escalas. Se o participante optar por manter algumas de suas informações pessoais confidenciais, estas serão tratadas com total sigilo.

Outrossim, destaca-se que o contato com os participantes será estabelecido apenas após a aprovação do protocolo pelo Sistema CEP/CONEP e mediante a autorização das autoridades competentes da Universidade do estado do Amazonas – UEA.

Para garantir a proteção e esclarecimento dos direitos dos participantes, será elaborado o Termo de Consentimentos Livres e Esclarecidos – TCLE, elaborado em duas vias: uma para o participante da pesquisa e outra ao pesquisador. A assinatura do termo será um ato voluntário

e livre, demonstrando a plena concordância e entendimento de todos os aspectos relacionados à pesquisa, a ética e o cuidado com a integridade dos participantes que são primordiais para a condução responsável desta pesquisa.

Com total transparência e respeito, buscamos contribuir para o avanço do conhecimento científico, valorizando a participação e colaboração dos envolvidos no estudo. Ressaltamos ainda que para minimizar os riscos da pesquisa, serão adotadas medidas como o consentimento informado dos participantes, avaliação ética, seleção criteriosa dos participantes, uso de ferramentas adequadas, comunicação constante, a fim de garantir que o pesquisador respeite as informações coletadas dos participantes. Essas estratégias visam garantir a segurança e bem-estar dos envolvidos e a condução ética e responsável do estudo.

É importante mencionar que cada participante tem total liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento, seja antes ou após a coleta dos dados, sem qualquer prejuízo pessoal. Caso algum participante opte por desistir de continuar participando, disponibilizamos o contato direto com o pesquisador no endereço (Estrada do Bexiga, 1085, Jerusalém) e pelo telefone (97) 98424-9157 e e-mail: anb.mic22@uea.edu.br.

A assinatura do termo será um ato voluntário e livre, demonstrando a plena concordância e entendimento de todos os aspectos relacionados à pesquisa. A ética e o cuidado com a integridade dos participantes são primordiais para a condução responsável desta pesquisa. Com total transparência e respeito, buscamos contribuir para o avanço do conhecimento científico, valorizando a participação e colaboração dos envolvidos no estudo.

Contudo, será realizado o ressarcimento financeiro caso ocorra eventuais despesas do participante da pesquisa, quando necessário ao estudo. Além do mais, será assegurado o direito a indenização e cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa, além do direito de assistência integral gratuita devido a danos indiretos e imediatos decorrentes da participação no estudo. Os participantes da pesquisa, não terão nenhuma despesa e também não receberão nenhuma remuneração.

No entanto, por meio desta pesquisa e do subsequente aprofundamento na temática, almeja-se apresentar de forma nítida e concisa o significado e a prática da benzeção. Pretende-se, assim, criar um registro dessa ancestral tradição que tem sido transmitida de geração em geração. Ademais, este estudo pode servir como um meio de dar visibilidade à benzeção dentro e fora da comunidade.

Deste modo, essa pesquisa pode trazer benefícios à comunidade, destacando que a benzeção ultrapassa a expressão religiosa, podendo auxiliar na saúde. Isso pode valorizar a tradição e ajudar futuros praticantes a entender seu potencial terapêutico, impactando positivamente a comunidade, uma vez que este estudo trará perspectiva de distintos benzedores de culturas diferentes.

Assim, a partir desta visibilidade, a prática do benzimento poderá atrair novos adeptos, tanto aqueles que desejam aprender a benzer quanto aqueles que buscam ser benzidos. Isso, por sua vez, fortalecerá e contribuirá para a continuidade e preservação dessa importante tradição daqueles que a praticam constantemente.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para pesquisas relacionadas a prática do benzimento e as vivências de benzedores. Se depois de consentir em sua participação o Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em

qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

O Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, e se o Sr.(a) concordar, sua identidade será divulgada. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

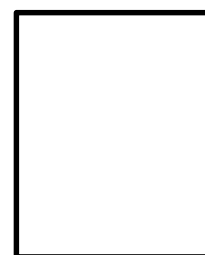
Consentimento Pós-Informação.

Eu, _____, li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) Participante(a)

Assinatura da pesquisadora

Data: ____/____/____



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA
(Polegar Direto, Caso Necessário)

Anexo II**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. Qual o seu nome, _____, idade _____
e local de nascimento _____ Gênero: _____,
Raça: _____ Etnia: _____ Endereço: _____

2. Conte um pouco da sua história/trajetória de vida.

3. Qual foi o seu primeiro contato com o benzimento e como você decidiu seguir essa prática?

4. Qual tendência religiosa você segue?

4. Quais gestos, orações, canções e plantas que utiliza em sua prática?

5. Quais plantas são utilizadas no ato de benzer e/ou garrafadas e quais seus efeitos para a cura?

6. Como você vê hoje o ato de benzer?

7. Qual a diferença entre seu modo de rezar e a pessoa que lhe ensinou?

8. Como você acredita que é visto pela comunidade em geral? Como você percebe seu papel dentro desta comunidade?

9. Como é e o que é ser benzedor na sua vertente religiosa?

8. Por que você acredita que as pessoas procuram, nos dias atuais, um benzedor? Como a pessoa pode ser amparada?

9. Ao longo da sua trajetória você acha que está sendo mais ou menos procurado?

10. Quais são as principais enfermidades que você cura? Quais são as orações e as plantas que você utiliza para tratá-las?

11. Você acredita que o conhecimento sobre a prática de benzer e as plantas utilizadas na cura deve ser preservado e transmitido para as futuras gerações?

12. Há algo a mais que você gostaria de compartilhar sobre suas experiências e percepções em relação ao benzimento?